



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPGSI - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MEMÓRIAS DE MIGRANTES EM ARACRUZ/ES: ANÁLISE DAS
TRANSFORMAÇÕES PSICOSSOCIAIS E URBANAS
1970- 2010**

MARIA RITA DE CÁSSIA SALES RÉGIS

Sob a Orientação do Professor

Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia

Seropédica, RJ
Dezembro de 2016

302

R337m

T

Régis, Maria Rita de Cássia Sales, 1963-
Memórias de migrantes em Aracruz/ES:
análise das transformações psicossociais e
urbanas 1970-2010 / Maria Rita de Cássia
Sales Régis. - 2016.
151 f.: il.

Orientador: Ronald Clay dos Santos
Ericeira.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Psicologia, 2016.

Bibliografia: f. 117-123.

1. Psicologia social - Teses. 2.
Memória coletiva - Aracruz (ES) - Teses.
3. Migrantes internos - Aracruz (ES) -
Teses. 4. Crescimento urbano - Aracruz
(ES) - Teses. 5. Aracruz (ES) - História -
Teses. I. Ericeira, Ronald Clay dos
Santos, 1977- II. Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPGPSI - PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA RITA DE CÁSSIA SALES RÉGIS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, Área de Concentração em PSICOLOGIA.

Orientador: Professor Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira

DISSERTAÇÃO APROVADA em 09 dezembro de 2016

Professor Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Orientador

Professora Dra. Ana Maria Jacó-Vilela
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Professora Dra Luciene Alves Miguez-Naiff
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Dedico aos meus cúmplices de aprendizado e descobertas: Paula Sales, Bene Régis, meus pais, familiares, mestres, amigos (as), alunos (as), clientes. Todos que nessa trajetória doaram de si, compartilharam saberes e emoções neste palco chamado VIDA.

Aos recordadores, pessoas que me presentearam com narrativas das suas memórias, inspirando-me, desafiando-me a viver essa pesquisa de forma plena nesse tempo que passa.

Tempo que passa, tornando-se lembranças guardadas nas memórias.

AGRADECIMENTOS

A fé que escolhi ter em Deus, a qual me credencia para seguir avançando.

Ao Professor Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira pela orientação competente, dedicação, amizade, e indicações de leitura, indispensáveis para a realização deste estudo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ pelas experiências compartilhadas.

Aos funcionários do Instituto de Educação, sempre acolhedores e disponíveis.

Às Professoras Dra. Ana Maria Jacó-Vilela e Dra. Luciene Alves Miguez-Naiff, membros da banca de qualificação, cujas sugestões concederam nova feição ao estudo.

A Angelita e Leonardo Scárdua, Joanir, Lenita Alves, Maria da Penha, Zilma pelo importante apoio em direção ao recomeço.

Aos meus colegas da UFRRJ pelo convívio, tarefas compartilhadas e amizade.

À família Resieri, a Professora Magda Maria Barcellos da Costa, a Giovani Ribeiro Azeredo e esposa do Jornal Infogospel - GIRIAZ Comunicação Coqueiral de Aracruz, a TECVIX e todos de Barra do Riacho pelo acolhimento e apoio durante a pesquisa de campo.

Aos Professores Dr. Jorge Malheiros e colegas do IGOT na Universidade de Lisboa, Dra. Maria Cristina Dadalto e colegas do LEMM - Laboratório de Estudos e Movimento Migratório da UFES, os quais compartilharam saberes no desenvolvimento desta dissertação.

Aos migrantes e suas memórias que abrilhantaram este estudo.

Às equipes do Arquivo Público do ES, Biblioteca Estadual de Vitória, Instituto Jones Santos Neves, Prefeitura de Aracruz - Secretarias de Administração, Assistência Social, Desenvolvimento, Financeiro, Gerência de Geoprocessamento e 5º Batalhão da Polícia Militar.

Por fim, a Alda Luzia Pessotti e Rosana Murayama pela generosa e competente revisão.

Obrigada.

RESUMO

RÉGIS, Maria Rita de Cássia Sales. **Memórias de migrantes em Aracruz/ES: Análise das transformações psicossociais e urbanas. 1970 – 2010.** 2016. 151p Dissertação (Mestrado em Psicologia, Área de Concentração Processos Psicossociais e Coletivos). Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

O presente estudo identificou transformações psicossociais e urbanas em Aracruz examinando-as à luz da Psicologia Social. Para o alcance desse objetivo tomou-se por base as memórias contidas nas histórias de vida dos migrantes residentes nos bairros Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho, ambos situados em Aracruz, município do norte do Estado do Espírito Santo/ES, entre as décadas 1970 e 1980. Comumente, no período temporal pesquisado, atribuíam-se tais transformações ao desenvolvimento industrial e movimento migratório. Desvelou-se, portanto, a influência e preponderância destes fenômenos (industrialização e movimento migratório), no percurso destas transformações psicossociais e urbanas. Para tanto, discorreu-se sobre a fundação dos bairros, sua história e, por meio de análise comparativa, foram apresentados aspectos que consolidam as transformações identificadas a partir da década de 1970 até o ano de 2010. A pesquisa permeou metodologicamente aspectos qualitativos por propiciar discernimento que se referem aos motivos, interações, ações e relações grupais. A metodologia aplicada no levantamento e análise de dados firmou-se na Psicologia Social, sustentando-se na Teoria das Migrações e Campo de Estudo da Memória Social.

Palavras-chave: Memória Social. Migrante. Transformações psicossociais e urbanas.

ABSTRACT

RÉGIS, Maria Rita de Cássia Sales. **Memories of migrants in Aracruz / ES: Analysis of psychosocial and urban transformations. 1970- 2010.** 2016. 151p Dissertation (Master in Psychology, Area of Concentration Psychosocial and Collective Processes). Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

The present study identified psychosocial and urban transformations in Aracruz, examining them in light of Social Psychology. In order to achieve this goal, the study was based on memories of life stories of immigrants who lived in the neighborhoods of Coqueiral de Aracruz and Barra do Riacho, both located in the municipality of Aracruz, in north of the State of Espírito Santo (ES), Brazil, between the 1970s and 1980s. In the study period of time, those transformations were commonly attributed to industrial development and migrant influx. Therefore, it revealed the influence and predominance of these phenomena (industrialization and migrant movement) on the path of these psychosocial and urban transformations. For this purpose, the study addressed the creation of these neighborhoods, their history and, through comparative analysis, we presented aspects that consolidate the transformations identified from the 1970s to 2010. The research permeated qualitative aspects by allowing us to understand the reasons, interactions, actions and group relationships. The methodology employed for gathering and analyzing data is grounded on Social Psychology, supporting the Theory of Migrations and Study Field of Social Memory.

Keywords: Individual and Social Memory. Migrant. Psychosocial and urban Transformations.

LISTA DE FIGURAS

Número	Título	Página
Figura 1	Localização do Espírito Santo	41
Figura 2	Infraestrutura de Transporte	45
Figura 3	Mapa Localização Município de Aracruz	53
Figura 4	Limites Administrativos de Aracruz	58
Figura 5	Documento Delimitação dos Bairros Lei Número 3.240, de 22/10/2009	61
Figura 6	Cartografia da Orla do Município de Aracruz	64
Figura 7	Cartografia do bairro Coqueiral de Aracruz	70
Figura 8	Perspectivas da Casa grande – (Século XIX e XX) – Hoje Casa Assombrada	71
Figura 9	Manchete Jornal: Progresso Assustou Habitantes	73
Figura 10	Manchete Jornal: Barra do Riacho Pedu Socorro	75
Figura 11	Folder Divulgação Boate Bahay Pinoy	76
Figura 12	Normas da Casa da Mama	76
Figura 13	Venda imóvel da Tecvix para Catarina	77
Figura 14	Manchete Jornal: 8 mil operários	79
Figura 15	Cartografia do bairro Barra do Riacho	81

LISTA DE GRÁFICOS

Número	Título	Página
GRÁFICO 1	Brasil e Espírito Santo	46
GRÁFICO 2	Brasil – Espírito Santo – Taxa anual de variação do PIB	48

LISTA DE TABELAS

Número	Título	Página
Tabela 1	PIB Brasil/Espírito Santo 1970-1998	47
Tabela 2	Espírito Santo: Composição do PIB-1953-1998	47
Tabela 3	Evolução da População residente no Município de Aracruz	49
Tabela 4	População Urbana e Rural de Aracruz, do ES e Brasil	50
Tabela 5	Dados Demográficos do Município de Aracruz-ES	59
Tabela 6	Dados Demográficos - Censo Migrantes Gênero Homem	59
Tabela 7	Resultados da Amostra – Censo Migrantes Gênero Mulher	60
Tabela 8	Censo Pessoas que não residentes	60
Tabela 9	Tipos de casa-Área e quantidade de Dormitórios	67

LISTA DE QUADROS

Número	Título	Página
Quadro 1	Categorias Temáticas	39
Quadro 2	Comparativo Equipamento público comunitário dos bairros Barra do Riacho e Coqueiral de Aracruz	.87

LISTA DE SIGLAS

APES - Arquivo Público do Espírito Santo
COFAVI - Companhia Ferro e Aço de Vitória
CST- Companhia Siderúrgica Tubarão
CSN – Companhia Siderúrgica Nacional
CVRD – Companhia Vale do Rio Doce
DDD – Discagem Direta a Distância
DDI – Discagem Direta Internacional
EJA – Estaleiro Jurong
EMBRATEL - Empresa Brasileira de Telecomunicações
FACHA - Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz
GERCA - Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGOT – Instituto Geografia Ordenação do Território de Portugal
IJSN – Instituto Jones Santos Neves
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPES - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais
LEMM – Laboratório de Estudos e Movimento Migratório
NEPE – Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais - UERJ
RIPI – Regulamento Imposto sobre Produtos Industrializados
SANTUR - Santa Cruz Urbanizadora S.A
TELEST- Telecomunicações do Espírito Santo S/A
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

Indústria envolvida na Pesquisa:

ARACRUZ CELULOSE - Indústria, atualmente denominada FIBRIA; no texto da pesquisa manteve-se o nome original.

SUMÁRIO

RESUMO	05
ABSTRACT	06
1 INTRODUÇÃO	12
OBJETIVOS	21
PERCURSO METODOLÓGICO	22
1.1 TEORIAS DA MEMÓRIA E MIGRAÇÕES	22
1.2 DAS TÉCNICAS DE PESQUISA	33
1.3 DOS RECORDADORES	34
1.4 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	35
2 BREVES INCURSÕES NO ESPÍRITO SANTO: RELEVÂNCIA DO MUNICÍPIO DE ARACRUZ	41
2.1 SAUAÇU – ARACRUZ	49
2.2 ARACRUZ CELULOSE INDÚSTRIA	62
3 PEQUENAS DISTÂNCIAS, GRANDES CONTRASTES	63
3.1 BAIRROS DA ORLA DE ARACRUZ	65
3.2 COQUEIRAL DE ARACRUZ OU PARAÍSO	66
3.3 BARRA DO RIACHO OU TÁRTARO	71
3.4 TRANSFORMAÇÕES URBANAS.....	82
3.5 EQUIPAMENTO PÚBLICO COMUNITÁRIO.....	85
4 HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS DOS MIGRANTES	88
4.1 O EXECUTIVO ÍTALO DE COQUEIRAL DE ARACRUZ.....	89
4.2 O TRABALHADOR SILVA DE COQUEIRAL DE ARACRUZ.....	90
4.3 O VIAJANTE TONI DE BARRA DO RIACHO	91
4.4 A PROFESSORA LINA DE BARRA DO RIACHO	92

4.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	93
4.5.1 HISTÓRICO DA INFANCIA E BASE FAMILIAR.....	95
4.5.2 CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA EDUCAÇÃO DOS FILHOS.....	98
4.5.3 TRABALHO E POLÍTICA.....	103
4.5.4 TRANSFORMAÇÕES URBANAS E INDUSTRIALIZAÇÃO.....	108
5 PONTOS, PESPONTOS E CONCLUSÕES DA HISTÓRIA - PERSPECTIVAS	
FUTURAS.....	112
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
ANEXO 1 TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...124	
ANEXO 2 ENTREVISTAS RECORDADORES.....	125
L.S. Ítalo.....	125
J.B. Silva.....	131
A. Toni.....	140
N.S. Lina.....	147

1 INTRODUÇÃO

*“A inovação só se justifica pela criação de obras
significantes para a coletividade”.*

Ecléa Bosi

A história que marca o tempo a partir dos eventos e que progressivamente nos distancia do passado revela o quanto nas últimas quatro décadas o olhar e os modos de viver sofreram mudanças. Desde que se tem notícia dos primeiros registros feitos pelo homem, inúmeros foram os fenômenos que corroboraram e estimularam sucessivas transformações. Nesta pesquisa o objeto do nosso estudo foi identificar transformações psicossociais e urbanas, examinando-as à luz da perspectiva da psicologia social. Para tanto, evocamos dois dos tantos fenômenos existentes que nos servem como pano de fundo nessa investigação. O primeiro refere-se à Industrialização no Brasil, que estimulou os mais diversos estudos, tangenciando com a Economia, Política, Sociologia, Geografia entre outros campos do saber; o segundo refere-se ao movimento migratório que estabelece ritmo de crescimento populacional, deslocamento de remessas financeiras, mudanças na paisagem dos bairros e cidades, para além dos resultados que se pode denominar desenvolvimento do mundo globalizado.

Semelhante à Industrialização quando do seu surgimento e primeiros passos no Brasil, o movimento migratório, nos dias atuais, sobretudo, é percebido como um dos fenômenos mais controversos, que chama atenção dos vários campos do saber pelas peculiaridades que fazem as pessoas se deslocarem, se movimentarem de um ponto a outro, seja por ausência de oportunidade de trabalho, sejam as guerras civis, ou mesmo o forte desejo de conquistar melhores condições de vida e do viver. Construção identitária, urbanização, segregação, desigualdade, sustentabilidade são temas que fomentam e desafiam pesquisadores a fim de desvelar soluções e melhor gestão desses temas frente à condição humana.

Relatou-se nessa pesquisa a dinâmica da industrialização a partir do movimento migratório e no percurso das transformações psicossociais e urbanas no enfoque da psicologia social, na tentativa de compreender como se dá essa metamorfose ambulante, parafraseando

Raul Seixas (1973), tanto nas histórias de vidas dos participantes da pesquisa, quanto nos locais que estes elegem e determinam como seus.

Importante ressaltar que o conceito de Industrialização aqui adotado partiu do Decreto 7.212/2010, no seu Artigo 4º do Regulamento do Imposto sobre Produto Industrializado (RIPI) que caracteriza industrialização como qualquer operação que modifique a natureza, o funcionamento, o acabamento, a apresentação ou a finalidade do produto, ou o aperfeiçoe para consumo.

O pesquisador investigou as transformações psicossociais e urbanas que ocorreram no período de 1970 a 2010 nos bairros Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho no município de Aracruz, norte do Estado do Espírito Santo/ES. Para isto, detém-se na memória das pessoas que, no período entre 1970-1980, fixaram residência nestes bairros.

O Estado do Espírito Santo situa-se na Região Sudeste, circunscrito pelo oceano Atlântico a leste, com a Bahia ao norte, com Minas Gerais a oeste e com o Rio de Janeiro ao sul, com uma população em 2010 estimada em 3.839.366 pessoas e área de 46.095.952 km², com 78 municípios. Dentre esses, encontra-se o município de Aracruz, local de nosso estudo. Ao fomentar a implantação dos projetos industriais nos municípios, o Estado pretendia, em períodos de retração, transformação ou recessão da economia, garantir e preservar condições satisfatórias à população, bem como acompanhar e se inserir na trajetória dos Estados vizinhos, assegurando sua inserção no processo de industrialização. (IBGE, 2013)

Tanto Bittencourt (1987, p. 207) quanto Siqueira (2010, p. 14) relatam que o Espírito Santo enfrentou a desestruturação do modelo agrário exportador centrado no plantio e comercialização do café, ao adotar novo padrão de acumulação – o industrial, nas décadas 1950-1960, quando aderiu aos projetos desenvolvimentistas, mais conhecidos no Estado como projetos industriais de impacto.

Esse movimento retardatário comparado aos demais Estados da Região Sudeste deve-se, possivelmente, no olhar de SIQUEIRA (2001) a inexpressiva força política do Estado do Espírito Santo quando, para sair da posição indefinida, precisou pender ou para a prosperidade sulista ou para a pobreza nordestina.

O regime político militar foi instaurado em 1964 via golpe de Estado. O autoritarismo, a censura e repressão foram estabelecidos com vistas a estancar o avanço da conjuntura anterior marcada pela mobilização política e social.

Para legitimar-se, a ditadura criou sua própria jurisprudência a partir dos Atos Institucionais (AI), o que possibilitaram sua escalada rumo ao autoritarismo. No entanto, contrastando com essa ação, segundo Oliveira (2010, p. 374-375) os estudos do jornalista Ronaldo Luiz Cassundé (2008) informam que o regime ditatorial militar implantou políticas de desenvolvimento tecnológico, de integração nacional e de comunicação de massa, que possibilitaram condições estruturais para a ampliação da interação entre as modernas técnicas de propaganda política e campanhas eleitorais.

Contudo, no Espírito Santo, o período que antecedeu ao regime militar de 1964 era marcado por altíssimo grau de pragmatismo e fisiologismo. O que cooperou para a desconstrução dessa posição política do Estado foi o intenso processo de desenvolvimento industrial.

Nas palavras de Harvey (1982), o crescimento das cidades, geralmente relacionava-se à indústria, à demanda de mão de obra e às condições necessárias à produção do trabalho. Nas últimas quatro décadas do século XX, portanto, tornaram inevitáveis as transformações na demografia tanto do Estado do Espírito Santo quanto no município de Aracruz, sobretudo nos bairros destacados, influenciando os modos de viver e de operar da população que ali chegava, fixando residência, redesenhando a paisagem urbana.

Considera-se como fatores que possibilitaram a implantação de projetos industriais nas regiões: 1) histórico-econômicos, ou seja, mão-de-obra, capital, mercado consumidor - interno e externo – tecnologia e transportes; 2) naturais, ou seja, matérias-primas e fontes de energia, por exemplo.

A história das manufaturas no Brasil tem um percurso não tão recente. Em 1808, Dom João VI revoga o Alvará de 5 de janeiro de 1785 que abolia a proibição da criação de manufaturas e indústrias com os seguintes dizeres:

"Eu o príncipe regente faço saber aos que o presente alvará virem: que desejando promover, e adiantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciais dela as manufaturas, e melhoram, e dão mais valor aos gêneros e produtos da agricultura, e das artes, e aumentam a população dando que fazer a muitos braços, e fornecendo meios de subsistência a muitos dos meus vassallos [...]" (JUNTA DO COMÉRCIO, 1808).

Entretanto, no período de 1822 a 1930, o Brasil era considerado como eminentemente agroexportador quando surgiram os primeiros rudimentos de industrialização artesanal. Conforme as referências clássicas da historiografia econômica do Brasil, como Celso Furtado (2005, p.196) e Caio Prado Júnior (2012, p.195 e 202), a industrialização brasileira começou efetivamente na década de 1930, quando se consolidou e disseminou no país a partir de Vargas.

O Estado altera o quadro com o Governo Vargas criando as empresas estatais do setor de base, como a Companhia Siderúrgica Nacional-CSN, a PETROBRÁS e a Companhia Vale do Rio Doce - CVRD (mineração). O período, entre 1956-1989, consolida a aliança entre o capital estatal e o capital estrangeiro; o governo Juscelino Kubitschek deu início à chamada "Internacionalização da Economia", quando possibilitou a entrada de empresas transnacionais, notadamente do setor automotivo, que perdurou durante o período dos governos militares (1964 a 1985).

Neste, a modernização conservadora do governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), no período conhecido como o de "Milagre Brasileiro", que possibilitou o crescimento econômico, mas também o aumento da dívida externa e concentração de renda. Esse período, segundo a história, revelou ser um dos mais contundentes da Ditadura.

Ela mobilizou, inclusive, a classe artística a se manifestar, como por exemplo, o cantor e compositor Tom Zé, que nos brinda, em tom irônico, com a letra da música Parque Industrial, no decorrer do ano de 1968, fazendo alusão à Industrialização.

Retocai o céu de anil
Bandeiras no cordão
Grande festa em toda a nação
Despertai com orações
O avanço industrial
Vem trazer nossa redenção

TOM ZÉ, (1968.)

Para harmonizar tempo e movimento nessa investigação, buscamos desenhar uma estratégia que atendesse, dentro do período determinado, às inúmeras indagações, tais como: De onde vieram os migrantes? O que os motivava a sair do local de origem? Como vieram? Como encontraram os bairros e como foram recebidos? O que essa mudança trouxe para as vidas deles? Como se inseriram na comunidade e hoje como se encontram? As empresas trouxeram benefícios, malefícios, quais seriam estes? Foram de alguma forma beneficiados pelo poder público ou indústria? Com vistas a articular as ações, estabelecemos um cronograma que contemplasse as visitas para posterior apresentação da região, do local pesquisado, sua conformação, espraiamento, atrativos, relevância econômica, representatividade política e vulnerabilidade, tracejando o percurso entre o que era e a situação recente a partir dos contrastes nos dados sócio demográficos desses bairros e assim debruçar o olhar sobre os serviços urbanos oferecidos, equipamentos públicos disponíveis, dados oriundos das Secretarias de Assistência, Trabalho, Educação, Saúde e Segurança, esta última aplicada parcialmente por não ser o foco dessa pesquisa. No site do IBGE identificamos dados quanto à composição do PIB, dados demográficos do município de Aracruz, Censo Migrantes e de pessoas não residentes. Prosseguimos com a realização das entrevistas para coleta das histórias da vida, transcrições, análise das mesmas, identificação dos tipos das memórias presentes nas histórias de vida, definição dos campos semânticos a partir de pontos de saturação, ou seja, a partir da acentuada repetição no corpo do texto e a partir dessa prevalência, alcançamos categorias temáticas diversas. A partir desse ponto elegemos as categorias mais alinhadas aos objetivos da pesquisa, discernindo, por fim, os aspectos psicossociais prevaletes o que nos possibilitou o tratamento mais apurado na análise dos dados.

Tendo iniciado um estudo dessa ordem, fez-se necessário aclarar as motivações da autora. Miríade de motivos poderia justificar a escolha do objeto, tema e recorte do presente estudo, no entanto, dois fatos destacaram-se: o primeiro, de a pesquisadora ter fixado residência no ano 2000 na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo; o segundo por atender empresas terceirizadas da Aracruz Celulose em processos seletivos e treinamentos.

Nesse contexto, passou a acompanhar o volume de pessoas que chegavam de várias partes do Brasil, de Estados vizinhos e do interior do Espírito Santo, sob o argumento de melhorar a condição de vida, uma vez que no lugar de origem não conseguiam manter suas famílias, não conseguiam adquirir a casa própria, um carro ou mesmo dar condição de estudos para os filhos. Para alcançar as metas estabelecidas, essas pessoas, além de desgarrar-se de suas famílias, de sua origem, submetiam-se, inicialmente, a condições sub-humanas de vida que, segundo constatamos, redundaram muitas vezes em êxito, outras tantas em frustração.

Os aspectos que determinavam a escolha prévia do bairro onde permaneceriam referiam-se a onde podiam viver decentemente, trabalhar e ser mais bem remunerados, a fim de darem boa condição à família e criarem seus filhos em paz.

Tais critérios guardavam, portanto, suas expectativas e o que essas experiências agregariam às suas vidas. Cabe destacar que, especificamente quanto ao tema, esse estudo não passa pelo crivo da originalidade, no entanto quanto à região Norte do Espírito Santo e município Aracruz, associado ao tema da migração concedem ao mesmo a condição de original, pois as pesquisas nessa região tratavam invariavelmente de questões ambientais.

Desta maneira encontramos estudos de relevância observaram esses mesmos fenômenos com vistas a situar a Academia e o Poder Público capixaba, quanto aos impactos econômicos, sociais e ambientais sofridos nos municípios da Região da Grande Vitória (SIQUEIRA, 2010) Vitória-Serra (RODRIGUES, 2008), Guarapari, Anchieta, Piúma (RODRIGUES, 2012) e em Porto Alegre (SARRIERA, et al, 2005) no que concerne à industrialização, migração, urbanização, violência e aspectos psicossociais, bem como Estado do Rio de Janeiro, nos municípios de Macaé e Seropédica (ERICEIRA; MONTEIRO et alia, 2013).

Portanto, pesquisar o Norte do Espírito Santo nos contornos anteriormente citados, poderá vir a tornar-se um estudo útil aos interesses do poder público no que se refere à elaboração de políticas públicas focalizadas na condição e acolhimento ao migrante, ao planejamento prévio dos municípios que sofrem transformações no ambiente social e urbanização com a instalação de projetos desenvolvimentistas (Indústrias). Também à academia, no sentido de complementar os estudos realizados por pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Além das pesquisas já citadas sobre os bairros, identificamos outras que versam sobre fluxos migratórios no Brasil nas áreas da Geografia, Psicologia, Economia e que em muito cooperaram para a sistematização do presente estudo.

Já na década de 1920, nos EUA, Elton Mayo, um dos tantos teóricos da escola das Relações Humanas, concebeu o homem social como um ser que necessita de interação com outras pessoas para compartilhar seus valores e sentimentos. Nessa concepção, o homem é motivado pela integração social. Já para Ciampa (1989), o homem social é considerado protagonista, personagem e produtor da sua história. Esta pesquisa serviu-se desses autores quando destaca a importância da interação com outras pessoas e o desejo de protagonizar seus percursos, atribuindo ao migrante a condição do deslocar-se em busca de "algo" que não tem.

Avançando na conceituação prévia do que se pretende abordar, trabalharemos o mito fundador, à luz do pensamento de Marilena Chauí na obra "Brasil - Mito Fundador e Sociedade Autoritária", onde afirma que:

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica (CHAUI, 2001, p. 5-7).

Esta afirmativa origina-se do pensamento do filósofo Baruch Espinosa que segundo CHAUI (2001, p. 58), define o Mito Fundador a partir de três constituintes: a natureza, a história e o Estado, respectivamente a obra, a palavra e a vontade de Deus.

Dessa forma, sabemos que o mito é perpassado por narrativas públicas de realizações grandiosas da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), quando fantasiosamente enfrenta os obstáculos impostos pela realidade. Chauí (2001, p. 59) ainda declara que toda fundação impõe um vínculo interno com o passado, com a origem que se preserva no presente e que, continuamente, discerne novos meios de expressar-se seja por meio de novas linguagens, valores ou ideias, repetindo-se historicamente. Outra visão, que pode ser acolhida por essa investigação sobre mito fundador, lá de Benedict Anderson, em Silva (2000).

Quando chama de “comunidades imaginadas”, indivíduos que criam laços que ligam, ainda que no imaginário, os quais do contrário seriam pessoas isoladas sem nenhum sentimento de algo em comum. Nesse processo, a língua tem sido um dos elementos centrais. Juntamente com a língua, acontece a construção de símbolos, tal como o “mito fundador” que remete a um momento crucial do passado seja gesto ou acontecimento heroico, iniciado por uma figura providencial que inaugura as bases de uma suposta identidade, a qual pode ser local, regional ou nacional (SILVA, 2000, p. 85).

A pesquisa de ERICEIRA; MONTEIRO et alia, 2013 abordou quão complexo pode ser para um município enfrentar os processos de urbanização e ocupação de bairros, o que pode ocorrer, via de regra, de forma desordenada, conflituosa, provocando por parte de grupos e movimentos sociais ações organizadas e intervenções, a exemplo do que aconteceu em Seropédica. Compreendemos que não poderíamos investir esforços no sentido de atuar sem realizar a pesquisa de campo, sobretudo, por ser a pesquisa, uma prática social (LANE, 1989, p.18).

Embora não exista a intenção de, nesse momento, aprofundar essa temática, não se pode refutar a influência dos fatos políticos e econômicos no percurso histórico. Enfim, do poder público que torna possível e cria fatores de atração para que empresas industriais assentem seus projetos desenvolvimentistas, como também pactuar condicionantes que reverberam na mobilidade humana, nos aspectos da dinâmica urbana e psicossocial.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que o estudo se refere à relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito a partir das histórias de vidas dos migrantes. A pesquisa documental se insere para tão somente ampliar a narrativa do migrante, jamais para confrontar ou confirmar e sim considerar o que ele traz como sua verdade e memória.

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo ***Breves incursões no Espírito Santo: Relevância do município de Aracruz***, apresentamos um breve histórico do Espírito Santo e do município de Aracruz, a história da implantação da empresa Aracruz Celulose com seus desdobramentos até 2010; no segundo, ***Pequenas Distâncias, Grandes Contrastes*** investigamos o mito fundador, a história dos bairros Barra do Riacho e Coqueiral de Aracruz e a constituição da Orla de Aracruz. De contínuo, o capítulo apresenta comparativamente o perfil socioeconômico e demográfico, as transformações psicossociais e urbanas dos bairros com dados e documentos levantados. No terceiro, ***Histórias de Vida, Memórias de Migrantes***, as vozes e memórias dos recordadores ecoam trazendo os eventos, contextos e particularidades das suas trajetórias, os aspectos psicossociais e transformações urbanas. Para finalizar foram apresentadas as Conclusões com o título: ***Pontos e Pespontos da História, Perspectivas Futuras***.

Neste item foram discutidas perspectivas da localidade a partir de 2010. A tessitura final, portanto, foi sustentada, sobretudo pela inserção nos conceitos da Teoria da Memória individual, Social - Coletiva e Teorias da Migração, as quais permitiram responder algumas das nossas indagações e pressupostos, negando ou afirmando os eventos que se sucederam ao longo do período estudado.

OBJETIVOS

O objetivo mais importante desta pesquisa é o relato sobre transformações psicossociais e urbanas a partir dos fenômenos - industrialização e movimento migratório - ocorridas no município de Aracruz-ES nos bairros Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho, entre as décadas de 1970-2010, bem como a análise dos resultados.

Para alcançar o objetivo proposto, organizamos o estudo em ações e estratégias específicas, que, concretizadas, nos possibilitaram a realização dos seguintes objetivos específicos: (1) construir histórias de vida dos migrantes fixados no município de Aracruz entre as décadas 1970-1980. Consideramos esta uma das partes essenciais desta pesquisa, pois sem a narrativa, não conseguiríamos desvendar quais memórias se destacariam, quais campos semânticos sofreriam saturação. O crescimento e as transformações urbanas que sucederam à implantação dos projetos; (2) relatar a história e o processo de ocupação dos bairros com base nas narrativas e pesquisa documental; (3) discutir a influência e preponderância dos fenômenos industrialização e movimento migratório, nestas transformações.

PERCURSO METODOLÓGICO

1.1 TEORIAS MEMÓRIA – MIGRAÇÕES

1.1.1 Memória

Os antigos gregos atribuíam à memória, a Mnemosyne, mãe das musas protetoras das artes e da história, conceder o poder de voltar ao passado e lembrá-lo para a coletividade. Eternizava os feitos, gestos e palavras, imortalizando os mortais. A memória, portanto, faz-se inseparável do sentimento e da experiência do tempo como algo que ecoa ou passa (CHAUÍ, 2004, p.138).

Complementamos dizendo que, quando não passa, ecoa ao passar pelo coração sendo revivida. Nesse sentido, ao coletarmos narrativas dos migrantes, esta experiência do “reviver” está fadada a acontecer, provocando a memória individual, a ir ao encontro e atar as mãos com a memória social, caminhando na direção da memória coletiva do público específico que veio de outros lugares.

A memória individual, portanto, conforme Halbwachs (2013, p.69) pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, que se modifica a partir do lugar que o sujeito ocupa no grupo e das relações mantidas com o ambiente. Ou seja, a memória individual é construída a partir das vivências pessoais, referências e lembranças próprias do grupo no lugar de socialização do sujeito. Já a memória coletiva é constituída pelos fatos que a tornam a memória oficial da sociedade sejam os lugares, monumentos, obras que apresentam o passado coletivo de uma dada sociedade. Assim sendo, diz-se memória social por estar apoiada nos “quadros sociais de referência” (*les cadres sociaux*) que estruturaram nossa memória inserindo-a na memória da coletividade, além de basear-se na cultura e por meio dos códigos apreendidos por um determinado grupo social nos seus processos de socialização. (POLLAK, 1992, p.2)

Chauí (2004, p. 140), ao referir-se aos “palácios da memória”, de Santo Agostinho, esclarece que este é um lugar onde colocamos imagens, palavras e que, passeando por ele, ordenadamente, recordamos as coisas, pessoas, fatos e palavras.

Cabe mencionar, a partir de Pollak (1989, p. 4) que os fenômenos Projeção e Transferência interferem na organização da memória tanto individual quanto coletiva. Pollak ainda diz que a memória é seletiva, pois nem tudo fica registrado, e sua construção ocorre tanto social quanto individualmente. A concepção de Santo Agostinho, na nossa visão, personificou-se na trajetória do recordador nas narrativas coletadas, no entanto sem a ordenação por ele mencionada. Por outro lado, Bosi diz que “mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana” BOSI (2003 p.19-20).

Além de a Memória nos recordar o mito de Mnemosyne, serviu historicamente para rememorar os mortos, para marcar as comemorações por meio de instrumentos de suporte e símbolos, bem como na construção da memória nacional ou mesmo no sentimento de nacionalismo, construindo as identidades das nações.

A memória tem sido destinada ao público e acessada por meio de documentos da memória nacional, de exposições em museus e bibliotecas, sendo a memória eletrônica a forma mais contemporânea.

Até perscrutar um artigo na Revista Memorandum em 2014, intitulado Rememorações de Idosos sobre transformações ambientais em Seropédica: Uma Análise Psicossocial, cuja autoria concerne à ERICEIRA; MONTEIRO et alia, não discerníamos o estudo da Memória como ali fora apresentado.

Paul Ricœur (1913-2005), por sua vez, nos apresentou a Memória sócia histórica coletiva; a obra “História e Memória” de Jacques Le Goff (1924-2014) buscou captar o conceito da Memória tal como ela surge na antropologia e história, que é diverso do concebido em outras ciências humanas, como na psicologia, psicofisiologia ou neurofisiologia.

A Memória na Psicologia, de acordo com GARDNER; HALL; THOMPSON, (1977, p.260) é qualificada a partir de estudos psicobiológicos. Estes autores citam a memória primária ou de curto prazo de estímulos sensoriais e memória secundária ou de longo prazo, esta mais permanente. Repetição, uso, reforçamentos intenso, experiência emocional vívida e outros são, para estes autores, fatores importantes no processo de aquisição durável.

Diferente do que destaca Celso Sá (2007) no seguimento.

Assim, ao mesmo tempo em que a memória deixava de ser considerada como um fenômeno exclusivamente psicológico passava a ser retratada como tendo sua sede em instâncias de ordem sociocultural. Na circunscrição psicossocial ora proposta, a primeira mudança é vista como salutar, mas a segunda não é pertinente. (SÁ, 2007, p. 291)

Por fim, utilizamos as contribuições de Pierre Bordieu (1930-2002) que tendo atravessado sua tradição campesina em direção ao complexo ambiente da Academia francesa, possivelmente, o que não asseguramos, experimentou rupturas com suas próprias crenças e memórias. Na sua trajetória, ele desenvolveu os conceitos de campo, *habitus* e capital, os quais cooperaram no delineamento dos seus estudos sobre a Memória e Espaço.

Todavia, retomamos a gênese para melhor desenvolver o que, no que tange ao caráter teórico, sedimentou esta pesquisa. A memória é compreendida como um processo cognitivo que originalmente se referia a um campo de estudo da Psicologia como citado anteriormente, porém, foi associada a outras dimensões de diversas áreas do conhecimento humano, tais como: linguagem, pensamento e a construção da identidade.

Hermann Ebbinghaus (1850-1909), alemão de Barmen, historiador e filósofo direcionou sua atenção maior aos estudos na psicologia.

Em 1885, publicou a sua mais importante obra, traduzida para o idioma inglês por Henry A. Ruger & Clara E. Bussenius em 1913, intitulada Memória, que somou ao desenvolvimento da psicologia experimental, introduzindo novas técnicas de investigação em torno dos processos psicológicos superiores, diferentemente do seu mestre Wilhelm Wundt que se dedicou inicialmente aos processos psicológicos inferiores em parte da sua obra (GARDNER, et al. 1977).

Em obra posterior denominada Psicologia dos Povos, centrada nos estudos dos processos superiores aplicando o método histórico, Wilhelm Wundt (1832-1920), pensador plural, não reducionista, considerou a dimensão filosófica e social (ÁLVARO 1995; ÁLVARO e GARRIDO, 2003).

Ebbinghaus foi, também, precursor tanto ao testar experimentalmente como a demonstrar que a memória podia ser investigada cientificamente. Nos seus estudos ele usou um experimento em laboratório com sílabas sem sentido, verificando a capacidade e tempo de armazenamento, o que redundou na descrição da curva da aprendizagem e do esquecimento.

Ebbinghaus acreditava que a memória se deteriorava com a passagem do tempo, ainda assim ampliou o sentido do termo Memória, incluindo um conjunto de atividades atribuídas à mente, tais como: aprendizado, retenção, associação e reprodução, o que apresentou no estudo *Memory: A contribution to Experimental Psychology* (1913).

Na sequência, seguimos com o filósofo Henri-Louis Bergson (1859-1941), cujos conceitos sintonizavam com o Positivismo vigente no século XIX, mas que por meio de uma síntese dialética, buscava transcender o ideal positivista. Bergson distinguiu dois tipos de memória: a memória hábito que funcionava como automatismo psíquico e era adquirida pela repetição contínua; a memória pura que não precisava de repetição para conservar uma lembrança.

Ele ainda defendeu o que chamou de fluxo ou estado puro da consciência com uma duração incapaz de ser apreendida seja pela linguagem, seja pela razão. Bosi nos mostra uma dentre as tantas incursões de Bergson ao tema Memória, a que representou por meio de um cone invertido, [...] chamando-o de “Cone da memória” o qual alude ao espaço profundo e cumulativo e o espaço raso e pontual da percepção imediata, onde na base estariam as lembranças que “descem” para o presente, no vértice estariam os atos perceptuais que se cumprem no plano do presente e deixam passar as lembranças [...] (BOSI, 1995, p. 47-48).

Bergson ainda afirma que [...] “a lembrança aparece duplicando a cada instante a percepção, nascendo com ela, desenvolvendo-se ao mesmo tempo em que ela sobrevivendo a ela, precisamente porque é de outra natureza” (2006, p. 53).

Alcançamos então o psicólogo social Frederic Bartlett, teórico da memória social na década de 1930 que, no dizer de Miguez-Naiff (2014) e Bosi (1994), estabeleceu a articulação entre processo de memória e o contexto social, enfatizando o aspecto construtivo da memória por meio do conceito de convencionalização social. Este conceito asseverava que materiais (imagens e ideias) recebidos por um determinado grupo ganham formas concordantes com as convenções verbais estabelecidas no mencionado conjunto, portanto seu processamento envolvia quatro aspectos: assimilação (incorporação de materiais recebidos); simplificação (desprezo de fatores estranhos aos presentes na prática social); retenção parcial com ênfase no detalhe (preservar um ponto importante, outorgando-lhe relevância) e a criação de novas formas simbólicas (fruto das interações do grupo receptor).

A mais importante contribuição de Bartlett para o estudo da memória ocorreu em 1932, quando publicou a obra *Remembering: a study in experimental and social psychology* que viabilizou a possibilidade de interpretação social e sua construção a partir dos motivos e valores culturais evocados pela memória. Veremos adiante que fatores sociais são importantes e influentes na reconstrução da memória, tanto para Halbwachs quanto para Bartlett.

Tomamos Maurice Halbwachs (1877-1945) e seus estudos dos contextos sociais da memória como o fio de Ariadne que nos conduzirá neste percurso. Discípulo e posteriormente principal opositor do pensamento bergsoniano, em um período quando ainda se acreditava ser a memória apreendida e fenômeno individual e subjetivo, enquanto a Antropologia, Sociologia e a própria História ainda não dispensavam interesse tampouco olhar atento aos estudos da Memória, Maurice Halbwachs não só foi o primeiro a cunhar o termo “memória coletiva” como foi o primeiro a pensar em uma dimensão da memória que transcendia o plano individual prevalecente nas pesquisas de então.

Tais pesquisas, conduzidas por importantes contemporâneos seus, como “Marcel Proust, William James e Sigmund Freud, eram todos à sua maneira voltados para o estudo da memória como forma de conhecimento da realidade, amplamente fundada em atributos subjetivos” (SANTOS, 2003, p. 35).

Diferentemente desses autores, Halbwachs buscou desenvolver estudos para uma ciência aplicada, tentando resolver problemas sociais que eram atravessados pela Economia, Psicologia, Geografia e Demografia, inclusive no estudo do espaço urbano a partir das bases da morfologia social.

Foi fortemente influenciado por correntes reformistas do socialismo de sua época e pelas teorias durkheimianas (Émile Durkheim, 1858-1907) no enfrentamento à autonomia da economia política do positivismo comtiano. Possibilitou integrar a economia política à Sociologia, ao crer no progresso democrático e social e também defendeu o espírito coletivo com pensamentos enfáticos, conforme citado em Santos: “a lembrança do passado ocorre quando posta frente ao pensamento coletivo e tudo do que lembramos faz parte das construções sociais efetivadas no presente” (SANTOS, 2003, p. 35).

Nos anos 1920-1930 Maurice Halbwachs afirmou que a memória deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, construído coletivamente, submetida constantemente a mudanças e flutuações, embora invariantes possam ocorrer (POLLAK, 1992, p. 2).

Jacques Le Goff (1994, p.424) assevera que várias concepções recentes da memória se originam da tônica nos aspectos da estruturação, nas atividades de auto-organização. Acrescenta ainda que os fenômenos da Memória tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos resultam de sistemas dinâmicos de organização e na medida em que esta os mantém ou os reconstitui.

Santos (2003, p.69) assevera a aproximação da Memória aos fenômenos ligados diretamente à esfera das ciências humanas e sociais, semelhantemente a Maurice Halbwachs, quando “argumentou que indivíduos se recordam de acordo com as estruturas sociais que os antecedem”.

Na visão de Jacques Le Goff (1994, p. 424) semelhantemente a Pierre-Marrie-Félix Janet (1859-1947), o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais nada pela função social, portanto para ele o estudo da memória social seria um dos meios de abordar os problemas do tempo como considerou depois [...] “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Assim, fatores sociais são importantes e influentes na reconstrução da memória, tanto para Halbwachs quanto para Bartlett.

De igual forma, Miguez-Naiff & Sá (2007) certificam que a linguagem é a maneira pela qual a memória se expressa. Entender a narrativa pode dar pistas bastante importantes sobre como a memória está organizada e como ela se coloca no contexto de interação que exigiu seu resgate. Dependendo do contexto, a narrativa e, conseqüentemente, a memória serão reorganizadas. Naiff (2014, p. 57) frisa ainda que são as pessoas que se lembram. “A construção, manutenção e a atualização da memória depende de como essas pessoas interagem, se comunicam e sentem”. Acrescentamos aqui, também, como interpretam os eventos presentes no seu entorno.

Sá (2007, p. 295) assevera que na dimensão psicossocial, a memória social incorpora ambas as contribuições, no que se refere ao peso dado aos marcadores sociais da reconstrução do passado, sem, no entanto, reduzir-se a eles.

Arrematamos o fio de Ariadne, entrelaçando nossos estudos sobre a memória com a obra *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos* de Ecléa Bosi (1995), pois além de agregar eficientemente a relevância da Memória Social, reafirma a importância desta enquanto instrumento analítico.

Desta forma, os autores já citados e suas formas de pensar, interpretar e articular o campo de estudo da Memória nos pareceram mais que apropriado para adentrar no universo, contexto e sentido semântico das narrativas dos migrantes.

1.1.2 Migração

A política imigrantista do governo imperial no princípio do século XIX, segundo Rocha (2000), tinha como objetivo primordial promover o povoamento do país. Tema constante das ações, feitos e conquistas dos antigos que praticavam a migração, ou seja, unidirecional ou oscilante sem distinção entre origem e destino, o tema concretizado na História, aportou no Brasil formalmente, conforme apontam registros, a partir do século XIX, quando cessou o tráfico de escravos.

Muito embora, se considerarmos a imigração informal – involuntária para não dizer forçada, podemos aludir ao tráfico de escravos que antecede ao estabelecimento da política imigrantista, cuja parte sombria objetivou aumentar e garantir braços para a lavoura. Nesse período, foi fomentada a instalação de núcleos coloniais, que se inseriam no binômio abolicionismo-imigrantismo.

A contribuição de Tomaz Tadeu da Silva, ao trazer pressupostos da teoria cultural contemporânea, acrescenta que, nessa perspectiva, as viagens, os deslocamentos nômades, esses movimentos podem ser literais, como na diáspora forçada dos povos africanos por meio da escravização (SILVA, 1997, p. 87-88).

Rocha (2000) ressalta ainda que, no Espírito Santo, a chegada de luxemburgueses, espanhóis, alemães, portugueses e mais tarde de italianos, instaurou no Estado um tempo de faces, idiomas, costumes e estilos de vida diversos dos habituais.

Entre as décadas de 1970 e 1980, o Espírito Santo tornou-se terra de oportunidades, de trabalho e qualidade de vida.

Retomando ao tempo presente no estado do Espírito Santo, o movimento migratório não só persiste como também se amplia formal e informalmente, ou seja, chegam pessoas previamente destinadas à postos de trabalho nas empresas e trabalhadores que vem como que, em busca da “sorte” e pensamos que não poderia ser diferente. Desta forma, os migrantes, que se assentam na cidade em busca de uma oportunidade, são sujeitos envolvidos no processo, e que enfrentam as situações fruto desta dinâmica.

Nesta direção, consideramos alguns autores, tais como Abdelmalek Sayad (2000), Teresa Caldeira (2011), Stephen Castles (2010) e Norbert Elias (2000) que sustentaram algumas das reflexões que assumimos acerca de fenômenos, sobretudo a industrialização, que tem sido associada e frequentemente considerada, sinônimo de desenvolvimento.

Em verdade, eles, os migrantes, carregam dentro de si toda uma compreensão específica desses fenômenos e constituem verdadeiros diagnósticos da realidade, pois o conceito prejulga, indicando em que se deverá atuar para alcançar o desenvolvimento (OLIVEIRA, 2002, p. 37-38).

Muitas são as teorias que buscam explicar o fenômeno migração, buscando homogeneidade, abordando distintos aspectos. Castiglioni (2009) pontua que a migração é um tema de difícil consenso devido a sua multiplicidade de causas, consequências e dessemelhança de enfoques. As bases teóricas e metodológicas da Psicologia Social, da mesma forma suscitam essa mesma multiplicidade e dessemelhança de enfoques por surgirem do mesmo binômio indivíduo sociedade. Tanto a professora Aurélia Castiglioni quanto a professora Silvia Tatiana Maurer Lane LANE (1984, p. 7), compartilham, cada uma na sua área de saber, da mesma percepção.

Castiglioni (2009) aponta para a complexidade que é formar um quadro geral com fatores estruturais, situados em níveis macro e micro que atuam condicionando o fenômeno, os impactos e como afetam as regiões de origem e destino, além da natureza multidisciplinar do fenômeno migratório. O próprio conceito de fenômeno migratório ou o que seja migração tem-se modelado às demandas da globalização.

O processo de teorização e o papel das teorias no estudo da mobilidade humana são essenciais para a pesquisa e a divulgação de dados confiáveis que permitam intervenções sempre que se fizerem importantes.

O primeiro estudo sobre o tema em questão foi capitaneado pelo geógrafo Ernst Georg Ravenstein, que o sistematizou partindo da observação empírica dos fluxos migratórios e dados do censo inglês de 1885. Esses fatos permitiram ao estudioso, estabelecer algumas hipóteses: (1) A maioria das pessoas migra por curtas distâncias, estabelecendo redes migratórias para centros maiores. (2) ocasionando movimentos e fluxos populacionais (3) os processos de dispersão e absorção correspondem-se reciprocamente. (4) as correntes migratórias desenvolvem-se no tempo. (5) estas correntes produzem movimentos de saída em direção aos centros de comércio e indústria. (6) Residentes de áreas urbanas são menos propensos a migrar frente aos que vivem em áreas rurais. (7) isto ocorre também para a população feminina. (Ravenstein, conforme citado por DURAN; LUSSE, 2015, p. 62-63).

Após Ravenstein, a chamada Escola de Chicago - Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago é a mais citada quando se trata de referendar os estudos das migrações pelo foco social, por produzirem teorias, por criarem métodos a serem aplicados, mas, sobretudo pelo estudo de antropologia das migrações realizado por Thomas e Znaniecki, os quais investigaram sobre camponeses imigrantes poloneses e como foi o processo da adaptação destes nos Estados Unidos (DURAND; LUSSE, 2015, p. 62).

Ravenstein, citado por Durand; Lussi (2015, p. 63), acreditava que a chamada para o trabalho nos centros industriais e no comércio era a primeira causa das correntes migratórias, sendo as causas econômicas as mais aplicadas na explicação das migrações.

Segundo Peixoto (2004), um dos traços específicos da economia mundial é a criação de uma zona de atividade produtiva transnacional, a cargo de organizações (empresas transnacionais) não existentes, na sua forma atual, há poucas décadas.

A instalação de empresas deste tipo em países menos desenvolvidos gerou fluxos migratórios para os centros urbanos. Teoricamente tais fluxos deveriam ter diminuído, por buscarem trabalhadores menos qualificados e preferencialmente onde habitualmente residiam.

“Nós queríamos trabalhadores, recebemos pessoas” essa frase foi proferida pelo sociólogo suíço Max Frisch, citado por Durand; Lussi, (2015, p. 77) e expressa a complexidade que é, de um lado, desenraizar-se (sair da terra de origem), por outro lado, acolher e bem acomodar aquele que chega e suas peculiaridades e demandas.

O cenário de globalização da economia não só potencializa que muitos migrem em busca de oportunidades de mobilidade social e melhores condições de vida, mas também ao ampliar a distancia entre os que têm e os que não têm (Castro, 2006).

A seguir apresentamos, conforme Castiglioni (2009), teorias que respaldam o movimento migratório com breve incursão em cada uma delas, destacando que, no modelo explicativo preditivo, o movimento migratório é visto a partir de equações matemáticas que possibilitam a descrição do fenômeno, variações no tempo e no espaço que são aplicadas para prever e desvendar os fluxos migratórios.

Três importantes grupos, conforme Durand; Lussi (2015, pp. 78-86), constituem o arcabouço teórico afeto ao campo de estudo das Migrações:

1. As Teorias Econômicas, adaptadas da teoria clássica de Adam Smith, as quais se fundamentam no assentimento da "escolha racional" do indivíduo. Dessa forma, a migração resulta de uma decisão individual para maximizar o lucro. Dentro dessa lógica, destacam-se as seguintes teorias: Teoria da Nova Economia das migrações, a Teoria de Everett S. Lee, Diferenciais de Renda e de Oferta de Emprego e a Teoria do Capital Humano: Análise de Custo e Benefício.

2. Teoria Histórico Estrutural: A Transição da Migração, inspirada na teoria do trânsito demográfico, propõe uma análise da mobilidade nas diferentes fases do desenvolvimento. A hipótese é que há regularidades definitivas e sistêmicas no crescimento da mobilidade pessoal através do tempo e do espaço durante a história recente, e estas regularidades apresentam um componente essencial do processo de modernização.

3. Teorias Sociológicas: esse grupo de teorias tem como base o trabalho de Thomas e Znaniecki, publicado em 1818, intitulado "*The Polish Peasant in Europe and América*".

As Teorias Econômicas e Sociológicas versam sobre Redes Migratórias, e Abdelmalek Sayad (1998) afirma ser o principal argumento a existência de uma complementaridade dos processos de imigração e de emigração, ou seja, duas faces de uma mesma realidade.

Este autor ressalta que a imigração é um fato social completo e histórico, e como tal se coloca em um ponto de inter-relação entre as diversas disciplinas do campo das ciências sociais. Conceitua imigração como um espaço de deslocamento de pessoas não apenas físico, mas em espaços qualificados diferencialmente como: social, econômico, político, cultural, religioso. Nesse sentido, espaço de deslocamentos não é apenas um espaço físico, mas também um espaço qualificado em muitos sentidos como o autor adjetiva.

A Teoria Sociológica destaca níveis elevados de agregação e que congregam as abordagens que condicionam as migrações aos fatores estruturais dos contextos de origem e de destino do movimento. Inclui-se também nesse grupo a Teoria do Mercado Segmentado ou Dual, que enfatiza que a tomada de decisão de migrar se fundamenta em forças que operam em níveis mais elevados de agregação, associadas à demanda do mercado de trabalho das modernas sociedades industriais. O mercado de trabalho dual é, constituído por dois segmentos: mercado primário que exige qualificação e, mercado secundário que exige reduzida qualificação.

Já a Teoria do Sistema Mundo entende que a migração internacional é uma consequência natural da formação do processo de desenvolvimento capitalista. O traço principal do sistema mundo é a criação de um mercado de trabalho global, no qual as forças estruturais da economia mundial geram os diferenciais econômicos responsáveis pela existência de "zonas salariais" diferenciadas. A instalação de empresas deste tipo em países menos desenvolvidos gerou fluxos migratórios para o centro, quando teoricamente os deveria ter diminuído, por procurar o trabalho menos qualificado e mais barato na sua zona de residência habitual.

Favell, citado por Durand; Lussi (2015), assegura que estudar as migrações, cruzando abordagens qualitativas e quantitativas, é fundamental, pois dessa forma aplicaríamos a interdisciplinaridade, ao usar procedimentos da Antropologia, Psicologia e todas as outras disciplinas que estudam a mobilidade humana com foco nos sujeitos que vivem tais processos. (DURAND; LUSSI, 2015, p. 94-95)

As análises realizadas mostraram que o encontro das Teorias Econômicas e Teorias Sociológicas atenderam as propostas dessa investigação, permitindo melhor compreensão sobre o movimento migratório. As primeiras, por destacarem a importância da tomada de decisão por parte do sujeito nas suas escolhas, seja sobre trabalho ou melhoria no padrão de vida. As segundas, por identificarem a migração como um fato social completo, constituindo as várias dimensões da subjetividade do ser humano: social, econômico, político, cultural, religioso, assim como na Psicologia Social. Portanto, o viés sociológico, o estudo estrutural das migrações, o foco nos sujeitos que vivem tais processos valorizam a perspectiva destes na compreensão e análise do fenômeno migratório. Desta forma garantimos abrangência, qualidade e profundidade nos resultados. (DURAND; LUSSI, 2015, p. 95).

1.2 Das Técnicas de Pesquisa

A cientificidade, o ato de pesquisar, foi, ao longo da história, sustentado por paradigmas que por décadas e décadas recriaram a mobilidade do pesquisador. Os fatos sociais, o empirismo e os fenômenos psicológicos convertiam-se em admissíveis quando perpassados pela matematização (CHIZOTTI, 2010 p. 12).

Diante das insuficiências metodológicas insuperáveis do naturalismo, as Ciências Humanas e Sociais se reorientaram para visarem à compreensão, o que já salientava Wilhelm Dilthey (1833-1911) quando dizia que “a compreensão do mundo humano em culturas históricas, supõe a apreensão global de uma visão de mundo, ou seja, dos significados que o homem dá a vida”, conforme (citado por CHIZOTTI, 2010 p. 13).

Silvia Tatiana Maurer Lane (1984, p. 10) destaca que a “Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, esta entendida historicamente, desde como se organizam até como asseguram sua continuidade”. Para essa pesquisa, por meio da Psicologia Social, buscamos tratar os fenômenos sociais nas dimensões: sociológica e psicológica. Nesta última, englobou-se o conjunto de registros sobre valores, símbolos, significados, sentidos e atitudes, constituindo a subjetividade, que é parte do fenômeno social, ou seja, para ser psicossocial há que existir nos sujeitos.

Segundo Bock e Furtado (2005, p. 595-606), a Psicologia Social recente busca incessantemente compreender o processo social que engendra os sujeitos e a busca de uma ciência como práxis. O contexto sócio histórico do sujeito deve ser considerado, pois este deve se responsabilizar pela sociedade onde vive e que de fato pode transformá-la a partir de um projeto coletivo.

Nessa perspectiva é que foi traçado o rumo dessa investigação, amparado por uma metodologia firmada na Psicologia Social, pela possibilidade de conhecer a história do tempo e do espaço em que o migrante vive, além de ter enfatizado a memória, partindo de detalhes de uma frase ou mesmo um gesto que pudesse agregar, como ocorreu a essa pesquisa, descobertas e constatações importantes (Narita, 2006).

A pesquisa utilizou em sua metodologia a aplicação de técnicas qualitativas no dizer de Chizzotti (2010 p. 19) “pelo empenho desta em mostrar a complexidade e contradições dos fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais”. Ela também nos permitiu conhecer os motivos que dão sentido às aspirações, às crenças, aos valores e às atitudes dos homens em suas interações. No entanto, não foi descartada a coleta de dados quantitativos quando se fizeram necessários para consubstanciar a discussão e análise qualitativa das informações.

Desse modo, como na análise de Demo (2001, p.10) sobre pesquisa qualitativa, os dados não são apenas coletados, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelos pesquisadores em diálogo inteligente e crítico com a realidade. Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Elas possibilitam ainda identificar problemas, micro interações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos dessa abrangência.

1.3 Dos Recordadores

Escolhemos utilizar o termo “recordador” inspirado no filósofo e jornalista paulista José Ortega y Gasset (1883-1955) que alude à etimologia de recordar: do latim *recordari*, formado de *re* (de novo) e *cordis* (coração), ou seja, recordar é muito mais que ter lembranças presentes na memória, e sim, que elas voltam a passar pelo coração. A escolha dos participantes da pesquisa, aqui denominados recordadores, ocorreu com uma primeira indicação, respeitando dois principais critérios: primeiro o de terem fixado residência entre as décadas 1970-1980 em um dos dois bairros indicados e, segundo, que fossem oriundos de outros municípios do Espírito Santo ou de outros Estados da União, ou seja, restringimos a pesquisa a brasileiros.

Desse ponto em diante, esperou-se o efeito bola de neve, supondo alcançar seis recordadores. No entanto, após transcrição e o volume de dados coletados nas quatro primeiras entrevistas, compreendemos que para essa investigação as memórias dos quatro recordadores entrevistados atenderiam aos objetivos apresentados na Introdução. Assim permanecemos com uma dúzia de cada bairro pesquisado.

Ao recordador foi dada total liberdade para narrar suas trajetórias, momentos marcantes de qualquer ordem. Fizemos, quando foram necessárias, interferências pontuais. Em suma, esta opção deu-se em função de almejar compreender uma realidade particular, ter forte compromisso com a crítica social e o protagonismo do recordador.

1.4 Coleta e Análise dos dados

Para melhor alcançar os objetivos aqui elencados, optamos em uma primeira instância, além de utilizar histórias de vida. E o que é história de vida? Como a aplicamos e o que nos faz buscar as histórias de vida como instrumento de coleta? História de vida é uma das modalidades de estudo em pesquisa qualitativa.

Antônio Chizzotti (2010, p.95) informa que a técnica História de Vida foi introduzida pela Escola de Chicago em 1920 e desenvolvida pelo filósofo e sociólogo Florian Witold Znaniecki (1882-1958) sobre camponeses imigrantes poloneses nos EUA, sendo preterida pelas técnicas quantitativas e banida dos meios da pesquisa.

Essa condição foi modificada nos anos de 1960, quando a aplicação deste instrumento superou o medo ao subjetivismo, formulou o estatuto epistemológico, estabeleceu estratégias de análise do vivido e se constituiu em método de coleta de dados do homem concreto. Desta forma, ela rompeu com a ideologia da biografia modelar e passou a atuar em trajetos pessoais no contexto das relações pessoais, definindo-se como relatos plásticos das relações sociais.

A história de vida é contada por quem a vivenciou, e quem a conta retrata o significado atribuído às coisas e à vida. O pesquisador respeita e acredita, não buscando confirmações, tão somente entrelaçando dados. O principal motivo para utilizar esse método é que este instrumento de pesquisa privilegia a coleta de informações na vida pessoal de um ou mais recordadores. Nesta pesquisa, usamos a forma literária, biográfica, tradicional, valorizando a oralidade, buscando percepções pessoais, sentimentos íntimos que, notadamente, marcaram experiências ou acontecimentos vividos no contexto da trajetória de vida. Enfatizando a memória social, ou seja, a que estrutura nossa memória inserindo-a na memória da coletividade, partindo da cultura, dos códigos apreendidos por um determinado grupo social nos seus processos de socialização. (POLLAK, 1992, p.2).

Tinoco (2004) destaca ainda que a História de Vida se centra no indivíduo e nas suas particularidades para tão somente depois confrontar com interpretações teóricas. Ademais, as regras sociais da época podem ser vistas a partir das histórias de vida.

Gaston Pineau (2006) vai mais além e diferencia as terminologias biografia, autobiografia, relatos de vida e histórias de vida, dizendo que esta última “persegue a construção do sentido temporal sem prejudicar meios” [...].

Bosi (1994) conseguiu conceber o percurso da cidade de São Paulo com riqueza de imagens das memórias dos espaços, da política e do trabalho na sua obra *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, percurso que, ousadamente foi reproduzida em uma diminuta dimensão na trajetória desta pesquisa.

O relato feito a partir deste enfoque refere-se ao aspecto pragmático da investigação, ou seja, como procedemos na realização dos encontros e coleta de dados. O deslocamento foi repetido por apenas oito vezes, sendo três vezes para o município de Aracruz, distante oitenta e três quilômetros do município de Vitória, passando pela ES 010, rodovia do litoral capixaba direção Norte e seis vezes para os bairros, sendo de 25 quilômetros a distância entre ambos.

O local das entrevistas foi previamente determinado pelos recordadores, após o agendamento por telefone, *e-mail* e confirmado por *whatsapp*. Tão logo asseguramos os procedimentos iniciais, autorização e assinatura do Termo de Compromisso Livre Esclarecido (TCLE), gravamos as narrativas que foram transferidas em formato de arquivos *Word* para *notebook*. Em sequência, as gravações foram ouvidas por duas vezes e transcritas de forma a conservar uma cópia do discurso integral. As narrativas, portanto, encontra-se em repositório virtual.

Para o processamento foi utilizada uma segunda cópia, a que, proporcionou uma forma mais efetiva de identificar, nas memórias, as transformações psicossociais e urbanas. Após esse processo, procedemos ao tratamento e análise, quando as indagações foram gradativamente elucidadas.

Riscos e imprevistos foram esperados, como em qualquer pesquisa. Todavia, diante de imprevistos, procurou-se mitigar da melhor forma possível, respeitando a questão ética da nossa profissão, a de Psicólogo e a proposta da pesquisa. Nesse sentido e prevendo outra possível situação, Ecléa Bosi (2013) já previa e alertava em *O Tempo Vivo da Memória* que “algum familiar pode interferir na narrativa do recordador” (BOSI, 2013).

Vivenciamos o alerta destacado por Bosi em situação similar ao entrevistar um casal, quando a pergunta feita ao esposo foi prontamente respondida pela esposa, ocasionando no momento da audição, distorção na narrativa. Lamentavelmente essa entrevista precisou ser substituída pelo comprometimento da qualidade do áudio. Outro fator que consideramos importante destacar, que não conseguimos superar rapidamente, foram os atrasos na chegada ao destino do entrevistado, ocasionados por manifestações da comunidade indígena que, no momento, reivindicavam do Estaleiro JURONG (EJA) uma empresa recentemente implantada, a preservação do seu espaço e meio ambiente. Outro atraso foi ocasionado pelo movimento sindicalista que impediu a passagem de carros na altura de Praia Grande, no Portal de Aracruz, por estarem lutando pelos direitos dos trabalhadores da indústria naval, ou seja, da mesma empresa anteriormente mencionada. Duas questões bem delicadas que as partes envolvidas buscavam mediar.

Aqui não cabe o julgamento da ação que consideramos pertinente. No entanto, é importante mencionar o tanto da nossa frustração quando foi preciso postergar por mais um dia o plano inicial. Desta forma, a fim de prevenir e evitar futuros imprevistos, optamos pelo deslocamento em dia anterior, com pernoite em casa de uma família residente em Coqueiral de Aracruz que, mediante empatia com o objeto da pesquisa, ofertou a acolhida.

Aracruz Celulose é a indústria que se constitui em pano de fundo neste estudo. Entretanto, faremos menção a outras empresas que se incluam no cenário e contexto histórico.

Percebemos que o fato de essa região - bairros Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho do município Aracruz e - ainda não ter sido investigada com este viés pode resultar em benefícios à população em geral, quando nos referimos ao que possibilita a rememoração de acontecimentos que não necessariamente constam da história formal, mas que fortalecem e repetem os grandes feitos dessas comunidades e assim revigoram o seu mito fundador. Enquanto pesquisadores, o benefício foi indiscutível pelo privilégio de coletar histórias de vida de recordadores chegantes na década de 1970.

O entrelaçamento dessas histórias de vida dos migrantes à narrativa histórica, que parte de dados concretos de algo que aconteceu em um determinado tempo e espaço, proporcionaram um tratamento e análise mais aprofundada, sem, no entanto, ter por objetivo confrontar a veracidade do dito.

Consideramos que esse modo “de fazer” poderá reconstruir um percurso da história dos bairros, da percepção das implantações e das transformações psicossociais e urbanas em uma perspectiva inovadora por levarmos em conta aquele que veio de fora da cena original, ou seja, a gênese da comunidade, seu mito fundador.

No que concerne às análises propriamente ditas, realizamos a partir de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975) por conceber a imbricação incontestada entre linguagem e contexto social, (ERICERIA, 2012, p. 4), o que converge com o percurso traçado desde os primeiros passos nesta pesquisa. Embora seja um autor controverso e ao mesmo tempo singular, Bakhtin nos oferta, segundo Faraco (2009, p. 86), a condição de cada ser humano ocupar um lugar único e insubstituível, na medida em que cada um responde às suas condições objetivas de modo diferente de qualquer outro, o que pode ser compreendido como um afastamento do mecanicismo, do positivismo, da consideração fisiológica e biológica do ser humano para uma dimensão social que assegura “uma ponte entre mim e o outro” no dizer de Bakhtin, (conforme FREITAS, 1999 p. 153).

Como dito, as histórias de vidas registradas em gravador foram ouvidas e em seguida transcritas, o que resultou cada uma em arquivos de trinta e cinco páginas em média por cada recordador. Tendo em mãos os textos transcritos, nova audição foi feita de forma que criássemos proximidade com o dito e o não dito no momento da narrativa, a presença e a ausência da rememoração.

É o momento em que nossos olhos absorvem as expressões, os gestos do narrador, o entorno, capturando o contexto, os objetos, o espaço e local, pois, conforme Halbwachs (2013, p.157): “nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a de outros”.

Prosseguimos com o processo de análise do conteúdo das narrativas, usando para análise os fundamentos qualitativos. Inicialmente, nos detivemos, no estabelecimento dos campos semânticos que correspondem ao conjunto de palavras unidas pelo sentido e a seguir a identificação das categorias de temas. Essa análise, então, propiciou a identificação de categorias temáticas, o que nos permitiu, a partir desse ponto elegermos as categorias mais alinhadas aos objetivos da pesquisa, o que cooperou também para a identificação dos aspectos psicossociais contidos em cada uma das categorias temáticas. Essa clareza das categorias e aspectos psicossociais possibilitou uma análise mais apurada dos dados.

Portanto, as quatro categorias temáticas, inseridas nas narrativas dos recordadores são: (a) Histórico da infância e base familiar; (b) Constituição da Família - Educação dos filhos; (c) Trabalho e Política. (d) Transformações urbanas – Industrialização. Cada uma dessas temáticas foi, novamente, submetida ao processo de saturação possibilitado pela repetição dos campos semânticos que correspondem ao conjunto de palavras unidas pelo sentido: escolher os sentidos apropriados para o contexto, inseridos em cada categoria nas quatro histórias de vidas coletadas e mostrar quão importantes e relevantes os acontecimentos e as opiniões mostravam ser para cada um dos recordadores. A partir da identificação da importância e relevância do tema apresentado foi possível distinguir o conjunto de lembranças que sustentavam as histórias de vida e a essencialidade destas nesta pesquisa. Em cada uma das categorias temáticas foram considerados os campos semânticos e processos psicossociais das seguintes memórias.

Quadro 1 - Categorias Temáticas

Categorias Temáticas	Memórias Campos Semânticos (Conjunto de palavras unidas pelo sentido)	Processos Psicossociais
Histórico da Infância e base familiar	Memórias da infância, das lembranças da família.	Desenvolvimento Estrutura Emocional Processo Construção Identidade – Base para existir.
Constituição da Família - Educação dos Filhos	Memórias sobre as motivações para deixar seu lugar de origem; como se deu a constituição da sua própria família, efeitos da mudança na educação dos filhos.	Autonomia, Independência, Protagonismo. Estabelecimento de vínculos, Repetição modelo familiar e na formação dos filhos – semelhanças e contrastes.
Trabalho e Política	Memórias sobre o trabalho. Indica a influência da profissão na autovalorização. O papel e lugar social alcançado na comunidade.	Visibilidade, Status, Poder. Como era e como está, sentimento de pertencimento, desejo de permanência ou ruptura.
Transformações urbanas- Industrialização	Memórias sobre as transformações urbanas decorrentes da Migração e Industrialização.	Influência positiva e nociva para a vida dos residentes, trabalhadores e bairros em questão.

CASTRO; PORTUGAL; VILELA, (2011, p. 94) asseveram que “o signo encontra seu sentido e sua origem na interação verbal, na necessária participação do outro”. Abordamos as transformações sociourbanas seguindo os passos de Moura (2014, p. 50) que considerou ser “o bairro uma totalidade estruturada, comum a todos, que se percebe pouco a pouco, trazendo um sentido de identidade ao morador”; por fim observamos e destacamos prevalência dos aspectos psicossociais, alinhando-os aos objetivos postos.

2 BREVES INCURSÕES NO ESPÍRITO SANTO: RELEVÂNCIA DO MUNICÍPIO DE ARACRUZ

FIGURA 1 – Localização do Espírito Santo



Fonte: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/> Acesso 24/04/2016

Aos 29 dias de maio de 1920 a União assina o contrato no qual é autorizado à Itabira *Iron Ore Company* construir e explorar altos-fornos de coque, fábricas de aço e trens de laminação, um porto exclusivamente para minérios em Santa Cruz, atual Aracruz, e dois ramais ferroviários partindo da linha Vitória - Minas. Os ramais e o porto seriam privativos da empresa, o que assegurava à companhia o direito irrestrito da exportação do minério de ferro brasileiro – este seria transportado em navios da própria Itabira, os quais, na viagem de volta, trariam carvão de pedra como carga de retorno a fim de suprir os empreendimentos siderúrgicos. O Estado do Espírito Santo inicia sua inserção no processo de industrialização concomitante com a história da implantação da sede da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) que viria a ser fundada em 01 de junho de 1942. (VALE NOSSA HISTÓRIA, 2012).

No entanto, conforme Bittencourt (1987, p.207) e Siqueira (2010, p.14) essa inserção dá-se em efetivo entre as décadas 1950-1960.

Na década de 1950 a CVRD, consolidou sua posição no mercado mundial. Nas duas décadas seguintes houve uma diversificação de suas atividades, que passaram a incluir a construção e a exploração do porto de Tubarão, próximo a Vitória, capital do Estado. Verificava-se, a essa altura, o quanto a produção cafeeira se constituiu como base para o desenvolvimento industrial do Espírito Santo.

O governo de Jones Santos Neves (1951-1954) estabeleceu um novo marco no processo de desenvolvimento do estado. É nesse período que ocorre o aparelhamento do porto da capital, da dragagem do canal de sua baía e a construção de seu cais. Outras obras como os aterramentos até o cais do porto de Bento Ferreira, a pavimentação de vias asfálticas para o interior do estado, a construção de pontes de concreto, o desenvolvimento do setor de energia hidroelétrica, além da criação do Instituto de Bem-Estar Social e do plano de habitação foram iniciativas criadas para a atração de investimentos econômicos.

Ao lado de tudo isso, em sua gestão o governador Santos Neves possibilitou dois importantes investimentos no setor econômico: o moinho de trigo e a Companhia Ferro e Aço de Vitória (COFAVI). Às realizações citadas, integra-se a criação em 1954 da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Assim sendo, Siqueira (2010) assevera que o Plano de valorização se estabeleceu, sobretudo, como um projeto de estado com vistas a ampliar a infraestrutura para o desenvolvimento da indústria no Espírito Santo. De modo que, mesmo a produção cafeeira estando em ascensão, os investimentos foram direcionados para outras bases do setor econômico.

No Espírito Santo, a base da implantação desse modelo de desenvolvimento estabeleceu-se entre os anos de 1962 e 1967, com a execução do plano do Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (GERCA) de “erradicação e indenização” dos cafezais pelo Governo Federal. Esse fato alterou os rumos da estrutura econômica do Estado, que se direcionou ao padrão industrial internacional com a instalação de plantas industriais – então denominadas “grandes projetos industriais ou expansionistas” – na região da Grande Vitória (VILASCHI e FELIPE, 2011).

A implantação dessas indústrias causou impacto de tão profunda intensidade que a alteração econômica realizada – seja por meio de processos de substituição de importações ou da diversificação de exportações, seja com a introdução dos grandes projetos de impacto – concentrou o crescimento urbano majoritariamente na Região Metropolitana da Grande Vitória, composta pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha, Vitória (FORTUNATO, 2011).

O plano de construir uma produtora de aço no Espírito Santo começou a se desenvolver no início da década de 1960, visando aproveitar as vantagens logísticas de Vitória e fazer a integração com o sistema ferroviário, que trazia minério de ferro de Minas Gerais, e recebia o carvão mineral, um insumo fundamental, e escoar a produção, por meio do acesso ao mar. Parte do projeto de desenvolvimento econômico mais amplo visava à industrialização do país, relacionando o surgimento da CVRD ao da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), localizada em Volta Redonda, RJ.

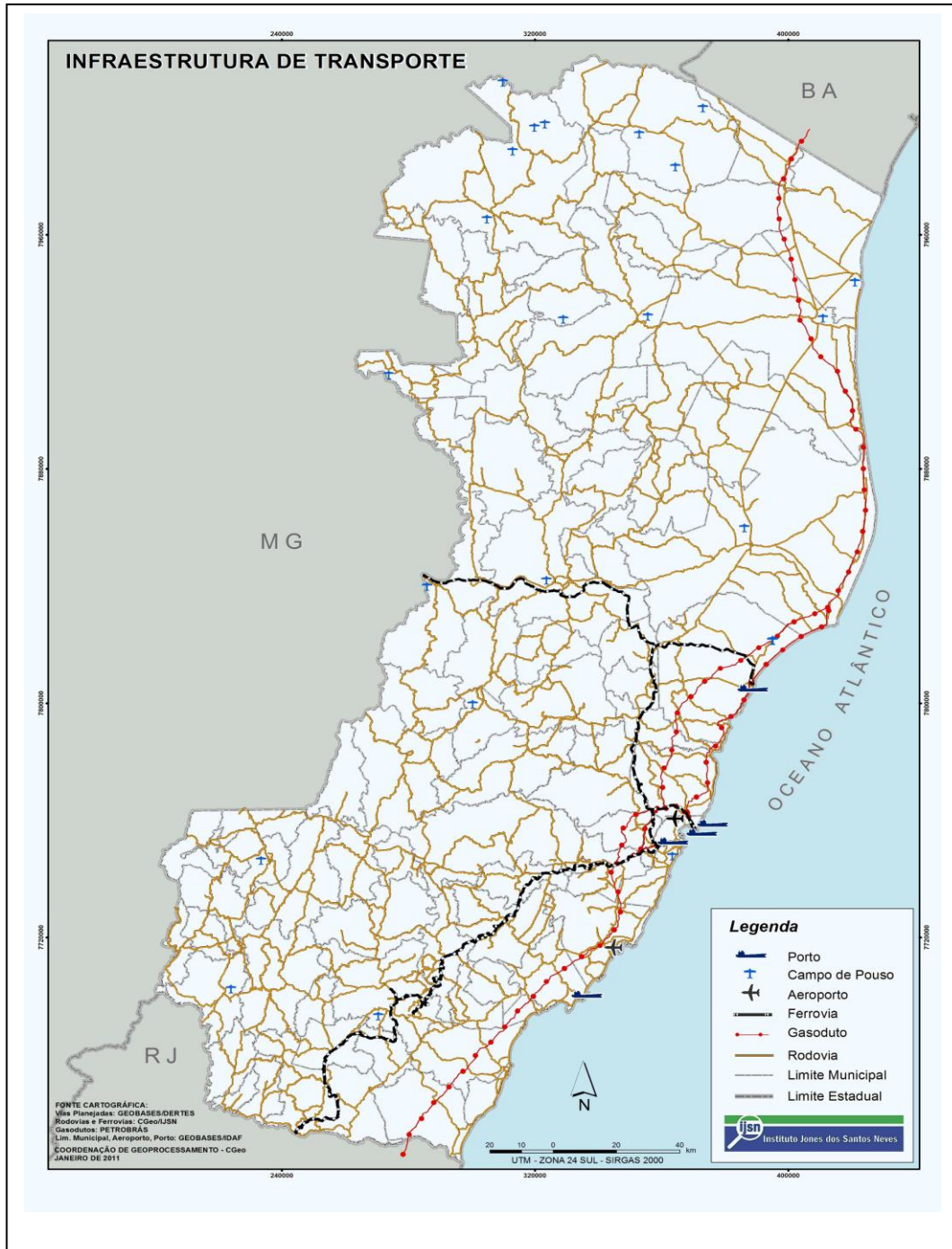
No dia 13 de março de 1974, nasce oficialmente a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), com a efetivação de sua constituição jurídica como uma parceria entre o governo brasileiro e duas empresas internacionais, a japonesa Kawasaki e a italiana Finsider. A terraplanagem se iniciou em 27 de março de 1978 e, em 2 de maio de 1980, iniciara-se as obras civis, com a escavação para a implantação do alto-forno. Ao mesmo tempo, formava-se a equipe que iria implantar e operar a nova planta. Nesta direção, produziu-se uma modernização sustentada num modelo de desenvolvimento ancorado em metas de crescimento da produção industrial e da infraestrutura que, segundo Missaglia (2014), foi intensificado, desde que o estado se tornou base de operações, para grandes projetos de desenvolvimento industrial no último quartel do século XX.

Villaschi e Felipe (2011) destacam que, a partir do final dos anos de 1990, promoveu-se um reordenamento e aprofundamento desse modelo de desenvolvimento com as mudanças institucionais efetuadas na indústria do petróleo e do gás natural no Brasil. Tais mudanças repercutiram fortemente no Espírito Santo – em 2009, o estado foi o segundo produtor nacional de petróleo e o quarto produtor de gás natural. Como resultado, tanto em termos setoriais como espaciais, desponta como uma estrutura produtiva razoavelmente diversificada.

O Espírito Santo no contexto nacional está situado em uma região favorável para a indústria no que concerne a transporte e distribuição, a qual detém cerca de 70% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, o que o faz ser uma alternativa importante, face à sua integração aos mercados nacional e internacional, tendo seu desenvolvimento pautado pela dinâmica da economia internacional.

Também é amplamente favorecido pelos sistemas de telecomunicações e pelo sistema de transportes, além do complexo portuário como se vê na Figura 2. Essa localização incrementa os processos, reduzindo custo operacional das indústrias, porque garante acessibilidade, agilidade e alcance de outros mercados, fatores estes que, somados à redução de tributos, tornam-se preponderantes para investimentos feitos pelas empresas, segundo destaque feito por Luiz Soresini, executivo da CVRD, que também atuou na implantação da Aracruz Celulose, nas décadas entre 1960 e 1970.

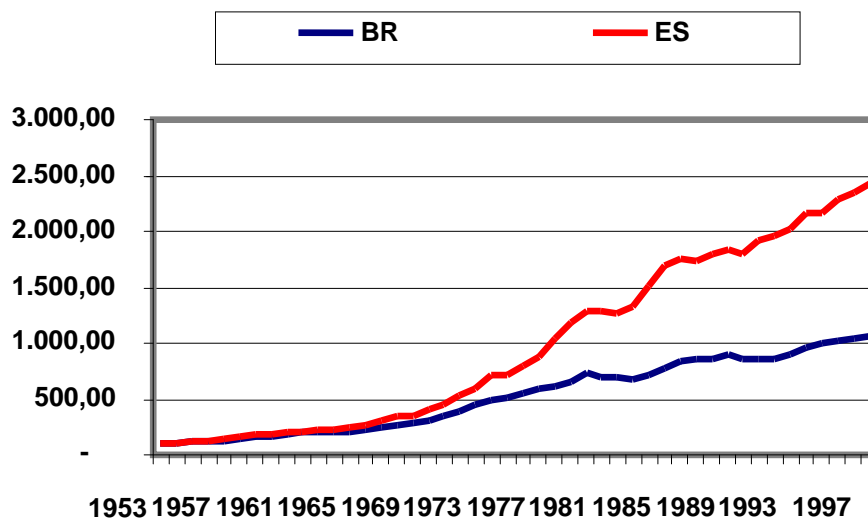
FIGURA 2



INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTE (Reduzido investimento Norte do ES)
Fonte: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/> Acesso 24/04/2016.

No Gráfico 1, podemos observar a elevação do índice PIB - Produto interno bruto real no Espírito Santo frente ao PIB – Produto interno bruto real no Brasil entre as décadas de 1950 a 1990, fruto também do processo de industrialização. Considera-se que uma determinada região, ao receber investimentos e ofertar posições de trabalho, passa a ser um ponto de interesse por parte de pequenas e médias empresas e também por profissionais, os quais se mobilizam no sentido de fornecer seus serviços e *expertises* (saber e conhecimento técnico). Diante desse fato, presume-se que a área de comércio e serviços amplie sua frente de atuação, contribuindo, assim, na elevação desses índices. CALIMAN (2001)

GRÁFICO 1 Brasil e Espírito Santo
Índice do PIB real 1953 a 1997



Fonte: IJSN – Orlando Caliman (2001).

Nas Tabelas 1 e 2, podemos constatar que as médias de variação anual do PIB Espírito Santo frente ao PIB Brasil, entre as décadas de 1970 a 1990, estiveram constantemente sobrelevadas. Dados esses, também, confirmados em Bittencourt (1987, p.207) e Furtado (1961, p.115-116) quando o Espírito Santo vive a transição de Estado agrário para industrializado, na década de 1950, inaugurando um período de desenvolvimento (ambos os autores citados por Oliveira, 2002).

TABELA 01**PIB Brasil/Espírito Santo 1970-1998**

Taxa média de variação anual		
Período	Brasil	Espírito Santo
70-80	8,7%	11,8%
80-90	2,0%	3,3%
90-98	2,6%	3,8%
70-98	4,4%	6,5%

Fonte: IPEA, IPES, NEP- UFES Caliman (2001).

TABELA 02**Espírito Santo: Composição do PIB-1953-1998**

Ano	Agricultura	Indústria	Com.Serv.	Total
1953	54,7	7,34	37,96	100,00
1970	23,1	17,28	59,61	100,00
1980	11,02	34,44	54,54	100,00
1998	8,82	35,05	56,14	100,00

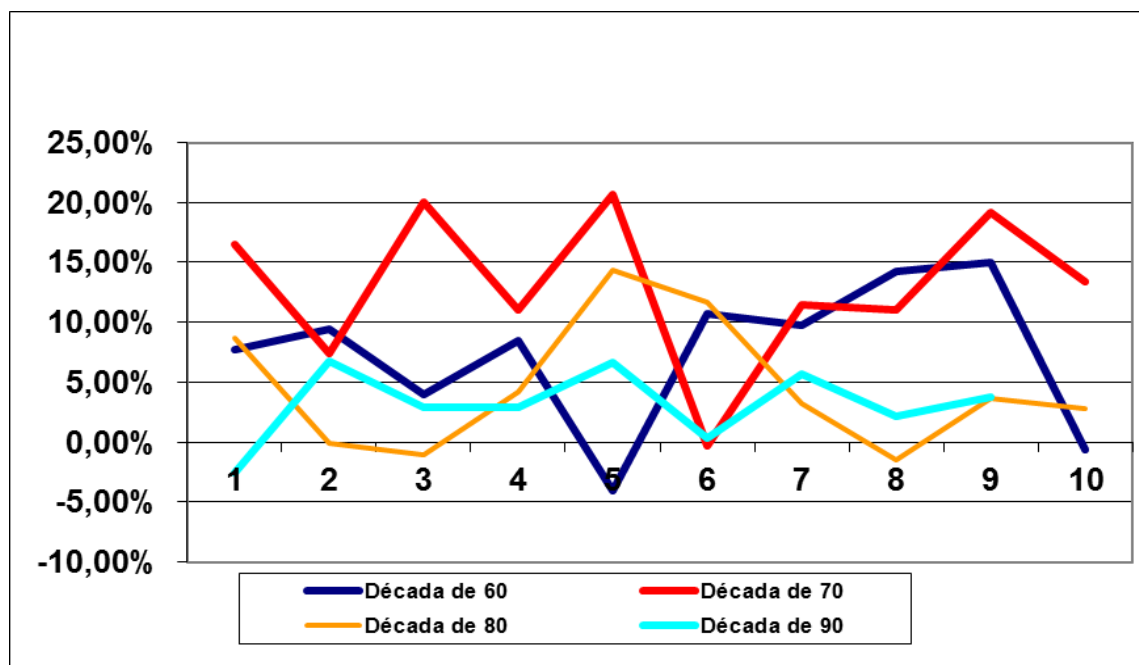
Fonte: NEP-UFES, IBGE/IPES Caliman (2001).

O Gráfico 2 demonstra a progressão do estado do Espírito Santo, desde a década de 1960, a partir da execução do plano de erradicação dos cafezais pelo Governo Federal e incentivo à industrialização, processo que modificou por completo os rumos da estrutura econômica do Espírito Santo. Dessa forma, pode-se concluir que as instâncias política, histórica, social e econômica nacionais influenciaram, sobremaneira, o Espírito Santo a avançar da sua condição econômica agrária para industrial.

Outra constatação que podemos fazer é o acentuado crescimento no segmento de Comércio e Serviços, sobretudo os 59,61% na década de 1970, quando a Aracruz Celulose é implantada, demandando a mobilização de pequenas empresas para o Estado do ES, bem como o atendimento das necessidades básicas da população migrante.

GRÁFICO 2

Brasil – Espírito Santo – Taxa anual de variação do PIB



Fonte: IJSN Caliman (2001).

Em palestra proferida por ocasião da comemoração dos 25 anos do IJSN e publicada no site desta Instituição, em novembro de 2001, Orlando Caliman comenta:

A performance, que na década de 1960, segundo sua avaliação o Espírito Santo ainda uma economia incipiente, sendo o forte da economia a agricultura, e quase exclusivamente dependente do café. Aproximadamente 54% do PIB espírito santense era gerado nesse setor. A indústria participava com 7%. A população na área rural ainda era maioria. A cidade de Vitória, por exemplo, tinha 83.000 habitantes em 1960 e a Grande Vitória 200.000. Pode-se afirmar que mudanças mais profundas começaram a ocorrer na segunda metade da década de sessenta, principalmente em razão da adoção de políticas consistentes de incentivos à industrialização. Chega-se assim em 1970 com a indústria respondendo por 17% do PIB. Por outro lado, a agricultura cai drasticamente para 23%. Logicamente que isso tem muito a ver com a crise cafeeira que culminou com a erradicação de áreas plantadas. Todavia, a grande reviravolta estaria para acontecer mesmo na década de setenta; década que coincide com um crescimento explosivo da economia brasileira. É nesse momento que a economia capixaba passa se integrar à lógica de expansão planejada da economia brasileira. Isso se dá através dos chamados grandes projetos, a começar pela expansão da CVRD, com o complexo de tubarão, seguido pela Aracruz, Samarco e CST. Nesse aspecto o Espírito Santo deixa de ser economia agrícola provinciana e passa a era industrial, globalizada. (CALIMAN, 2001)

Desse modo, destacamos que o Estado do Espírito Santo, figura como aquele que promove o desenvolvimento, que define a estratégia para atrair empresas, negociar, assinar termos, consolidar planos, estabelecer pólos industriais, sendo autônomo para isentar as empresas de tributos, bem como para investir na formulação prévia de políticas públicas no sentido de preparar municípios tanto para a implantação dessas indústrias quanto para o fluxo migratório, garantindo sustentabilidade, que a partir da concepção de Sachs (1994), garante a preservação social, ambiental, econômica, geográfica e cultural.

2.1 Relevância do município de Sauaçu – Aracruz

No fim da década de 1960 e início de 1970, a agroindustrial Aracruz Celulose S/A. foi instalada no município de Aracruz, fato que acarretou transformações socioeconômica, cultural, demográfica e geográfica, dentre outras, com o assentamento de milhares de migrantes. De maneira tal que, segundo o Plano de Desenvolvimento de Aracruz (2008, p.8), em 1970, o município contava com 69,0% de sua população vivendo no meio rural – um índice bem superior à média estadual de 54,8% e à média brasileira de 44,1% à época – e no ano de 2000 possuía 84,3% de seus moradores residindo no ambiente urbano, bastando apenas três décadas para ultrapassar a média estadual de 79,5% e a brasileira de 81,3%.

TABELA 3

Evolução da População Residente no município de Aracruz

Ano	Habitantes
1960	25.193
1970	26.507
1980	35.791
2000	64.637
2010	81.832

Fonte: IBGE, 2015.

A tabela 3 reflete o acentuado crescimento da população entre as décadas de 1970 e 1980, quando foi implantada a indústria de celulose, e em 1985 a inauguração do PORTOCEL. Em 2000 observa-se o marcante aumento populacional em face da atividade petrolífera, além das atividades já existentes. A PETROBRÁS atrai empresas prestadoras de serviços e trabalhadores, modificando significativamente o número da população local.

TABELA 4

População Urbana e Rural de Aracruz, ES e Brasil

	1970		2000	
	% Urbano	% Rural	% Urbano	% Rural
Aracruz	31,00	69,00	84,30	15,80
Espírito Santo	45,20	54,00	79,50	20,50
Brasil	55,90	44,10	81,30	18,50

Fonte: IBGE, 2008

A tabela 4 reflete essa inversão rápida e intensa do rural para o urbano em Aracruz e está claramente associada à sua condição de lugar da produção industrial. Tal afirmativa decorre de levantamentos do IBGE que demonstram que a mudança demográfica ocorreu de modo bem definido entre 1970 a 1990 – períodos de implantação da empresa de celulose e fase de duplicação da indústria, bem como da construção do Portocel para escoar a sua mercadoria. (IBGE, 2015)

Nas décadas seguintes, aumenta o número de empresas terceirizadas no entorno da Aracruz Celulose – ampliada em 1991 e em 1997– que, em dezembro de 2009, pela reconfiguração acionária, passa a se chamar FIBRIA. Até o final da década de 1990 as transformações na cidade de Aracruz estavam direta ou indiretamente ligadas à atividade de celulose.

Em relatório sobre os fatores que influenciaram o desenvolvimento e integração em 1996, Luiz Soresini, então Secretário da Indústria e Comércio em Aracruz, aponta o suporte logístico existente: estrada de ferro Vitória a Minas da Companhia Vale do Rio Doce (EFVM-CVRD); malha rodoviária composta pelas BRs-101 e sua conexão com a BR-262 e a 259; as rodovias estaduais ES-010, 124, 257 e 261; o Porto de Barra do Riacho, lugar está localizado o único Terminal Especializado de Barra do Riacho – PORTOCEL-voltado para exportação de Celulose.

Em 2003, foi descoberto um campo de petróleo distante cerca de sessenta quilômetros da costa do município. Inúmeras prestadoras de serviço foram acolhidas para atenderem a Petrobrás e, conseqüentemente ocorreu à atração de mais trabalhadores, o incremento populacional de Aracruz se manteve em ordem crescente (Orrico, 2010). De modo que, se em 1960, o município possuía 25.193 habitantes, passava a ter 81.832 em 2010 (IBGE, 2010). Ressalta-se, entretanto, que grande parte da mão de obra que migrou para o município tinha baixa qualificação educacional e profissional e era oriunda, sobretudo, dos estados da Bahia e de Minas Gerais.

Sobre o desenvolvimento, Dupas (2007) questiona: “quais riscos e custos de natureza social, ambiental, de sobrevivência e catástrofes pode gerar? ”. Se a resposta a este questionamento tiver como base os índices sociodemográficos e econômicos observados quantitativamente, a resposta informará um município muito bem gerido em termos de políticas públicas. Isto porque, ao se analisar o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Aracruz, em 2010, constata-se que ele está em 0,752, o que significa que o município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Alto. Além disso, entre os anos de 1991 a 2010, o acesso à educação foi o indicador apontado pelo IBGE como o que mais cresceu em termos absolutos, seguido dos indicadores Longevidade e Renda.

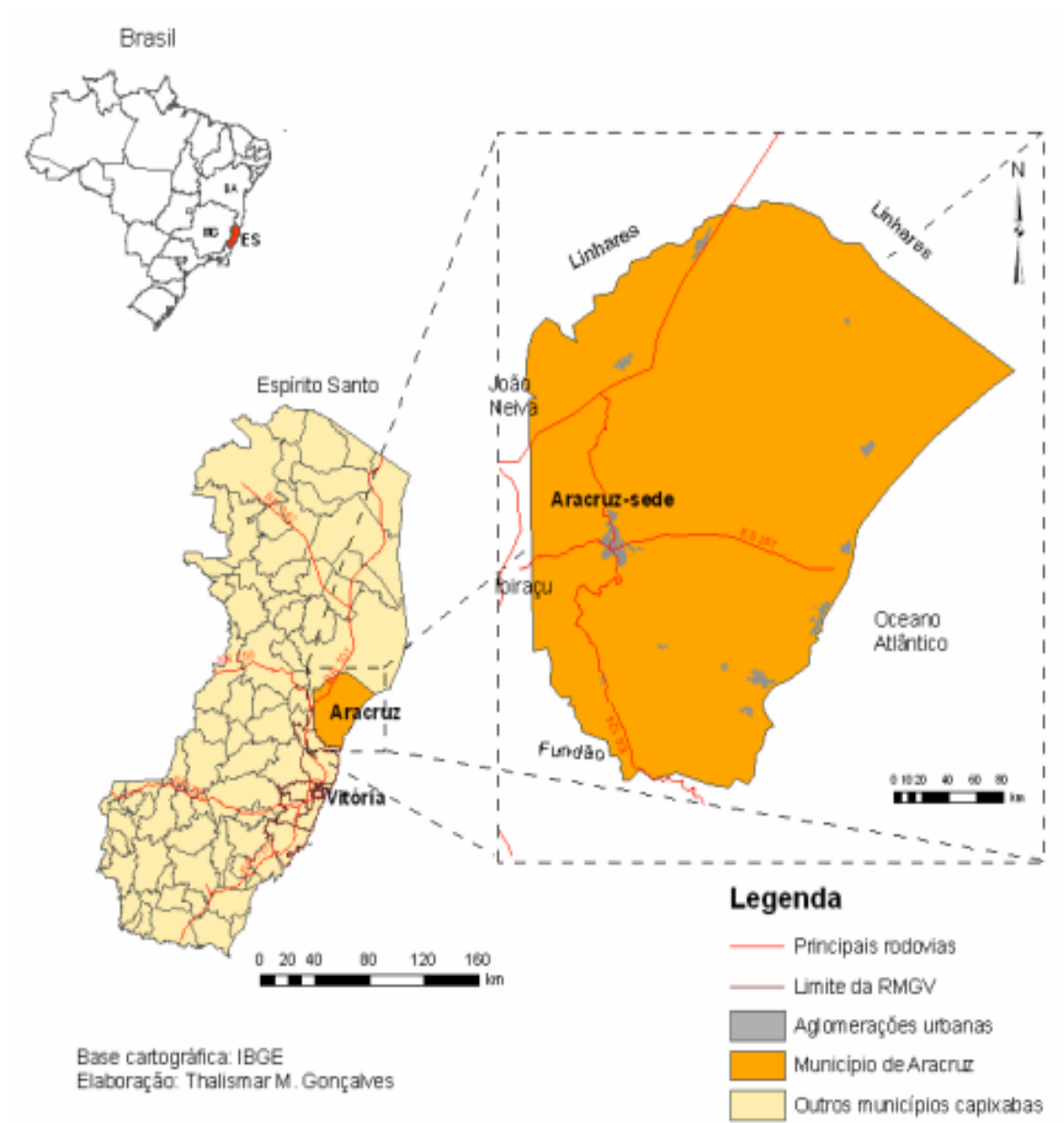
O PIB de Aracruz complementa essa radiografia de indicadores positivos em virtude de ser o segundo maior do estado, à frente, inclusive, do PIB de Vitória, a capital do Estado. O município ocupa, portanto, posição de destaque diante de outros com atividade econômica significativa, concorrendo inclusive com municípios que acolhem indústrias, como Anchieta com a Samarco, Vitória com a CVRD, Serra com a Arcelor Mittal e, ainda em Aracruz, a JURONG.

Dupas (2007) nos provoca a discutir os efeitos do processo de transformação socioeconômica com outra lupa: aquela que busca alargar a análise para além dos indicadores quantitativos e, portanto, fundamentados em Castles (2010), examinamos os elos entre transformação social realizada e mobilidade humana na conjuntura dos níveis sociourbanos de Aracruz (conforme, DADALTO, 2013).

Aracruz localiza-se próximo à região Metropolitana da Grande Vitória, corresponde a 3,15% da área do Espírito Santo e possuía, em 2013, segundo o IBGE, uma população de 91.562, distanciando-se de 2010 quando sua população era de 81.832 habitantes (IBGE 2013). Compõe-se de cinco distritos: Sede, Santa Cruz, Riacho, Guaraná e Jacupemba. Situa-se a uma altitude de cinquenta metros do nível do mar, seu clima é tropical litorâneo. A área da unidade territorial ocupada por Aracruz equivale a aproximadamente 1.423.874km², o que representa cerca de 3,15% do estado capixaba.

Em relação ao território nacional, Aracruz situa-se em 179º entre os municípios de relevância, com Produto Interno Bruto de R\$ 41.018,50. Tem 45 bairros, dentre eles os de Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho. A fundação do município data de 01 de janeiro de 1939. Sua densidade demográfica era de 37,95 habitantes por km² em 1980, tendo alcançado a marca de 57,47 habitantes por km² em 1991. A taxa média de crescimento foi de 3,5% ao ano. O código do Município para o IBGE é 3200607, o gentílico é aracruzense.

FIGURA 3
Mapa Localização Município de Aracruz



Fonte: Orrico (2010, p. 12)

As informações sobre a história de Aracruz foram obtidas em leituras de duas obras, tidas como ícones para os munícipes. A primeira é o livro “Faça-se Aracruz! ”, organizado pelo jornalista Maurilen de Paulo Cruz e publicado em 1997. A segunda é Uma História do Povo de Aracruz, publicada em 2006 em dois volumes. Seu autor, o professor José Maria Coutinho, nascido em Barra do Riacho (1946-201), era o orgulho de seu bairro, pois se graduou em História, pela UFES e obteve grau de Mestre em História da América em 1971. Prosseguiu seus estudos nos Estados Unidos, onde obteve o grau de Doutor em Ciências Sociais e Educação Comparada, pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA).

Essas duas obras demonstram, por parte de seus autores, engajamento e respeito pelo município, bem como para com as pessoas que escreveram, mesmo antes deles, a história com suas próprias vidas. Coutinho (2006) dedicou-o ao município de Aracruz e bairros da Orla. Visionário, ele coordenou e empreendeu inúmeras ações visando à preservação do ambiente e cultura locais.

Cultura essa, que segundo Cruz (1997), nos remete às três tradições culturais indígenas, nomeadas pelos especialistas arqueólogos, antropólogos e historiadores: 1) 500-1.500 Tradição Tupi-Guarani (Tupinambá – Tupiniquim); 2) 800-1800 – Tradição Aratu (Pataxó); 3) 1.000-1.600 – Tradição Uma (Puri e Coroado). Na atualidade, Cruz relata que a população indígena está distribuída por cinco aldeias: Caieira Velha, Irajá, Boa esperança, Pau Brasil e Comboios.

Nos dias atuais, encontramos poucos recordadores das lembranças do povo indígena. Destacamos ainda alguns episódios marcantes e que estabelecem conexão com o tema aqui tratado: (1) a migração no ponto em que Capitão Mongeardino traz à Aldeia de Santa Cruz, nominada Aldeia Velha, trinta casais portugueses que se espalharam para o norte, chegando ao vale do rio Riacho onde fundaram, na foz desse rio, o Quartel do Riacho, contra a presença dos índios Botocudos – tribo temida pela bravura e canibalismo, dando origem ao povoado de Barra do Riacho, hoje um dos bairros do nosso interesse; (2) o imigrante italiano Pietro Tabacchi, empreendedor e comerciante local, proprietário da Fazenda das Palmas, obteve do Imperador Dom Pedro II, após negociações que, em 1873, lhe trouxeram permissão para trazer setenta famílias do Tirol (Itália) para trabalharem em sua Colônia “Nova Trento”, situada nos limites do município vizinho de Fundão.

Desembarcaram em Vitória do barco “Sofia”, 386 tirolezes os quais após uma breve quarentena foram deslocados para o Distrito de Santa Cruz, a bordo do patacho¹. Ocorre então, a primeira imigração italiana para o Brasil, que sucede a imigrações portuguesa e africana. Face a desentendimentos entre os imigrantes e Pedro Tabacchi, os primeiros espalham-se pelo centro-norte-sul do Espírito Santo, criando vários municípios e cidades. Após a segunda e terceira vagas de imigrantes chegados entre 1875-1877 a bordo do navio “Rivadavia” e depois no navio “Columbia” o Presidente da Província, Abreu Lima, fundou no sertão, o Núcleo Colonial “Santa Cruz”, para italianos, nomeando o General Aristides Guaraná como Diretor, que mais tarde tornou-se Ibirapu, de onde os italianos deslocaram-se para o norte do município de Aracruz. Avançando no tempo, já em 1940, destacamos o fato de Armando Lobo, filho do Prof. Antônio da Rocha Lobo, completa a doação de mais 20 hectares, somando-os aos trinta já concedidos por seu pai anteriormente, constituindo-se no patrimônio de Barra do Riacho. Por meio do Decreto-lei Estadual nº 15.177 de 1943, o município de Santa Cruz, passaram a chamar-se Aracruz, que significa “pedra do altar da cruz”. Essa transferência da sede do município para o povoado de Sauaçu gerou resistência por parte dos moradores de Santa Cruz. Ainda assim a transferência efetivou-se em 1950, tendo o Prefeito Luís Theodoro Musso surpreendido a todos de madrugada, comandando um bando de cavaleiros armados, os quais carregaram os documentos municipais. Esse episódio ficou conhecido como “o roubo da Sede” (CRUZ, 1997).

Na década de 1990, o município de Aracruz testemunha a duplicação da empresa Aracruz Celulose, construindo mais duas fábricas (B e C). Dessa forma ela ampliou sua importância e competência para se inserir e se consolidar no mercado internacional. Também vieram para o município as empresas Canexus e Degussa / Bragussa, além de incontáveis terceirizadas que chegam a fim de fornecer serviços às empresas de maior porte.

Em 1993, segundo o Censo do IBGE, a população de Aracruz era de 54.456 habitantes sendo que 82% habitava a zona urbana. Dos 36.723 eleitores, 4.500 eram filiados a partidos políticos. A economia contava então com alternativas diversas (agricultura) café, silvicultura (florestas industriais), pecuária (gado de corte), produção de celulose e indústria metal mecânica.

¹ Barco a vela com dois mastros, o “N. S. da Penha”.

Ainda na década de 1990, o cenário do município sofreu inúmeras transformações. A rede pública tinha noventa e nove escolas, das quais quarenta e duas na zona urbana e cinquenta e sete na zona rural, com uma população estudantil de 23.290 estudantes. A rede particular ofertava sete escolas, sendo uma Faculdade de Ciências Contábeis (FACHA), oriunda do Ginásio Sauaçu, referência do Ensino criado em 1957, que já nessa época requeria novos cursos, para atender à população estudantil, entre rede pública e particular, de 23.290 estudantes.

A rede de saúde, praticamente de natureza particular, contava com o Hospital São Camilo, nove clínicas, seis laboratórios de análises clínicas, doze consultórios odontológicos, cinco bioquímicos e técnicos de saúde.

A comunicação do município de Aracruz já gozava de uma condição privilegiada, fruto da ditadura militar, atendido por telefonia de bom padrão e integrada ao sistema nacional DDD, com três agências de correios franqueadas e treze outras agências satélites. Contava ainda, com duas emissoras de rádio e dois jornais mensais. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento e a Telecomunicações do Espírito Santo S/A (TELEST) estabeleceu uma condicionante para regiões que sediavam projetos industriais. Nesses lugares, suas redes de suporte seriam baseadas em fibra ótica.

A telefonia fixa teve seu índice de digitalização ampliando serviços de rede corporativa virtual em processamento de voz e uma grande diversidade de serviços adicionais. Foi efetivada a instalação de estação com 1500 linhas de celular móvel, com expansão da estação 256, que atendia a sede do município em mais 750 linhas, perfazendo um total de 2.700. Houve melhorias na estação 250 que atendia a orla do município. Barra do Sahy e Vila do Riacho foram contempladas com duas novas torres, a primeira no balneário, com capacidade para 320 linhas e a segunda na Vila do Riacho, com capacidade para 246 linhas.

Os investimentos em infraestrutura avançaram em direção a melhorias de rodovias, na medida em que o acesso ao aeroporto de Vitória, a sessenta quilômetros da cidade e Aracruz, fosse facilitado no percurso pela BR 101. A energia elétrica, que dispunha da Usina Santa Maria, já há muito inoperante, ampliou sua rede por meio da ESCELSA e o Gás Natural (Norte do Estado do ES) que teve o município de Aracruz como precursor no uso de gasoduto para a Grande Vitória.

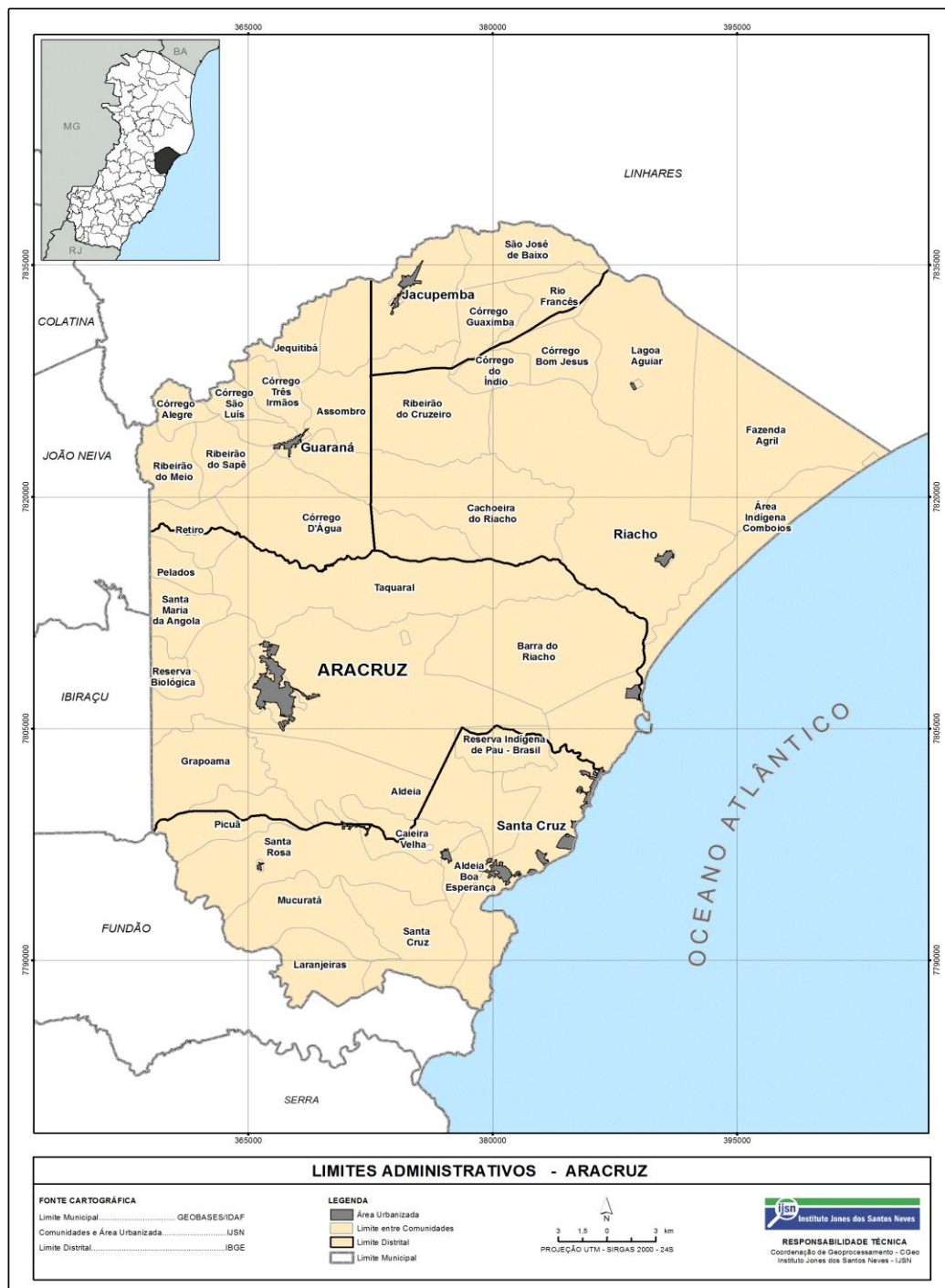
Em seu trajeto, o gasoduto passa pelo Centro Industrial da orla e o Polo Industrial de Santa Cruz, sendo a Petrobrás concessionária da distribuição em todo o Estado, conforme relatório da Secretaria da Indústria e Comércio (IJSN, 2015, p. 110).

O Poder Executivo de Aracruz, consciente do potencial do porto de Barra do Riacho, aliado à implantação da Ferrovia Norte do ES, reforçou quão seguro seria para o desenvolvimento regional construir o Polo Industrial de Santa Cruz, situado na orla com 22.000 m². Acolheu, assim grandes, médios e pequenos empreendimentos integrando-os ao comércio internacional por meio de parcerias e contratos, além de gerar divisas para o Brasil.

Isto envolveria órgãos públicos, lideranças políticas e empresariais. Todos estes agentes propulsores de desenvolvimento, visando à atração de investimentos industriais capazes de modificar o perfil da atividade econômica regional, promoveriam a internacionalização da região.

Os mecanismos de apoio estadual viriam do FUNDAP – Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias; FUNRES – Fundo de Recuperação Econômica do Espírito Santo; FUNDES – Fundo de Desenvolvimento do Espírito Santo; Prazo Especial para recolhimento.

FIGURA 4
Limites Administrativos de Aracruz



Fonte: Coordenação de Geoprocessamento – IJSN/ES – 12/2015

TABELA 5**Dados Demográficos do Município de Aracruz-ES**

Homens	40.795
Área rural	5.408
Área urbana	35.387
Mulheres	41.037
Área rural	4.973
Área urbana	36.064
População residente	81.832
Área rural	10.381
Área urbana	71.451

Fonte: Censo Demográfico, 2010 - População Rural – Urbana.

A Tabela 5 indica a constatação que 10% da população masculina e feminina migraram da área rural para a área urbana.

TABELA 6**Dados Demográficos - Censo Migrantes Gênero Homem**

Homens de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	3.963
Homens rurais de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	429
Homens urbanos de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	3.534

Fonte: IBGE Censo Demográfico, 2010 - Resultados da Amostra – Migração Gênero Homem.

A Tabela 6 mostra que a migração do gênero masculino oriunda de outros centros urbanos superou a migração interna, mesmo as da área rural para a área urbana. Assim pode-se entender o motivo pelo qual a população comumente alega ser a migração massiva tanto do Espírito Santo quanto de outros Estados.

TABELA 7**Resultados da Amostra – Censo Migrantes Gênero Mulher**

Mulheres de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	4.444
Mulheres rurais de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	403
Mulheres urbanas de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	4.042

Fonte: IBGE Censo Demográfico, 2010 - Migrantes Gênero Mulher.

A Tabela 7 mostra que a migração do gênero feminino pode se originar tanto de outros municípios, quanto de outros centros urbanos sobrelevando a migração interna, mesmo as da área rural para a área urbana. Esse grupo supera quantitativamente a migração do gênero masculino, quando esses dados são confrontados aos dados da Tabela 6.

TABELA 8**Censo Pessoas que não residentes**

Pessoas de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	8.407
Pessoas rurais de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	831
Pessoas urbanas de 5 anos ou mais de idade que não residiam no município em 31/07/2005	7.576
Total Geral População	81.832

Fonte: IBGE Censo Demográfico, 2010 – Resultados da Amostra - Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais - <<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=320060>>> Link: <<<http://cod.ibge.gov.br/629>>> **Acesso em** 10/10/2015

A Tabela 8 mostra e confirma a perspectiva de migração massiva para o município de Aracruz, representando mais de 10% no total da população no Censo em 2010.²

² Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2013.

Tendo apresentado dados da população, avançamos no sentido de apresentar os bairros e suas singularidades, origem, história, desafios e conquistas. Antes, entretanto, de retratar as informações coletadas dos bairros, cabe uma importante ressalva sobre a Lei 3.240 que trata da denominação e delimitação dos mesmos, sancionada aos 22 dias de outubro de 2009.

O documento apresentado³ visa apresentar os bairros objeto dessa pesquisa. O principal objetivo dessa lei de 2009 foi garantir coerência e facilitar o trabalho censitário do IBGE, melhor clareza dos limites para inclusão no orçamento participativo, tratando de forma equitativa as necessidades de cada um. Cabe ressaltar que, embora neste documento constem todos os bairros, o foco desse trabalho será, tão somente, os dois já destacados: Barra do Riacho e Coqueiral de Aracruz, dentre os pertencentes ao município de Aracruz.

FIGURA 5

Documento Delimitação dos Bairros Lei Número 3.240, de 22/10/2009.



Prefeitura Municipal de Aracruz
ESPÍRITO SANTO
GABINETE DO PREFEITO



LEI Nº 3.240, DE 22/10/2009.

DISPÕE SOBRE A DENOMINAÇÃO E
DELIMITAÇÃO DOS BAIROS NO
MUNICÍPIO DE ARACRUZ E DÁ OUTRAS
PROVIDÊNCIAS

O PREFEITO MUNICIPAL DE ARACRUZ, ESTADO DO ESPÍRITO
SANTO, FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL APROVOU E
EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º. Ficam definidos os limites dos Bairros no Município de Aracruz, especificados por Distritos conforme denominações, respectivos memoriais descritivos e mapas que integram esta Lei:

Fonte: Prefeitura Municipal de Aracruz 12-2015.

³ Cedido em 2015 pela PMA – Prefeitura Municipal de Aracruz, Secretaria de Planejamento na Gerência de Geoprocessamento pelo Gerente Jurandir Giovanni a fim de possibilitar a apresentação dos bairros objeto dessa pesquisa. Nas páginas iniciais consta o Distrito da Sede – bairro Barra do Riacho e na página seguinte – Coqueiral de Aracruz.

2.2 Aracruz Celulose Indústria

O projeto de criação da Indústria Aracruz Celulose teve início em 1967, quando dos primeiros plantios de eucalipto. Sua fundação ocorreu em 1968 e exatamente dez anos depois iniciou a operação de sua primeira unidade industrial no Espírito Santo. A inauguração do Portocel, único porto no Brasil especializado no embarque de celulose, no Espírito Santo, e próximo da Indústria, mostra a forma que o acesso e a saída do produto fabricado no município eram assegurados.

As aquisições das terras em questão foram realizadas no início da década de 1970, mais especificamente entre 1973 e 1975, época da ditadura militar, em que o governo federal desenvolvia uma política de expansão e incremento da economia local, principalmente com relação ao crescimento das indústrias de base.

Em consonância com o programa, a então Aracruz investiu fortemente no estado do Espírito Santo, adquirindo diversos imóveis rurais para a criação da sua base florestal. Os imóveis adquiridos consistiam de áreas com direito de posse particular, passíveis, portanto, de aquisição pela companhia e não de terras devolutas. O processo de legitimação de terras por pessoas jurídicas levava um tempo considerável, provavelmente anos, para ser concluído e, com isso dificultava os investimentos pretendidos. Segundo informação coletada em uma das histórias de vida, para que se pudesse atender aos objetivos do governo, nesse período ditatorial, restritivo e opressor, a aquisição de terras era feita em ritmo acelerado, o que levou, em alguns casos, à utilização de um expediente diferenciado na transferência de posse para pessoas físicas.

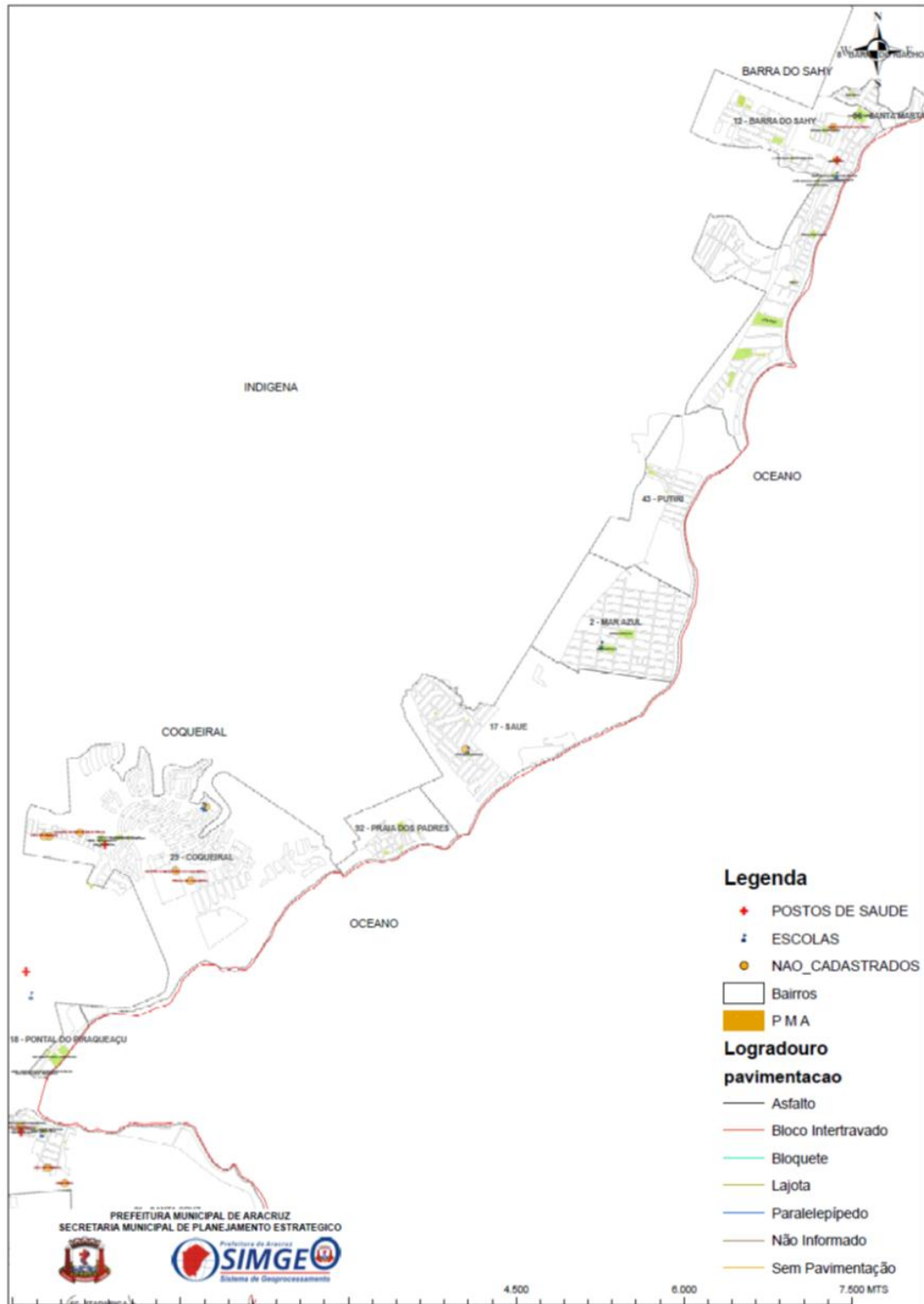
As terras eram requeridas inicialmente em nome de empregados que, com grande transparência, informavam que a compra dessas terras se destinava a projetos de reflorestamento da empresa, não omitindo, portanto, o seu propósito. Todos os órgãos envolvidos tinham plena ciência quanto à forma de tramitação do processo que, ao final, era aprovado pelo Estado. A companhia manteve por todo esse tempo a posse pacífica dessas áreas que, até a proposição da ação, não haviam sido objeto de qualquer questionamento.

Da floresta ao porto, a logística foi sendo gradativamente integrada por modais (modos de transportes) rodoviário, ferroviário e marítimo, para o transporte eficiente de madeira e celulose.

3 PEQUENAS DISTÂNCIAS, GRANDES CONTRASTES

O conjunto da paisagem nos mobiliza a uma reflexão, na qual conseguimos vislumbrar a história viva de uma região, que na atualidade reconta caminhos percorridos por indígenas, jesuítas, desbravadores, estudiosos, curiosos, nobres, fidalgos e imigrantes. No Espírito Santo um recanto, antes Sauaçu hoje Aracruz, com uma extensa orla margeada pelos bairros Coqueiral de Aracruz, Barra do Sahy e Barra do Riacho, representam aqui o espaço geográfico a ser recontado, exceto Barra do Sahy. O céu, o mar, o extenso coqueiral seguido da imponente plantação de eucalipto, o acostamento na estrada, que separa as Barras, repleto de carros e caminhões denunciam mais uma construção, anunciando transformações, algumas já conhecidas pela população do entorno, outras inesperadas. Neste trajeto, uma ou mais pessoas esquadriham nossas lembranças, produzindo cenas que seguem no percurso desse estudo e que margeia o rio, o mar e o interior.

FIGURA 6
Cartografia da Orla do Município de Aracruz.



Fonte: PMA - SEPLAN-Gerência de Geoprocessamento 2015.

3.1 Bairros da Orla de Aracruz

Ao se examinar os diferentes bairros de Aracruz, verifica-se uma segregação sócio urbana que se articulou paralelamente ao desenvolvimento socioeconômico e à implementação industrial do município. Tal fato se configura com a expansão urbana – provocada por investimentos empresariais, imobiliários e pela ação de parte da população migrante, localizada em bairros mais periféricos (ORRICO, 2010).

Dos quarenta e cinco bairros constantes no Censo 2010, destacamos para análise, entre os dez, o primeiro e o terceiro mais populosos, com maior percentual de moradores- Barra do Riacho, com 6.042 moradores e Coqueiral, com 4.197 (IJSN, 2014).

Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho situam-se a 25 km da indústria Aracruz Celulose. No entanto, por ser o mais populoso, Barra do Riacho, mesmo e apesar dos destacados índices do município de Aracruz PIB de R\$ 4.266.133 mil reais e IDH Geral, Renda e Educação variando entre 0,752 e 0,707, considerados altos, segundo o IBGE Cidades (2010), enfrenta maiores índices de violência, além de áreas de segregação espacial, as quais são tidas como marginalizadas.

Há que se considerar que, por uma série de circunstâncias, nem todas as pessoas disponíveis no mercado são absorvidas pelas indústrias. De modo que se estabelece um paradoxo que desconstrói, parcialmente, os dados positivos acima e demonstra a ineficiência do poder público em atuar proativamente na manutenção da satisfação da população em todos os seus estratos sociais, atendendo precariamente às demandas quanto à habitação, educação, saúde e segurança.

De acordo com Caldeira (2011), em geral são as áreas segregadas que tendem a concentrar maiores índices de homicídios. E, por questão de segurança, sob um discurso que dissemina uma cultura de medo, mais muros, grades e seguranças são postos. Conforme estudos produzidos pelo Instituto Jones dos Santos Neves (2014), entre 2006 e 2011 houve um decréscimo de 21% em ocorrência de crimes contra o patrimônio no município. Por outro lado, constatou-se crescimento de 54% em ocorrência de crimes não letais contra as pessoas, de 58% de crimes violentos contra o patrimônio e de 81% em mortes violentas.

Entre as décadas 1990 e 2010 houve um aumento de 24% nos óbitos e 29% de decréscimo em oferta de leitos no único hospital do município de Aracruz, comprometendo o atendimento de uma população que cresceu mais de 208,43% no mesmo período temporal.

Portanto, os dados da Saúde reforçam os indícios da ineficiência da gestão pública que somando rede pública e privada, conta hoje com 40 unidades de saúde entre hospitais e clínicas, quantitativo que, para a população atual revela-se deficitária.

3.2 Coqueiral de Aracruz ou Paraíso

Em 1967, a Aracruz Florestal iniciou o plantio de eucalipto no município de Aracruz. Segundo Antônio Vilas Boas, gestor da Aracruz, a construção da unidade fabril para produção de celulose a partir do eucalipto deu-se em 1975. Concomitantemente à produção ocorre a chegada de um grupo de operadores, técnicos, engenheiros, de todas as partes do Brasil e de outros países, pois, não tendo esse tipo de recurso humano, foi preciso atrair e contratar profissionais de outras regiões. Todavia, como nem o município nem as cidades vizinhas ofereciam infraestrutura suficiente para hospedar o contingente de pessoas esperado, a empresa então iniciou a construção do bairro Coqueiral em 1976, um paraíso planejado.

O acesso do bairro à sede do município dá-se por via municipal não asfaltada à época, com percurso de 24 km e distante da fábrica 16 km, trecho esse mantido pela Santa Cruz Urbanizadora. Para atingir Vitória à época, 1976, era preciso percorrer 52 km por estrada estadual, realizar uma travessia de balsa sobre o canal do Rio Piraquê-Açu, passando por Santa Cruz, restando 17 km de estrada de chão batido, até Nova Almeida, onde o percurso já era asfaltado.

Dessa forma, a empresa Santa Cruz Urbanizadora S.A (SANTUR) do Rio de Janeiro, subsidiária da Aracruz Celulose desenhou, planejou, construiu e administrou o então Bairro cidade. Com o crescimento da Aracruz Celulose na região, a empresa adotou a prática de venda das casas feitas para os primeiros funcionários, passando a administração do bairro para a prefeitura de Aracruz.

A área urbanizada do bairro é de aproximadamente 1.595.000m², com 13.404 metros de ruas e avenidas, com largura de seis a oito metros respectivamente, todas pavimentadas, com casas devidamente atendidas por água, luz e esgoto tratado. Inicialmente foram construídas aproximadamente 1.000 casas para atender a implantação e posteriormente a ampliação da fábrica.

O bairro é servido por uma estação de tratamento de água, de esgotos, energia elétrica, correios e telégrafos, rede telefônica equipada com 370 terminais com acesso aos sistemas DDD e DDI além de oito telex operacionalizados pela Empresa Brasileira de Telecomunicações. (EMBRATEL). Nessa ocasião, já estavam previstos a ampliação de mais 170 terminais telefônicos, gás, coleta de lixo e pavimentação. A tabela 9 mostra os modelos de casas construídos no bairro:

TABELA 9

Tipos de casa-Área e Quantidade de dormitórios

TIPOS DE CASA	ÁREA	DORMITÓRIOS
AI	200 m2	03
A2	200 m2	04
B1	140 m2	02
B2	150 m2	03
B3	105 m2	03
C1	70 m2	02
C2	85 m2	02
D	50 m2	03

Fonte: Plano de Habitação SANTUR – 1976 - Elaboração Maria Rita C. S. Régis.

Os moradores e lideranças comunitárias com os quais conversamos informalmente destacaram algumas singularidades, tais como: de, ainda no alvorecer, comprarem nas portas das suas casas, do fornecedor que circulava em uma caminhonete, o pão e garrafas de leite; das barras de ferro que precisavam ter para evitar bote de cobras; do isolamento quando chovia; da falta de transporte, de ausência de comércio para suprimento das suas casas; das viagens que faziam pelo município de Fundão, pois a ponte ainda não havia sido construída e a balsa ofertava espaço reduzido que impossibilitava a travessia do ônibus.

O ônibus locado pela Aracruz Celulose levava moradores para fazerem compras em Vitória duas vezes por semana. O ônibus estacionava no centro da cidade na Avenida Princesa Isabel. Retornava para Coqueiral no final da tarde, tempo às vezes insuficiente para conciliar as compras com atividade de lazer que a capital, Vitória, oferecia.

Uma década depois já residiam em Coqueiral aproximadamente 4.000 pessoas, cuja faixa etária predominante girava em torno de 21 a 30 anos, vindas de diversos estados brasileiros, inclusive de outros países, o que resultou em uma população heterogênea com interesses, hábitos e costumes diversos. O traço comum estava no fato de serem todos funcionários da Aracruz Celulose ou seus dependentes.

Nesse período, iniciou-se a construção do alojamento para funcionários denominado Solar Piraquê-Açu com três andares, 18 apartamentos e 27 leitos, destinado ao uso de funcionários dos níveis hierárquicos superiores e visitantes autorizados pela Diretoria das Empresas. Um segundo alojamento, denominado Torre da Praia com 80 apartamentos, 105 leitos, continha restaurante, cozinha, lavanderia, salão de jogos, rouparia, sala de recreação, pátio interno e externo com jardim e estacionamento. Este foi designado para funcionários solteiros e desacompanhados.

Inicialmente, duas escolas particulares, uma que atendia até o primeiro grau e outra que atendia a partir do Ensino Médio a Escola Ativa do Coqueiral. O setor de saúde contava com a Clínica Médica de Coqueiral, que atendia 24 horas, contando com especialidades de clínica médica, pediatria, ginecologia e obstetrícia, chegando a alcançar 1500 atendimentos mensais. Além da Clínica Médica, a população de quatro a doze anos de idade de Coqueiral podia dispor de Clínica odontológica em convênio com o SESI. Somavam-se a esse serviço mais três clínicas particulares situadas no Centro Comercial, este com uma área de 2.811m², 22 lojas e dois banheiros individuais.

O comércio incipiente na década de 1970 ofertava mais opções na década seguinte com serviços de supermercado, padaria, açougue, feira-livre, farmácia, lanchonete-restaurantes, sapateiro, estofados, jornais e revistas, equipamentos de pesca, roupas e brinquedos, *bomboniere*, viagens e turismo, agência bancária, pastelaria, postos de atendimento da Escelsa⁴, tinha ainda oficina especializada em consertos e eletrodomésticos.

⁴ A Espírito Santo Centrais Elétricas S. A. (Escelsa) é uma empresa brasileira de distribuição de energia elétrica que opera no estado do Espírito Santo.

Quanto às associações, dispunha do Conselho Comunitário do Coqueiral; do Centro Comunitário; da Associação de Pais e Mestres da Escola de primeiro grau; do Círculo de Pais e Mestres da Escola Ativa do Coqueiral; Clube da orla e Igreja Católica.

O lazer, da mesma forma, era uma preocupação da empresa. Assim, as áreas verdes, *playgrounds*, minicampos de futebol, um pequeno bosque e campos de areia foram muito bem planejadas.

A segurança era patrimonial e preventiva, contava com uma delegacia e vigilantes que circulavam vinte e quatro horas diárias, coletando informações, observando possíveis anomalias e informando imediatamente à Central de Vigilância. Todos os serviços de manutenção preventiva, manutenção das casas e do bairro, paisagismo e dedetização eram da responsabilidade da indústria Aracruz e as programações de reformas periódicas cabiam à Santa Cruz Urbanizadora S/A, designada administradora pela Aracruz.

FIGURA 7

Cartografia do Bairro Coqueiral de Aracruz



3.3 Barra do Riacho ou Tártaro

Coutinho (2006) conta que Barra do Riacho se originou basicamente de uma das três grandes fazendas que havia nas proximidades do Rio Riacho, surgidas com a criação do município de Santa Cruz, que abrangia aquela região. Em 1848, a fazenda chamada Flor da Barra começava na saída norte da (atual) Barra do Riacho e ia até o Córrego das Minhocas, na Praia das Conchinhas, sendo sua sede um casarão na foz do Rio Riacho.

FIGURA 8

Perspectivas da Casa grande – (Século XIX e XX) – Hoje Casa Assombrada



Fonte: Site www.morrodomoreno.com.br Acesso 12/2015.

A casa grande de uma das outras fazendas, a Mercantil, de Luís de Mattos, hospedou o imperador Dom Pedro II em fevereiro de 1860. O monarca visitava a Província do Espírito Santo. (CRUZ, 1997, p. 59)

Nessa ocasião percorreu praticamente toda a orla marítima do Município de Santa Cruz. O Imperador D. Pedro II, ao passar por Barra do Riacho, registrou apontamentos que podemos apreciar:

Na praia, por onde andei, tem lugares cheios de fucê, e alguns pareceram-me curiosos, sentindo a estreiteza do tempo para examiná-los. A areia atira para cor de rosa. Depois vêm os riachos Tacipeva, Timbotiba e Saí, onde há vau [em] vazante; encontrei aí o Matos, dono da casa do Riacho onde me hospedo; é falador, mas parece bom homem; nunca saiu quase de seu sitio, o que não admira num capixaba (IMPERADOR DOM PEDRO II, 1860).

O anfitrião a que se refere D. Pedro II é o Coronel Joaquim Ribeiro Pinto de Matos, proprietário da Fazenda Santa Joana, onde se situa a dita casa assombrada. Antônio Lobo resolveu doar aquelas terras, num total de trinta hectares, diante da quantidade de posseiros que ocupavam a área em torno do pasto da Fazenda Flor da Barra.

Foi dessa forma que surgiu o povoado de Barra do Riacho. Tempos depois Armando Lobo doou mais de vinte hectares. Na década de 1930, Barra do Riacho já contava com cerca de 150 habitantes, destacando-se as famílias Azeredo, Alvarenga, Souza, Leal, Bandeira, Pimentel, Matos, Andrade. Relata ainda o historiador Coutinho (2006) que:

Nessa época não havia carros nem estradas. Apenas caminhos abertos à foice ligavam Barra do Riacho a outros povoados e toda viagem era feita a cavalo ou a pé. Os doentes eram transportados em redes (COUTINHO, 2006, p. 202).

Coutinho (2006) relata ainda que seu pai passou a morar no progressista povoado de Barra do Riacho por volta de 1932, dedicando-se à agricultura e depois ao comércio. Na condição de vereador, por dois mandatos, ajudou a desbravar a região, tendo comandado os índios e caboclos na abertura de estradas a foice, machado, facão e enxadão, ligando o povoado à Vila do Riacho, Pau-Brasil e Barra do Sahy. Outro grande feito foi à construção das pontes sobre os Rios Sahy e Gemunhuna e do primeiro cemitério; por fim, seu pai liderou a construção da Igreja de São Sebastião.

Afinal de contas, uma comunidade fundada por volta de 1850, por onde havia passado o Imperador, não podia desaparecer.

Após um período de decadência, Barra do Riacho voltou a destacar-se, a partir de 1976, quando foi literalmente “ocupada” pelos milhares de operários que trabalhavam na construção da fábrica da Aracruz Celulose, a cerca de 1quilometro ao sul da vila.

O processo de industrialização, com a chegada do progresso entre 1975 e 1978, assustou os moradores que eram aproximadamente 1.000 pessoas, tendo crescido para 3.000 repentinamente, relata Coutinho (2006) ao repórter do jornal A GAZETA Mauro Fraga, na década de 1980. Barra do Riacho era basicamente constituída por fazendas, pequenos roçados que desapareceram, dando lugar às plantações de eucaliptos. Os tabuleiros dos recifes, de onde se retiravam búzios, polvos, lagostas, cederam lugar ao porto de exportação da celulose, fazendo desaparecer o que restava da mata.

FIGURA 9



Fonte: Acervo IJSN AJ07799: Progresso assusta Barra do Riacho. Fraga, Mauro A Gazeta, Vitória, ES, 09/07/1984, p.1, cad.2. c.1-5.

Os nativos recuaram diante do complexo multinacional. A contínua chegada de pessoas, sobretudo homens que atuavam na planta industrial, aqueceu a prática da prostituição, modificando o ritmo de vida do povoado. Por ser a princípio um recanto perdido no meio de uma floresta, segundo moradores mais antigos, as moças usavam caixotes de madeira empilhados para esconder os encontros furtivos, conforme figura 10.

FIGURA 10

A TRIBUNA — Vitória, ES, terça-feira, 12 de maio de 1981

44

Barra do Riacho pede socorro

AJ07800

Especial

Barra do Riacho, uma antiga aldeia de pescadores situada no município de Aracruz, está vivendo dias de expectativa diante da ameaça da vinda de cerca de oito mil operários para trabalharem na expansão do porto de fábrica da Aracruz Celulose e na implantação de uma estrada-de-ferro ligando o local aos centros produtores de matéria-prima utilizada na fabricação de celulose. Barra do Riacho já passou por

problema semelhante entre 1975 e 1978 quando se instalou no local o canteiro de obras da fábrica. Um confluxão de prostitutas, falta de policiamento e propagação de doenças venéreas na área são alguns dos problemas encarados pela Associação Comunitária de Barra do Riacho, que agora se movimenta para evitar que voltem a acontecer fatos ocorridos em um passado não muito distante.

**Por Pedro Maia
Fotos: Ailton Lopes**

A população do distrito de Barra do Riacho, no Município de Aracruz, está alarmada com fatos que vêm acontecendo no local desde o índice de criminalidade se tornou uma séria ameaça para toda a comunidade. O estado de tensão das moradores locais aumentou na final da última semana quando ali foi assassinado, a facadas, um funcionário de uma das empresas que trabalham para a Aracruz Celulose. O crime foi latrocínio, e os criminosos, jovens do próprio local, mataram para apoderarem-se de pouco mais de Cr\$ 10 mil, a pagamento mensal do operário assassinado.

O problema da violência vem afetando Barra do Riacho desde meados de 1975, quando a Aracruz Celulose implantou no Município os canteiros das obras de construção de sua fábrica. Junto com os operários chegaram os aventureiros e as prostitutas, mudando por completo a paz e tranquilidade de Barra do Riacho, até então uma bucólica aldeia de pescadores com uma população fixa de pouco mais de duas mil pessoas. Nos arredores desta aldeia desenvolveu-se um confinamento de prostitutas que hoje possui cerca de 50 casas, abrangendo mais de 200 mulheres, vindas dos mais diversos pontos do Espírito Santo. Este confinamento é conhecido por "Caiçote" ou "Lava" e transformou-se no maior problema para a comunidade local.

HISTÓRIA

A penetração da Aracruz Celulosa no Município de Aracruz começou em 1977 através de sua subsidiária, a Aracruz Florestal, que acabou por desativar a que a extinta Companhia Ferro e Aço havia deixado da zamburana floresta tropical, paulatinamente transformada em campo vegetal, que durante muitos anos alimentou os campos daquela empresa, os Jardins America.

A mudança da antiga Ferro e Aço na moderna Barra do Aço de Vitória, trouxe com os ferros a carvão, passando a funcionar com alto-forno elétricos. Os indutores que desceram de Minas e São João del-Rei para a estação de madeira no Município de Aracruz, receberam, a título de indenização, a permissão para permanecerem nas terras onde possuem suas casas e roçados, na condição de posseiros. E assim a Ferro e Aço abandonou a área remota da década de 60.

Foi a partir de 1977 que a Aracruz Florestal foi adquirindo pouco a pouco as terras deixadas com os antigos empregados da Ferro e Aço. Usando de métodos às vezes não muito recomendáveis a empresa adquiriu propriedades de 463 posseiros que emigraram para outros centros ou aceitaram indenizações como "peões" na instalação da fábrica. Desta maneira a Aracruz, sempre, e continua a crescer, agora no campo e hoje já conta com mais de 52% da área do Município sob seu controle, ou seja, 75.000 dos 139.500 hectares que compõem a perimeter municipal.

Em 1978, uma vez sob a sombra de uma grande floresta, capaz de sustentar seus planos de produzir pólvora de celulose, começou a ser montada a fábrica da Aracruz Celulose que foi inaugurada em 1978, com a presença do então presidente do País, general Ernesto Geisel.

D. Magdalena: "Aqui todo mundo vive intranquilo e ameaçado pelas prostitutas. É um horror".

atingindo os jovens do local, que se misturaram aos marginais possuindo também a delinquência.

REVOLTA

D. Magdalena: "Aqui todo mundo vive intranquilo e ameaçado pelas prostitutas. É um horror".

O dono de Aracruz, onde trabalham providências para que o confinamento das prostitutas fosse extinto. Nessa ocasião a comunidade de Barra do Riacho foi atendida e a zona foi interditada.

Porém o fechamento durou pouco tempo e logo em seguida — menos de dois meses — pressões políticas influenciaram para que o local voltasse a funcionar. As casas de prostituição foram reabertas e continuam funcionando até hoje, levando problemas e submissão para a comunidade de Barra do Riacho.

Após o problema de barata com a expectativa de um dique das obras do Porto ali existente e com a vinda da estrada de ferro que está sendo construída para ligar a Aracruz Celulose aos principais pontos de produção das matérias-primas utilizadas

em sua indústria são arremanhadas entre os camadas mais pobres do interior e ali não recebem nenhuma assistência ou atenção especial, por parte das autoridades sanitárias do Município.

A falta de policiamento permite que a delinquência cresça assustadoramente envolvendo a juventude local como feras compradas com a indústria nociva na última semana. Dois dos criminosos irmãos, são naturais de Barra do Riacho onde nasceram e se criaram. Na zona quarenta e um cidadãos conhecidos pelo apelido de "Negrito" que é uma espécie de "poderoso-chefe" da região. Negroito tem ameaça de morte advinda de Barra do Riacho que se colocou sempre a favor do confinamento das casas de prostituição e uma destas últimas ameaças foi dirigida ao comerciante Marino da Silveira, atual presidente da Associação Comunitária de Barra do Riacho a principal figura no movimento para livrar o distrito daquilo que ele denomina como principal causa das mazelas sociais que ali ocorrem: a zona de prostituição.

COMUNIDADE

Neste sentido Marino da Silveira, que é também proprietário de um bar no principal rua do lugar, tem dirigido seus esforços a frente da Associação Comunitária local. Ele afirma que "Barra do Riacho foi transformada no quarto de despejo do município de Aracruz" e acusa as autoridades municipais de "conivência no crime perpetrado contra a população oriunda do local".

Antes isso aqui era um lugar tranquilo onde as famílias viviam em paz. Depois translocou-se em um inferno onde viver ficou muito difícil. Agora não a nova situação é necessário que a comunidade se mobilize para evitar que tudo venha a se repetir de novo aumentando os problemas que já são muitos — afirma ele.

E para conseguir seu intento o presidente da Associação Comunitária de Barra do Riacho está movimentando as donas de casa em uma grande campanha de esclarecimento sobre o problema. Ele já enviou ofícios a diversas autoridades do Município e do Estado, no sentido de enviar uma delegacia da Polícia em Barra do Riacho e manter ali um destacamento policial que possa dar segurança a população. O prefeito municipal, Geraldo Mussa, prometeu atender a reivindicação dos moradores de Barra do Riacho, porém até agora o policiamento é feito pelo destacamento de Craculândia, distante cerca de 30 quilômetros do centro da vila.

Afirma Marino da Silveira que a solução seria a Aracruz Celulose ceder um terreno distante, pelo menos cinco quilômetros de Barra do Riacho, para

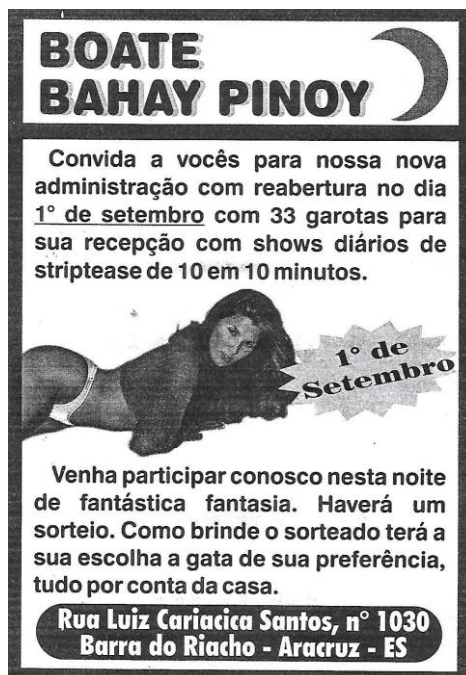
Marino da Silveira, presidente da Associação Comunitária, quer conscientizar o povo para combater as ameaças trazidas pelo progresso.


Transcrição:
Marino da Silveira, presidente da Associação Comunitária, quer conscientizar o povo para combater as ameaças trazidas pelo

Fonte: Acervo IJSN AJ07800: Barra do Riacho pede socorro. Maia, Pedro A. Tribuna, Vitória, ES, 12/05/1981, c.1-5.


As Figuras 11 e 12, refere a organização na divulgação do negócio e estabelecimento de normas de conduta a partir da nova administração.

FIGURA 11



**BOATE
BAHAY PINOY** 

Convida a vocês para nossa nova administração com reabertura no dia **1º de setembro** com 33 garotas para sua recepção com shows diários de striptease de 10 em 10 minutos.

 **1º de Setembro**

Venha participar conosco nesta noite de fantástica fantasia. Haverá um sorteio. Como brinde o sorteado terá a sua escolha a gata de sua preferência, tudo por conta da casa.

**Rua Luiz Cariacica Santos, nº 1030
Barra do Riacho - Aracruz - ES**

FIGURA 12

NORMAS DA CASA

A partir do dia 1º de Setembro de 2004, a nova direção exigirá as normas a seguir:

- 1º Horário do Salão será das 08:00 hs exatas, em dias normais. Tendo Navios será das 06:00 hs exatamente no salão.
- 2º Todas as damas deverão estar vestidas socialmente o esporte fino social. Não sendo permitido o uso de calçados baixos ou tênis, nem cabelos molhados.
- 3º Fica proibido a entrada de estranhos ou visitas nos quartos, a não ser que seja autorizado pela Gerência.
- 4º Desejamos lembrar as inquilinas que deverão levar todos os pertences (trajes de shows, maquiagem e objetos de uso íntimo). Porque as portas serão fechadas exatamente as 20:10 hs.
- 5º O não cumprimento do horário do salão caberá a inquilina o pagamento do **Valor da Diária** a ser pago no exato momento, R\$ 45,00 (Quarenta e Cinco Reais).
- 6º As damas que residem fora do estabelecimento, o não cumprimento do horário e normas, terá como suspensão um balão de 08 (Oito) dias.
- 7º As inquilinas ou pontualistas que trabalham na casa e que não estiverem de acordo considere dispensadas.
- 8º E estritamente proibido o uso de **Drogas** de qualquer espécie no estabelecimento.

MUITO OBRIGADO
A DIREÇÃO
MAMA

Fonte: Acervo empresa Tecvix, 12/2015, compradora do Terreno da proprietária “Mama” Catarina da Silva Gomes.

A Figura 13, mostra a declaração de venda do Imóvel adquirido, visando melhor localização e organização do estabelecimento.

FIGURA 13

Declaração de Venda de Imóvel, Cumulada com Recibo de Quitação

Pelo presente recibo, eu, GERALDO ANTONIO SANTI, brasileiro, solteiro, comerciante, residente n/ cidade- portador do CPF:049102227-15, Declaro (amos), para os devidos fins de direito, que vendi(emos) para o (a) Senhor(a) CATARINA DA SILVA GOMES- brasileira, solteira, comerciante, portadora do CPF, nº: 772.725.527-00- residente à Rod. Serafim Derenzi 1793-Inhangueta Vitória ES,

o seguinte imóvel: UMA ÁREA DE TERRENO URBANO, MEDINDO 10 (dez) METROS DE FRENTE, POR 75 (SETENTA E CINCO) METROS DE FUNDOS, OU SEJA O DIREITO DE POSSE DA REFERIDA ÁREA, QUE MANTENHO MANSO E PACIFICAMENTE HÁ MAIS DE 18 (DEZOITO) ANOS, LOCALIZADA EM BARRA DO RIACHO - PRÓXIMO AO PRIMEIRO / CAMPÓ DE FUTEBOL- NO MUNICIPIO E COMARCA DE ARACRUZ ES., SEM BENFEITORIAS E LIMITANDO-SE POR SEUS DIVERSOS LADOS, COM: NORTE SEBASTIÃO GERMANO; AO SUL JOSE ILMIANO; AO LESTE COM A ESTRADA BARRA DO RIACHO A COQUEIRAL, E AO OESTE COM VIRGILIO VILA NOVA. DECLARO OUTROSSIM, QUE NESTE ATO TRANSFIRO À COMPRADORA TODOS OS DIREITOS, A POSSE E DOMINIO DO REFERIDO IMÓVEL PODENDO A MESMA DELE FAZER O QUE LHE CONVIER.

Por esta venda, recebi(emos) do referido Comprador, neste ato, pessoalmente, a importância de Cz\$ 580.000,00 (QUINHENTOS E OITENTA MIL CRUZADOS) .x.x.x.x.x. pelo cheque nº: 000370-Bradesco-Agência Vitória ES- emissão: JOSE CARLOS GOMES DE MELO pelo que dou(amos) ao mesmo plena, raza, geral e irrevogável quitação, para nada mais lhe exigir, seja a que pretexto fôr, transferindo-lhe toda posse, jus domínio, direito e ações que exercia (u os) sobre o imóvel acima descrito, ora vendido, para que dele o mesmo Comprador use, goze e disponha livremente como seu que fica sendo.

Por ser expressão da verdade, assino (amos) a presente, juntamente com as testemunhas abaixo, para que produza legais e juridicos efeitos.

Aracruz, 28 de NOVEMBRO de 19 88

Geraldo Antonio Santi
-GERALDO ANTONIO SANTI- vendedor-
Catarina da Silva Gomes
CATARINA DA SILVA GOMES-compradora-

TESTEMUNHAS

[Handwritten signatures of witnesses]

Fonte: Acervo empresa Tecvix 12/2015 Empresa que adquiriu o referido terreno aos 22 de novembro de 2005. Declaração de Compra e Venda datada de 28 novembro de 1988, quando deixou de ser chamado por “Caixote”.

Esse impacto manteve o povo arredio até a década de 1980, quando surgiu a Associação Comercial e por meio dela a consciência de luta por parte dos moradores, que elegeram com 350 votantes e por voto direto seu subdelegado, cujo representante trabalhou no sentido de mitigar a delinquência local. Algumas conquistas foram registradas como: a melhoria de ruas, saneamento e ampliação da rede de água encanada, a redução de doenças venéreas. Mas o grande desafio persistia: conviver com a gigantesca fábrica.

A Associação Comercial trabalhou no resgate dos valores culturais e, para tanto, cobrou da própria empresa recursos, conseguindo-os e executando inúmeros projetos que envolviam nutrição, saúde, educação, trabalho, habitação e atenção ao serviço e equipamento público (COUTINHO, 2006).

A mediação era delicada, pois, assim como produziu perdas, em algumas circunstâncias a empresa evitou que o bairro sucumbisse, como por exemplo, em 1979, quando socorreu vítimas de uma enchente e impediu a destruição de Barra do Riacho, ao colocar pedras nas margens do Rio Riacho.

Coutinho (2006) apresentou propostas e projetos que absorvidos pelas empresas e poder público, cooperariam para contrabalançar o impacto industrial e desequilíbrio socioeconômico, usando sua terra e sua gente.

Nos processos seletivos, nem o barrense e tampouco os migrantes, por ausência de qualificação, alcançavam êxito nos postos de trabalho. Assim, tanto os moradores quanto os migrantes permaneciam desempregados ou subempregados, além de terem padecido com a perda da Mata Atlântica já devastada anteriormente pela Companhia de Ferro e Aço Vitória (COFAVI).

À época, Barra do Riacho era a maior colônia pesqueira do Espírito Santo, contando com cem pescadores, o que deu base para o requerimento de uma cooperativa por parte da Associação Comercial com o propósito de torná-los sócios proprietários, cuidando desde a instrumentalização até a comercialização do pescado. A meta era evitar que os pescadores fossem explorados e descapitalizados pelas empresas de pesca.

Aos 15 de janeiro de 1979 o repórter José Maria Batista destacou, em matéria publicada em A GAZETA, a apreensão dos moradores por serem surpreendidos com a promessa da chegada de oito mil operários com vistas a suprir postos de trabalho, decorrente da expansão do porto da fábrica Aracruz Celulose, rememorando situação semelhante à vivida entre 1975 -1978, quando a população se agigantou.

FIGURA 14

Barra do Riacho: mais 8 mil operários até dezembro

Texto de José Maria Batista
Fotos de Gildo Lolola



Diariamente, 60 pessoas procuram a Delegacia com pedidos de atestados de pobreza. Nos cubículos não há mais vagas

Heraldo Musso não vê solução

Moradores: uma terra de ninguém

Isso aqui é uma "terra de ninguém". A afirmativa é feita pelos moradores da Barra do Riacho, que não têm certeza nem mesmo do fato onde residem. É o prefeito Heraldo Musso quem admite que a situação do distrito é exatamente a traduzida pelos moradores, assediada agora do mesmo clima de insegurança proporcionado pelo retorno dos oito mil "pedras" que já começaram a invadir a cidade. A prova maior do retorno do caos é a reabertura da zona boêmia.

As críticas atingem inclusive os policiais que ali trabalham. Segundo José Simões, um dos moradores considerado líder do lugar, "todos eles estão ficando ricos". Ele faz críticas a reabertura da zona boêmia e teme que as mulheres voltem a circular pelas ruas principais da cidade. Elas já começaram a chegar, existindo atualmente 20 nas quatro casas de diversão que estão funcionando. Na época já havia dez empórios e existiam pelo menos 18 cabarês em pleno funcionamento e cada um deles com uma média de 15 a 20 mulheres.

PROBLEMAS

Dona Anardete Fasinini Souza, diretora da Escola Caboclo Bernardo e integrante do centro comunitário local, revela os problemas que Barra do Riacho vive e que ela teme serem a se verificar. Ela denuncia que, no ano passado, crianças de dois anos eram portadoras de doenças venéreas e que, na sala de aula, membros de nove anos procuravam manter relações sexuais com as meninas, desobedecendo e rejeitando as obrigações praticadas pelas mulheres na via pública. Isso porque a zona boêmia, antes de ser fechada — e reaberta agora — funcionava no centro da cidade, a menos de 200 metros do centro comercial.

A professora denuncia também que, até hoje, dezenas de crianças residem na zona

Delegado quer maconha liberada

"Para mim a maconha já devia ser liberada, pois nem se queima em o país inteiro ela não vai acabar, já que ficarão as sementes, que serão plantadas novamente". O comentário é do delegado de Aracruz, sargento-PM Hernany Magalhães Lage, ao ser questionado sobre o combate aos tóxicos na cidade. Ele admite que ainda não conseguiu efetuar nenhum flagrante de tráfico de drogas mas não ignora que no interior da fábrica de celulose da Aracruz seu consumo é muito grande.

Este fato é também do conhecimento da maioria dos moradores de Aracruz, que acreditam, inclusive, na existência de uma plantação no meio dos eucaliptos. A Polícia foi inclusive informada da existência dessa plantação, mas depois de quase trinta dias de investigação, desistiu nada encontrando. O delegado entende que necessita de informações mais precisas para proceder a uma busca, pois o município é muito grande e os policiais são poucos para serem deslocados especificamente para esta função.

Na cadeia existem quatro presos processados por tráfico de maconha.

PUNDO

Casado com Ida Vidal da Silva, proprietária do Restaurante Bacará, João Pereira da Silva, 44 anos, foi punido pela Revolução de 1964 e condenado pela Auditoria da Marinha a três anos e quatro meses de prisão. Defendido pelo advogado Arnaldo Sossinski, ele conseguiu manter-se escondido no Rio de Janeiro em Barra do Pirajé até fim de 1975, quando viveu para o Espírito Santo refugiar-se em Barra do Riacho. Na época da revolução ele era encarregado da CIPA, Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e por essa razão, conforme alega, tido de oportunista. Sua condenação aconteceu no mesmo processo que envolveu também o delegado do Sindicato dos Trabalhadores em 10 de Janeiro e empregado, o moço de dos Estabelecimento, no Rio de Janeiro.

Ele não sabe em que pé está a sua situação perante a Justiça, agora que o A-15 foi extinto, mas em contrapartida conhece bem

Moradores: uma terra de ninguém

Delegado quer maconha liberada

Fonte: Acervo IJSN AJ07801 Batista, José Maria A Gazeta, Vitória, ES, 15/01/1979, p.8, c.1-14.

Dessa vez a permanência e disponibilidade de prostitutas em cinquenta barracos distribuídos do lado esquerdo da Avenida que dá acesso ao centro da cidade, chamados na época de caixotes ou lajotas, a falta de policiamento, os índices de criminalidade e a propagação de doenças venéreas foram os enfrentamentos que a Associação Comercial, na pessoa do seu presidente Marino da Silveira, precisou combater.

Hoje, de acordo com as lideranças das Associações, o bairro carrega uma imagem estigmatizada, tanto por parte das pessoas que vivem no entorno quanto pelos que cotidianamente desfrutam dos seus cantos e recantos. Moradores, trabalhadores do posto de saúde e policiais do posto local, em nossa primeira visita para reconhecimento da área, falaram com pesar do amargo preconceito sofrido pelos que escolheram por alguma razão viver no local intitulado “terra de ninguém”.

FIGURA 15

Cartografia do bairro Barra do Riacho

**ARACRUZ
DISTRITO SEDE
BAIRRO BARRA DO RIACHO**



Fonte: PMV – SEPLAN – Gerência de Geoprocessamento 12/ 2015.

3.4 Transformações Urbanas

O **Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais - NEPES** da UERJ aponta que foi na década de 1970 que pela primeira vez a população urbana superou a população rural no Brasil. Os diferentes estágios da urbanização nessa trajetória podem refletir, a partir de uma perspectiva, o grau de desenvolvimento sócio econômico local, bem como do país. (NEPES, 1978)

Em estudos sobre urbanização, Tolosa (1978) destacou que os países de terceiro mundo apresentam características próprias e diversas das historicamente experimentadas pelas economias avançadas. No Brasil, o sistema de cidades já enfrentava fatores considerados complexos, tais como: a extensão territorial, o prenúncio de novas fontes de recursos naturais e os movimentos migratórios, sem precedentes em períodos anteriores, causando padrões diferenciados de comportamento urbano.

As taxas de crescimento demográfico, o crescimento da população e o período de urbanização mais intenso, tinha sido até então, entre as décadas de 1940 e 1960, com comprometimento na uniformidade da distribuição do sistema urbano. As cidades de porte médio com 100 a 250 mil habitantes, nesse processo, foram as que compatibilizaram com o auge da industrialização, atingindo a taxa média de 8,9% ao ano.

Tolosa (1978) relata ainda, que em termos gerais, à medida que as cidades crescem na hierarquia urbana, elevam a importância da indústria. A região Sudeste é um dos sistemas regionais de distribuição espacial das cidades com características bem definidas, sendo considerado até o período citado como tendo o espaçamento equilibrado.

Desde a década de 1970 que se faz notar a pressão migratória e o crescimento explosivo da população urbana com distorções no mercado de trabalho e na distribuição de renda.

A migração, como não podia deixar de ser, vem passando por mudanças profundas nas últimas décadas, resultado destas alterações quantitativas e qualitativas na sociedade brasileira. De modo sintético, cabe destacar a estagnação dos fluxos rural urbano desde a década de 1980 (PACHECO; PATARRA, 1998; BRITO, 2009), que representaram o motor da urbanização brasileira, alterações quantitativas e qualitativas nos tradicionais fluxos de longa distância Nordeste-Sudeste (CUNHA; BAENINGER, 2007), além do aumento nos fluxos de média e curta distância, representados pelos movimentos intraestadual, intrametropolitano e de mobilidade residencial (DOTA, 2016, p. 143).

O processo de industrialização influencia a tendência para que a ocupação ocorra em um pequeno número de cidades onde a contrapartida espacial seja favorável, como Aracruz, que é servida por um sistema viário, o qual favorece o transporte, a distribuição e o escoamento da produção.

O desenvolvimento socioeconômico de qualquer segmento de investimentos, aqui representado pela implantação de indústrias, chama a atenção pelo fato de essa região ofertar empregos e absorver as pessoas para postos de trabalhos, sobretudo os operadores e os de formação técnica. O quantitativo da migração interna tende, nesse caso ascender, atraindo pessoas que se deslocam na tentativa de tornar sua condição de vida diferenciada, o que por sua vez pode levar ao agravamento dos problemas urbanos. A esse movimento chamamos: mobilidade humana espacial/ fluxos migratórios, que no avançar dessa pesquisa, se vê o quanto modifica cenários, influenciando na forma e na distribuição das pessoas em um determinado território, bem como, no seu modo de viver.

A ação do governo, nesse sentido, cooperou e coopera para o estabelecimento desse novo padrão migratório, por um lado pelas oportunidades de emprego frustradas pela aplicação do capital nas políticas de desenvolvimento regional. De outro lado, em função dos chamados efeitos não intencionais de políticas de caráter nacional, no caso, a promoção da exportação de manufaturados, com impacto espacial claramente concentrador (TOLOSA, 1978, p.116).

Tradicionalmente, diz Tolosa (1978), “no Brasil, as políticas urbanas têm um sentido corretivo, sobretudo quando se trata dos recursos investidos na infraestrutura social (transportes, habitação, saneamento e água) das áreas metropolitanas, ou seja, com maior volume de pessoas”. O governo, concretamente, não disporia de instrumentos adequados para resolver os problemas urbanos decorrentes de uma economia sujeitada a rápidas mudanças estruturais, como tem se apresentado a economia brasileira.

Para atender essas demandas de processos migratórios urbanos, o decreto número 74.156, de 6 de junho de 1974 criou a Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana (CNPU), órgão que debate e busca gerar alternativas que solucionem questões das metrópoles e de política urbana.

No Brasil, entretanto, as desigualdades na renda pessoal e na distribuição espacial provocam sintomas como a alta densidade demográfica, especulação imobiliária e sobrecarga do equipamento público.

Assim, para uma boa compreensão das implicações imediatas e mais evidentes do ponto de vista sócio-urbano que acometeram Barra do Riacho, especificamente a partir da implantação da indústria Aracruz Celulose, é fundamental compreender, inicialmente, as principais transformações urbanas e também sociais que se sucederam na cidade a partir da década de 1970, uma vez que o bairro de Coqueiral de Aracruz foi concebido, planejado e concretizado para oferecer, ao profissional que vinha de longe compor o quadro efetivo da Aracruz Celulose, beleza, conforto, lazer e segurança.

Percorrer o caminho de Vitória à Barra do Riacho é semelhante a visitar qualquer uma das várias vilas presentes no litoral do Espírito Santo. A semelhança é reforçada quando olhamos para o rio Riacho, em cuja foz se situa Barra do Riacho. Notamos placas penduradas nas janelas e prédios de dois andares, oferecendo “aluguel para empresas”; percebemos o movimento de homens, na maioria uniformizados com macacões que os identificam como embarcados, mecânicos de manutenção, soldadores, estivadores, trabalhadores da planta química, entre outros, e o movimento frenético dos ônibus fretados pelas empresas.

Fora isto, o ritmo de Barra do Riacho é vagaroso, sobretudo quando comparado com a parte mais recente da Vila, situada no alto da colina que beira o rio Riacho. Na parte baixa, enxergamos as ruas sem calçamento, casas de alvenaria, muitas sem acabamento e pequenos negócios instalados na mesma rua, como bares e peixarias. De um lado a rua de terra, do outro, o rio onde estão barcos de variados tamanhos.

Para compensar a construção do PORTOCEL e outras fábricas instaladas, foi concedido à comunidade de pescadores o direito de administrar o pequeno estaleiro com capacidade para até três barcos, doado pela extinta Aracruz Celulose.

Para quem não conhece, é difícil discernir que no entorno de Barra do Riacho existe um complexo industrial que abarca duas cadeias produtivas distintas: a primeira, petroquímica, composta pela Petrobras e pela Nutripetro; a segunda, ligada à cadeia produtiva da celulose, como a Aracruz Celulose e a Evonik Degussa.

A abertura de novas ruas em Barra do Riacho reduziu distâncias, criou novas centralidades e novas áreas residenciais. Atividades comerciais surgiram a partir de pequenas quitandas, expandindo para o que se tornou área comercial. A atividade administrativa, por sua vez, é concentrada no município de Aracruz, onde funcionam os principais órgãos municipais, estaduais e escritórios de empresas estatais.

O sistema de abastecimento de água de Barra do Riacho tem como principal manancial o Córrego de Santa Joana. Consiste em uma barragem de elevação de nível de concreto de onde parte a água, seguindo para o poço de sucção das bombas. O tratamento é do tipo convencional (casa química) e se dá na ETA-Estação de Tratamento de Água- localizada no centro de Barra do Riacho. A rede de distribuição possui aproximadamente 13.673 metros lineares de extensão com um total de 1.778 ligações de água. O sistema de coleta e tratamento do esgoto totaliza 1.571 ligações e atende a 88% da população. O agravante é que o bairro não dispõe de um sistema de tratamento de esgoto.⁵

3.5 Equipamento Público/Comunitário

A lei federal n. 6.766 de 1979, que dispõe sobre o parcelamento do solo urbano, traz a seguinte definição para equipamentos urbanos comunitários: “Consideram-se comunitários os equipamentos públicos de educação, cultura, saúde, lazer e similares” (art. 4º parág. 2º). Complementando essa definição, a NBR 9284 conceitua-os como:

Todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público em espaços públicos ou privados (NBR 9284, 1986, p. 1).

Além de definir os equipamentos urbanos comunitários, classifica-os em: circulação e transporte, cultura e religião, esporte e lazer, infraestrutura, sistema de comunicação, sistema de energia, sistema de iluminação pública, sistema de saneamento, segurança pública e proteção, abastecimento, administração pública, assistência social, educação e saúde. Paulatinamente, os espaços do bairro foram sendo ocupados e os caminhos que levavam ao anunciado progresso econômico e ao fluxo moradia-trabalho redesenhados.

⁵ Fonte: <http://www.saeara.com.br/informacao/barra-do-riacho/> Acesso em 07/09/2016

No capítulo 3, por meio das histórias de vida, das memórias, podemos acompanhar nas narrativas as transformações sociourbanas resultantes da implantação da indústria iniciadas na década de 1970.

No seguimento, apresentamos um quadro comparativo entre os dois bairros no que se refere à oferta de equipamentos urbanos, seja público, particular ou comunitário.

Quadro 2 Comparativo Equipamento Público /Comunitário Bairros

Equipamento Público / Comunitário /Bairros	Barra do Riacho	Coqueiral Aracruz
Acampamentos	Não tem	Não tem
Associações (Morador-Outros)	2	1
Cemitério	1	Não tem
Clínica Médica Particular	Não tem	Não tem
Clube da Orla e Centro Comunitário	Não tem	2
Creche	2	1
Cursos Aperfeiçoamento (Idioma, Técnico)	1	2
Delegacia	Não tem	Não tem
Escola Estadual	1	1
Escola Municipal	1	1
Escola Particular	Não tem	2
Farmácia	3	3
Hospital - Posto de Saúde	1	1
Hotéis, Pousadas	3	2
Igrejas (Católica e Protestante)	15	4
Instituição bancária	1	1
ONG, Projetos de cunho Social	3	1
Padarias e Supermercados	7	4
Posto de Gasolina	1	1
Posto Policial	1	1
Restaurantes	6	2
Transporte Coletivo	2	2

Elaboração: Maria Rita de C. S. Régis 12/2015.

O quadro de número 2 mostra o que os bairros obtiveram de avanços e retrocessos do poder público junto a estas comunidades. Podemos dizer que sugere uma tentativa de equivaler à oferta de equipamento público para bairros que iniciaram ou tiveram suas histórias transformadas no de forma divergente. Coqueiral de Aracruz deixa de ter clínica particular e uma instituição bancária para ganhar a Escola Estadual, uma farmácia e duas igrejas.

Já Barra do Riacho ganha a oferta de curso Técnico, duas ONG's que operam com projetos sociais, quatro comércios entre padaria e supermercado e também uma segunda linha de transporte coletivo.

Nesse sentido podemos inferir que, se a situação não retrocede, tampouco avança e que o poder público, considerando a tributação imposta e disposição econômica dos bairros, busca ajustar a oferta de equipamentos, sem, entretanto, alcançar êxito nesse sentido.

4 HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS DOS MIGRANTES

Neste capítulo, apresentamos as histórias de vida dos migrantes. Os nomes, embora isto não nos tenha sido solicitado pelos recordadores, preferimos modifica-los, preservando, assim, o anonimato dos mesmos.

As histórias de vida dos quatro recordadores, aqui apresentadas, revelam a construção passo a passo das suas vidas, que nos envolveu, permitindo experimentar seus sonhos, lutas, superações, alegrias e saudades.

Conhecer o recanto dessas vidas, ainda que em breves encontros, nos proporcionou tamanho aprendizado que, de outra forma, não teríamos conquistado. Foi uma construção conjunta “do saber”, onde eles compreendiam o teor da pesquisa e da nossa parte aprendíamos sobre o local e sobre suas vidas.

Trabalhamos a partir das memórias que habitam as teorias dos autores citados nessa investigação e que nas narrativas dos recordadores, apresentaram-se, possibilitando algumas inferências. As categorias temáticas nos levaram às memórias da infância, da família, do trabalho e sobre o local que em Halbwachs (2013, p.157-159) se aproxima da memória coletiva e o espaço envolvendo o que está próximo, tais como objetos e o entorno, o que envolve os recordadores. O autor diz que “nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros” e “o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro no qual se escreve e depois se apaga [...]”.

Bosi (1994, p. 413) assevera o quanto a memória local que “deixamos de ser, os visionários da cidade antiga que só existia em nós, e que de repente, ganha a sanção de uma testemunha: passa a ser uma lembrança coletiva, portanto uma realidade social”.

4.1 O Executivo Ítalo de Coqueiral de Aracruz

Nosso primeiro recordador é de estatura alta, branco, hoje com cabelos grisalhos e óculos de grau que esconde o brilho dos olhos, das tantas façanhas que viveu no percurso da sua vida. Descendente de imigrantes italianos ele nasceu em Jucutuquara, bairro de Vitória-ES. Inicia sua fala apresentando-se.

Sou Economista formado pela UFES, 78 anos, casado, tenho três filhos, quatro netas e muitos sonhos realizados. Iniciei na atividade profissional, menor de idade, mas não abandonei os estudos. Fui bancário por uma década e antes de terminar a graduação, conheci Leopoldo Brandão, executivo vindo de Minas Gerais, que mudou minha vida. Desse encontro surgiu a oportunidade de acompanhar a implantação de uma indústria no meio do mato e de planejar a construção de um bairro. Por meio do meu trabalho, alcancei muitas outras vidas. Hoje aposentado, atuo com Consultoria.

Notei que o recordador contempla o mar que se descortina da área de lazer de sua casa em Coqueiral de Aracruz para respirar, buscar suas memórias e formular suas respostas. Na sua fala, sugere que o poder público atrai as empresas, dá incentivo de dez anos sem pagar tributos e negocia condicionantes. Qual parte caberá a quem? Na verdade, conclui:

O poder público não dá base de sustentação para a comunidade e ainda espera que a empresa entre com todo o repertório que seria compartilhado. Acredito que as empresas mais cooperam que destroem nos municípios onde se instalam. Em 1966, a estrada que ligava a capital do Espírito Santo ao sul da Bahia, era tudo chão batido. O povo cuspiam tijolo quando chegava aqui. A Aracruz Celulose teve peso forte, para fomentar mudanças, construiu hospital e batalhão de polícia. É preciso que todos saibam que a grande empresa, traz pequenas empresas e que se preocupa em trazer o bem-estar de todos. De fato, explora, mas, ao mesmo tempo desenvolve, pois constrói toda sorte de equipamento necessário aos cidadãos, quando não há interferência política.

A história revela que a indústria Aracruz, beneficiou a comunidade com telefone, luz elétrica permanente, hospital mesmo sem todas as especialidades, infraestrutura e mobilidade, inclusive aeroporto, embora a comunidade não faça uso.

O pessoal braçal que vinha da Bahia e de Minas aprendeu a ler, escrever e foram capacitados para atuar como tratoristas de esteira, operador de Forwarder, grueiro, caminhoneiro, é evolução e quando penso nisso, sinto-me gratificado.

4.2 O Trabalhador Silva de Coqueiral de Aracruz

Nosso segundo recordador tem estatura mediana, é delgado, branco, ágil, usa óculos de grau. Vive em Coqueiral de Aracruz há 36 anos, nascido em Cariacica no Espírito Santo e criado no Rio de Janeiro. Mais velho de oito irmãos, inicia seu relato dizendo:

Sou Administrador formado pela Faculdade de Colatina, 62 anos casado, tenho dois filhos e uma filha do coração, uma neta e muitos obstáculos superados. Meu pai era trecheiro. Era pequeno quando eu e minha mãe enfrentamos momentos difíceis na época de ditadura. Íamos os dois para conseguir porção maior de ração, pois eram oito bocas para alimentar. Guardo tudo na memória.

Silva lembra que o gerente na Aracruz era educado, de origem portuguesa. Relembra do bom salário de quatro mil e oitocentos cruzeiros na faixa inicial que mudava após experiência de 90 dias para cinco mil e trezentos cruzeiros mais os benefícios. Atuava com folha de pagamento com cautela, pois lidava com elementos de todo tipo vindos de toda parte: Alagoas, Sergipe, Ceará, Bahia, Minas, São Paulo. A empresa oferecia dez salários para quem fosse morar no bairro, o que favoreceu seu enlace aos vinte e cinco anos e a noiva com vinte e um anos. Casaram. Ela avançou nos estudos. Ele retomou aos estudos por insistência da empresa que custeava o deslocamento até a faculdade. Narra com certo pesar que, ao concluir o curso, foi demitido, resultado da fusão de todos os departamentos que tratavam das rotinas do departamento de pessoal. No Brasil, permaneceram apenas cinquenta e duas pessoas. Relembra com emoção: *O que me marcou, foi ter graduado Administrador com inúmeros cursos feitos pela Aracruz Celulose em 1994. Achava que dominava todos os assuntos, por ter alcançado a Supervisão. Quando fui demitido constatei nada saber. Era um robô em cima de um trilho. Tudo vinha pronto, recebia as leis, toda orientação do que fazer passo a passo e executava. Não pensava. O software tal implantava e botava para rodar. Levou um ano para adaptar-se à dura realidade e tornar-se uma pessoa menos materialista, mais grata pelo que tinha. Destaca sobre a educação e liberdade dos filhos: *Meus três filhos amam o fato de terem nascido e crescido nesse bairro, onde participaram de grupo de jovens, time de futebol, campeonatos de bicicleta, motocross, viveram e conquistaram boas amizades.* E finaliza dizendo: *A Aracruz me ensinou muito, foi uma mãezona, mas me limitou porque aceitei essa condição. Não acompanhei o que acontecia fora. Não fiz isso.**

4.3 O viajante Toni de Barra do Riacho

O terceiro recordador, sugere muita coragem em um corpo pequeno. As mãos calejadas revelam a alma quilombola e legado afro descendente. A fala é rápida e relata sua jornada ora sorrindo, ora deixando lágrimas se misturarem às suas palavras. Considera-se negociante desde criança. Estudou até quando deu para completar o ensino médio, hoje vive seu segundo casamento com 60 anos e seis filhos.

Saiu de Resplendor para Mantena, sozinho, aos nove anos de idade, quando chegou ao município de Timbuí, no Espírito Santo. Desde pequeno a mãe, ele e os dois irmãos eram despejados. Tinha que trabalhar e ajudar, pois os outros dois irmãos eram menores. Mesmo trabalhando, isto ficou na sua mente. Conseguiu trabalho, chegou a uma fazenda onde o dono o adotou como a um filho. Trabalhando pode ajudar a mãe e não foram mais despejados.

Casei por duas vezes. Do primeiro casamento tive três filhos. Viemos para Barra do Riacho onde vivo há uns trinta e cinco anos. Separei-me há dois anos. Casei e deste casamento tenho duas filhas. Minha sexta filha veio de uma breve relação. Todos foram educados em Aracruz. Encaminhei filhos e netos. Digo que as empresas estão capacitando, mas os jovens não querem ir, porque o pai não incentiva. O filho tem que crescer com o pai incentivando, mostrando o que é melhor para eles. A empresa exige e dá curso de graça. Hoje profissional tem que saber fazer e ter diploma. Sendo líder da comunidade, busquei sempre orientar sobre a importância de educar os filhos e irem para a escola.

Na expansão da Aracruz e época de parada de fábrica (manutenção de equipamentos), passaram a atender toda gente que vinha, mas não tinha alojamento. Iniciou negociando aluguel, construindo alojamentos e depois hospedando.

Fornecia alimentação e alojamento, além dos lanches e picolés que vendia em dias de jogos. Comecei sem nada e trabalhando, construindo, investindo, fazendo dívida e hoje a obra está concluída. O hotel se chama Seis Irmãos, por que são seis filhos.

Ele tem apenas o segundo grau, e mesmo assim diz que, muito mal assina o nome, mas assegura que Deus lhe deu inteligência.

Barra do Riacho tem os melhores funcionários, seja engenheiro, montador, soldador, tem de tudo... até time de futebol. A economia de Barra do Riacho era a pesca. Vinha gente para comprar e pegar peixe de graça também. Os barcos de pesca chegavam com até três mil toneladas de peixe.

4.4 A professora Lina de Barra do Riacho

Nossa recordadora possui estatura alta, de pele alva, sotaque Catarina inconfundível, mesmo após adotar a Barra do Riacho como seu lugar. Ao narrar sua história, sorri, gesticula, levanta para fazer um chá ou enche os olhos de lágrimas. Inicia dizendo:

Sou historiadora, nasci em Santa Catarina, 61 anos, viúva, duas filhas, hoje vivo sozinha. Conheci meu marido, nascido no Paraná, em Santa Catarina. Após meu casamento, viajei por dois dias, cheguei a Aracruz na véspera de Ano Novo, em 1981, onde pernoitei. No dia seguinte, segui para Barra do Riacho com meu marido, pintor de caldeira, contratado por uma terceirizada para atuar na indústria que estava sendo ampliada. Tivemos duas filhas.

Da casa da professora Lina vê-se o Rio, a Barra e o mar que embalam nosso encontro. Desde sua chegada foi atuar na Educação, lecionando em Santa Cruz, aonde chegava depois de uma boa caminhada e a travessia na balsa. Atua na Educação há quase quarenta e cinco anos. Acompanha os alunos pela internet, vê as fotos, mensagens carinhosas, falando de como foi importante na formação deles, médicos, dentistas, fica emocionada.

Quando, em um acidente, o marido faleceu, não teve vontade de ir embora. Gostou do local para educar as duas filhas, viu que não tinha perigo, era tudo aberto sem muro, elas brincavam, saíam de manhã e voltavam no almoço e depois à tardinha iam à praia.

Há doze anos conduzo um projeto em Aracruz, ensinando receitas às cozinheiras das escolas: aproveitamento de casca da melancia, da banana, da cenoura, beterraba e mandioca, os talos e sementes, além de manter a horta. Sente-se realizada. A pessoa sai da roça, mas a roça não sai da pessoa.

Chegando à Barra do Riacho, disse ter se assustado, pois a cidade não tinha calçada, era só lama por conta de uma enchente. A prefeitura deu casa para algumas pessoas morarem na parte alta da cidade. Tinha luz, mas para ter água foi preciso fazer o poço. A primeira casinha alugada era toda de madeira perto da praia. *Afinal vim do frio, direto para uma Vila de Pescadores. Fui bem acolhida.*

Sentiu-se em casa. Até hoje, é apaixonada pelo lugar apesar de pequeno. Lina fala mostrando a direção do mangue e caranguejos. Recorda que o marido adorava essa iguaria e ela gostava muito de cozinhar para ele. Faziam uma festa. Nesse momento seu olhar se perde na imensidão do mar e fala baixinho: *sinto saudade das nossas vidas, que tempo bom! Vinte anos não são dois dias. É uma vida!*

4.5 Resultados e Discussões

Os resultados aqui apresentados foram interpretados a partir de saturação possibilitada pela repetição dos campos semânticos nas categorias temáticas cujo significado está relacionado no quadro sinóptico demonstrado na Introdução no item Coleta e Análise de dados.

Percebemos que as quatro categorias identificadas após a análise dos textos, ultrapassaram o escopo do título original e proposta dessa investigação centrada na análise psicossocial de transformações sociourbanas. Desta forma, após repensar na convergência do cumprimento ao inicialmente proposto, decidimos proceder a um pequeno ajuste do título dessa pesquisa para Análise das transformações psicossociais e urbanas, o que nos possibilitou aproveitar melhor os dados coletados e disponíveis, evitando a perda de passagens que possibilitam a melhor compreensão da construção identitária do recordador, visto que esta pode ser, conforme Joel Candau (2011):

[...] transmissão social que “nos ancora em nossas práticas e códigos implícitos” costumes introjetados no “espírito sem que neles se pense” sem que disso se duvide, traços, marcas e condicionamentos constitutivos do ethos [...] CANDAU (2011, p. 22).

O processo de pertença e construção da identidade ou identificação também pode ser vista como tendo algum núcleo essencial que distinguiria um grupo do outro, a díade de recordadores, como por exemplo, de Barra do Riacho e de Coqueiral de Aracruz.

Candau (2011, p. 38) acrescenta: “a identidade é vista como um produto de uma interseção de diferentes componentes de discursos políticos, culturais e de histórias particulares”. Sobre a identidade, Zygmunt Bauman, (citado por MADALENA, 2016, p. 2) adverte que:

[...] o modelo antigo, rígido e inegociável, não se ajusta às novas estruturas frágeis e transitórias. A busca por identidade vem justamente do desejo de segurança. Bauman não desconhece as divergências sobre o conceito de identidade, pelo contrário, cada conceito é permeado por valores similares, indispensáveis para uma existência humana decente e madura: a liberdade de escolha e a segurança oferecida pelo pertencimento. [...] E em um mundo fluído, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida é extremamente arriscado. Identidades são mostruários de nossa essência, não se deve armazená-las em uma caixa e jogá-las no sótão empoeirado.

No entanto, cabe destacar que a abordagem trata do momento atual e que, embora alinhada ao exposto neste estudo, trabalhamos em um período temporal diferente, o que não inviabiliza pensarmos em uma “identidade” em perene construção conforme Zygmunt Bauman, citado por (MADALENA, 2016, p.3).

Podemos constatar que, entremeando as falas, cingindo as análises, nos deparamos com as identidades, com o tempo e com as memórias dos migrantes nas suas histórias de vida. Histórias, essas, que guardam em si um importante significado para quem as viveu, o que nos possibilita melhor compreensão tanto dos recordadores quanto do percurso do seu grupo social.

A partir da repetição dos campos semânticos, contido nas narrativas das memórias e identificação das categorias buscamos a convergência entre falas e trechos das narrativas do recordador com tais categorias a fim de responder as indagações da presente investigação.

Portanto, em todas as categorias observamos claramente os processos psicossociais sejam esses identitários, materiais-patrimoniais, afetivos, de exclusão e pertencimento, vulnerabilidade ou poder, os quais reunidos se configuram no lugar social ocupado por cada recordador. A análise ressaltou semelhanças e contrastes nas lembranças de cada recordador, de cada bairro em separado, em cada uma das categorias temáticas apresentadas, o que converge com o pensamento de Bakhtin, em Freitas (1999, p. 124-25) “o homem fora das condições sócio econômicas, fora de uma sociedade, não tem nenhuma existência”.

4.5.1 Histórico da Infância e base familiar

Esta categoria identifica as memórias da infância, as lembranças da família. Conforme Bosi (2003, p. 415) “a infância é larga, quase sem margens como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam”.

Nas histórias de vida dos migrantes, verifica-se em comum uma infância de trabalho e de família numerosa, acima de cinco irmãos e todas experimentaram as agruras da ditadura. Alguns mencionaram e outros não lembraram, face às dificuldades vividas, a superação, a repressão e censura do sistema adotado durante a ditadura militar.

Na família de Ítalo, possivelmente, a presença dos pais, a rotina e o rigor fizeram a diferença, dando oportunidade aos filhos de estudarem, embora concomitantemente trabalhassem. A orientação era de que se aplicassem nos estudos. Já na família onde Silva, o filho mais velho precisou ocupar o lugar do “pai treicheiro”, acompanhando sua mãe, inclusive para conseguir duas porções de ração, os estudos ficaram para a vida adulta. Ítalo, Silva, Toni e Lina trazem em suas lembranças os seguintes conteúdos:

Estudava e trabalhava desde muito jovem, meus pais faziam questão que me aplicasse nos estudos e foi o que fiz. Comecei no banco como menor e fui evoluindo (O executivo Ítalo – Coqueiral de Aracruz).

Meu pai não tinha condições de sustentar oito filhos, então desde meus 12, 13 anos, comecei a procurar alguma coisa pra ganhar dinheiro. Nessa época enchia latões de água pra mamãe lavar roupa. Era colégio, fazer comida, almoçar, encher tonéis para depois brincar. Era um corre, corre danado (O trabalhador Silva - Coqueiral de Aracruz).

Seguindo com os relatos, apresentamos no seguimento, Toni e Lina, ambos residentes em Barra do Riacho.

Éramos despejados todo mês e eu tinha que trabalhar e ajudar, pois os outros dois irmãos eram menores. Mesmo trabalhando isto foi ficando na minha mente e eu prometia a mim: “um dia eu quero ter alguma coisa para poder ajudar minha mãe a sair do aluguel”. Aos nove anos saí pelo mundo, procurando trabalho. Fui parar numa fazenda onde o dono fazendeiro, me adotou como filho. Com o trabalho, comecei a ajudar minha mãe (O viajante Toni de Barra do Riacho).

Minha vida eu comecei aqui e aqui que eu vou ficar (A professora Lina – Barra do Riacho).

Nas memórias de Ítalo, Toni e Lina não se verificam espaços para a infância ou ao menos não são mencionados tempo e brincadeiras de criança, ainda que, Ítalo tivesse seis irmãos, Toni 02 irmãos menores, enquanto Lina trabalhava com suas irmãs na roça.

Quando Lina afirma que sua vida se inicia em Barra do Riacho, nos parece que ela “esquece” todas as fases anteriores: a infância, a juventude, os estudos, os pais, as irmãs que deixou no Sul. Lembra com carinho dos alunos, mas de fato em nenhum momento durante o encontro da entrevista ela menciona detalhes da sua infância.

Bosi (2003, p. 417) diz: “Quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas”.

Nós, na deriva do mar, conjecturamos o que nos aconteceu que não interferimos e perguntamos? Amparamo-nos em Miguez-Naiff (2014, p.74), quando adverte que fazer histórias de vida não é perguntar, e sim escutar “história de vida é um relato de um narrador sobre sua vida, de forma livre e espontânea, cabendo ao entrevistador captar o que há de individual ou social na fala do sujeito”.

Ainda assim, entendemos que para atender ao rigor teórico e metodológico, precisaríamos sim perguntar, afinal como destacado na introdução pela vos de Silvia Lane, a entrevista é uma prática, uma relação social (LANE, 1989, p.18).

Segundo Erikson (2013, p. 272-273), a cada etapa, o indivíduo cresce a partir das exigências internas de seu ego, mas também das exigências do meio em que vive, sendo, portanto essencial a análise da cultura e da sociedade onde vive o sujeito. Erikson criou alguns estágios, que ele chamou de psicossociais, onde ele descreveu algumas crises pelas quais o ego passa, ao longo do ciclo vital. Portanto o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo estariam completamente imbricados no seu contexto social

Infere-se, portanto, que a base familiar, primeiro grupo social onde somos inseridos, sendo base para o desenvolvimento da estrutura emocional, viabilizando o processo de construção identitária, ocorre de melhor forma quando o sujeito pode se movimentar no tempo e espaço, preocupando-se com seus projetos de vida sem a urgência de ganhar o pão de cada dia, de alimentar irmãos, pagar aluguel da mãe, garantir o teto ou mesmo plantar para garantir a subsistência da família. Acreditamos que essa condição pode conceder ao sujeito confiança para avançar e melhor condição para articular e gerenciar seus projetos de vida, o que pode sugerir protagonismo e assertividade nas suas escolhas. Erik Homburger Erikson (2013) afirma ainda que “o desenvolvimento envolve uma interação constante entre as influências hereditárias e ambientais”.

4.5.2 Constituição da Família - Educação dos Filhos

Esta categoria retrata as motivações para deixar seu lugar de origem; como se deu a constituição da sua própria família, efeitos na educação dos filhos. Os motivos que levaram os recordadores a buscarem novos percursos convergem com a história de vida do Ítalo quando é convidado a trabalhar na implantação da indústria Aracruz, por conhecer a capital Vitória do Espírito Santo como a palma da sua mão, tornando-o um profissional diferenciado à época.

Atuava então, na área de materiais que foi o desafio inicial a ele concedido no escopo da implantação da indústria, cuja coordenação cabia ao executivo Leopoldo Brandão, o qual implantou a Aracruz Celulose e com quem muito aprendeu, segundo suas palavras.

Além de não ter a urgência de ter um teto para casar, podia aguardar a construção do bairro e adaptar-se. Manteve sua rotina de retornar a Vitória nos finais de semana, sempre que possível.

Trouxe minha família para cá só depois de 1978-1979. (Ítalo – Coqueiral de Aracruz)

Já Silva passou por experiências em empresas prestadoras de serviços que classificou como horrorosas, culminando com uma conturbada demissão. Após esse período ingressou na Aracruz Celulose, quando constatou que a empresa facilitaria seu projeto de ter uma casa e casar.

Tinha dois anos de noivado e precisava fazer alguma coisa. Um colega me alertou que podia aproveitar e casar também, pois a empresa pagava até dez salários mínimos para quem fosse morar no bairro Coqueiral, além de pagar a mudança. Fiz as contas e dava para casar entre junho e outubro (O trabalhador Silva-Coqueiral de Aracruz).

Toni e Lina vieram para Barra do Riacho, que lhes serviu como um ponto de partida e recomeço. Toni para reconstruir sua vida profissional, pois estava endividado e precisava recomeçar, enquanto Lina veio inaugurar sua vida de casada com seu marido que fora convidado a exercer a função de encarregado na empresa onde já atuava no Sul como pintor.

Depois as coisas melhoraram, aluguei um ponto que na época era uma casinha de cachorro, onde botava os cachorros de caça e depois virou galinheiro. Transformei o lugar, passei cal, peguei a mulher e os três filhos e vim para cá onde ficamos por três anos. Até que comprei o ponto (O viajante Toni- Barra do Riacho).

Quase morri quando cheguei aqui. Depois de dois dias de viagem, cheguei à rodoviária de Vitória e mais um tempo de estrada cheguei à pequena rodoviária de Aracruz. Me hospedei no único hotel da cidade onde passei o último dia do ano de 1981, sozinha. No dia seguinte segui para Barra do Riacho onde meu marido já tinha alugado uma casa (A professora Lina).

Nos relatos que versam sobre as mudanças, verifica-se que rupturas são necessárias, quando se quer estabelecer outro percurso, recomeçar ou prosseguir. Bosi (2003, p. 420) esclarece que “a memória pode percorrer um longo caminho de volta [...]”. São as mudanças, os deslocamentos dos grupos, a perda de um meio estável em que as lembranças pudessem ser retomadas [...] a perda e a chegada de novos membros são pontos de partida.

Coqueiral foi um bairro planejado, pensado para atrair e trazer pessoas. Não se podia trazer pessoas pro meio da floresta. Então planejamos muito bem o bairro com floríferas, frutíferas, porque os animais precisavam. Associamos mar, conforto em um condomínio bem atendido pela Santur. As ruas recebiam nomes de espécies de eucalipto: Citriodora um cheiroso, Maginata, Alba, Saligna, Pilulares. Após findar essas espécies, adotamos a flora nacional, por exemplo Pequiá, essência nativa brasileira. Os recém-casados podiam ter sua casa sem custo. Casavam e viam para cá. Meus filhos viviam soltos, brincavam muito, fizeram amizades que perduram até hoje. Eles viveram de verdade. Na época dos estudos, quando da faculdade todos saíram para Vitória e dois deles fizeram intercâmbio em outros países. Minha esposa dedicou-se ao lar e à criação dos nossos filhos integralmente até porque eu viajava muito. Hoje aproveito o lugar, a família e as netas no total de quatro (O executivo Ítalo – Coqueiral de Aracruz).

Para minha mulher, ter casa e casar era um sonho. A vinda para Coqueiral foi maravilhosa, foi um divisor de água para nós. Nossos filhos, hoje com 34, 29 e 25 não pensam em sair de Coqueiral. Tenho uma neta de oito anos e muitas amizades aqui. Eles agradecem a Deus pela Aracruz Celulose e por terem nascido e crescido em Coqueiral. Se estivessem em Cariacica talvez não estivessem vivos. Lá quem não morreu de cachaça, morreu de briga, facada, tiro. Só quem conseguiu sobreviver foi quem saiu de lá (O trabalhador Silva - Coqueiral de Aracruz).

Para educar as crianças praticamente tive que tirar meus filhos daqui. Minha filha estudou aqui, até o ensino médio. Fez a faculdade de contabilidade em Aracruz. Hoje estamos sem escola de ensino médio (O viajante Toni – Barra do Riacho)

Os relatos continuam no seguimento, versando ainda sobre mudanças:

Quando meu marido faleceu, não tive vontade de ir embora, gostei daqui e fiquei aqui para educar minhas duas filhas. Não tenho parente nenhum aqui não, daí eu já comecei a dar aula aqui. A minha vida eu comecei aqui e voltar para o Sul fazer o que? Achei bom criar minhas filhas aqui. Foi fácil. Não tinha perigo, era tudo aberto sem muro, elas ficavam muito tempo brincando, saíam de manhã e voltavam no almoço e depois à tardinha, iam na praia (A professora Lina – Barra do Riacho).

As memórias dos recordadores revivem suas motivações para viver um novo tempo em suas vidas com satisfação, ainda que, como exemplo, Toni de Barra do Riacho que chegou sem nada para o recomeço. Os quatro recordadores, sem exceção, buscaram e concretizaram os planos pensados: viver o casamento, prover, ser motivo de orgulho para suas famílias. As narrativas das memórias não fazem menção a arrependimentos por deixarem o lugar de origem, não identificamos comentários sobre saudade e falta de algo.

O ato de migrar torna-se um desafio superado, ao evidenciar o protagonismo de cada recordador perante sua família, possibilitando aos filhos uma vida diferente da vida que tiveram e que trazem na memória. Os filhos do Ítalo estudaram sem precisarem trabalhar como aconteceu com ele na sua mocidade. Fizeram intercâmbio, trabalham em outras cidades, mas regularmente retornam para visitar os pais em Coqueiral. Já os filhos do Silva nasceram, cresceram, estudaram e ao menos no relato do pai, não sentem a necessidade de sair de Coqueiral para seguirem com suas vidas. Amam conviver perto dos pais e com velhos amigos. Os filhos do Toni vivem em Aracruz, estudaram, falam um segundo idioma e trabalham na indústria, na qual o pai atua como fornecedor desde quando chegou à Barra do Riacho. As filhas da Lina, uma casou-se e a outra cursou graduação na universidade Federal em São Mateus, município ao Norte e distante 142 quilômetros de Barra do Riacho, tendo permanecido na cidade a fim de prosseguir com seus estudos, agora em 2015, cursando o mestrado.

Os recordadores produziram autonomia e independência nos filhos de uma forma diferente, proporcionando aos mesmos o protagonismo que diferente deles, conquistaram sem necessariamente se distanciarem da família e do lugar de origem.

Contrariando o senso comum cuja crença “idealiza” que somente se consegue sucesso quando nos distanciamos do lugar de origem.

Constata-se que mesmo tendo enfrentado dificuldades, este grupo de recordadores, revela facilidade e desejo de estabelecer vínculos, não repetindo o modelo familiar, nem a forma de educar os filhos. Procuram instrumentalizar os filhos de forma que possam enfrentar a vida sem tantos obstáculos e penúria.

Em O tempo vivo da memória, Bosi (2003) afirma que seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão. Esse termo de Simone Weil fala da alienação do trabalhador, quando esse se encontra na linha de montagem. Nessa pesquisa tomamos emprestado o termo no sentido de sair da sua terra e ir à busca de uma construção identitária.

Partindo desse empréstimo e significação, parece-nos que por esse processo passaram os quatro recordadores, com uma observação, cremos que eles conseguiram encontrar mais que uma terra sem solo fértil, e se encontraram trataram de renová-la, como renovaram suas próprias raízes.

[...] o enraizamento não se alimenta de imagens de um passado idealizado nem de um futuro utópico [...] A oposição entre o passado e o futuro é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe a nossa própria vida (WEIL, citada por Bosi, 2003, p. 175-177).

4.5.3 Trabalho e Política

Esta categoria traz as Memórias do trabalho, indicando a influência da profissão na autovalorização; o papel e lugar social alcançado na comunidade. Visibilidade, Status, Poder. Como era e como está, o sentimento de pertencimento, o desejo de permanência ou ruptura.

Falando em topógrafo, lembro quando acabou o trabalho de topografia, o que faríamos com o pessoal? Eram umas doze, quatorze equipes de topografia. Meu Deus, o que eu faço, são topógrafos belíssimos todos muito bons. Pedi autorização para o Conselho e falei, “vou doar todos os equipamentos. Foram orientados para serem microempresários. Todos. Não tenho arrependimento, não teve crise. Todo mundo saiu com suas maletinhas, sua valise e foram embora. Hoje eu recebo eles aqui em casa e eles choram (risos). Uma coisa fantástica viu? Fantástica, eu preciso escrever um livro para guardar isso. Por volta de 1983, trouxe o governador Max Mauro para inaugurar 1773 casas construídas em Aracruz. São três pontos: na sede em Aracruz, aqui em Coqueiral especificamente na Cohab e em Barra do Sahy. Foi a única inauguração de habitações no governo dele. Não consegui resolver a questão das casas de baixíssima renda. Por mais que você faça química, não dá para fazer uma casa de cinquenta metros quadrados sem a contrapartida do governo. O poder público atrai, dá incentivo de dez anos sem pagar algum tipo de imposto e tal, negocia, articula algumas coisas, vamos fazer isso e você faz isso. Na verdade, eles não dão base de sustentação para a comunidade, ele espera sempre que a empresa entre com todo o repertório que seria do poder público. É um sentimento meu. (O executivo Ítalo – Coqueiral de Aracruz)

O trabalhador Silva, também de Coqueiral de Aracruz, iniciou suas atividades com folha de pagamento, trabalho que é extremamente repetitivo, viaja muito e passa a conhecer municípios e empresas de Norte a Sul do Estado, alcançando mais tarde a condição de Consultor de empresas, o que demanda uso de maior recurso intelectual e aplicação de estratégias. Considera-se participativo nas mudanças que a comunidade demanda.

Concluindo, a migração pra mim foi ótima. Tinha um projeto de ter uma família quando conhecia só o mundinho de Cariacica. A migração, minha saída de Cariacica foi maravilhosa não tenho que reclamar tudo que tenho hoje agradeço a Aracruz Celulose por ter me chamado me contratado e o município também que tinha uma estrutura bem melhor na década de 1990. Neste período tinha uma briga política com duas famílias: o Eraldo Mussi e o Primo, dois políticos que brigavam se confrontavam, ao mesmo tempo eram conceituados na sociedade. A briga era só política. Fora da cena política se cumprimentavam. Faço parte da maçonaria, uma sociedade que se envolve muito com o órgão público. Faz filantropia. Na maçonaria era um dos representantes do conselho de curadores de certa Instituição que por identificarmos conduta inadequada sofremos ameaça na direção das nossas famílias. Não desistimos de atuar, criamos o CISA, um órgão pelo qual monitoramos a polícia, cobramos policiamento e manutenção. Quando existe algum risco, somos chamados a participar também (O trabalhador Silva – Coqueiral de Aracruz).

As memórias do trabalho desses recordadores, na nossa visão, mesclaram-se porque em dado momento, cada um deles menciona ou um trabalho manual ou um intelectual. Após assentarem-se nos papéis sociais, eles vão migrando de um ponto ao outro, por exemplo o executivo Ítalo de Coqueiral, que inicialmente realizou um trabalho de implantação da logística o qual demanda esforço físico e mental e ainda com recursos escassos, avançando gradativamente até alcançar o nível de Diretor da Indústria, quando passou a investir sua visão estratégica e intelecto em reuniões, negociações e articulações de fórum político. Ítalo foi criado para ser aplicado e dedicou-se em tudo que fez. Desde jovem assumiu responsabilidades diferenciadas e a vida lhe concedeu o desafio de participar da industrialização concomitante à urbanização de um espaço geográfico.

O viajante Toni, de Barra do Riacho, inicia em um ponto que abrigara animais de pequeno porte e pela competência interpessoal, de comunicação e negociação torna-se um

empresário de alimentação e hotelaria com capacidade para atender mais de trezentas pessoas bem acomodadas. Ele faz questão de destacar que mal sabe ler, embora assine seu nome. Alega que Deus lhe deu inteligência.

Pode-se inferir que Toni, na verdade, desenvolveu, ampliou sua visão de mundo e como sempre teve de resolver situações limítrofes, pela condição miserável a que foi submetido, passou a vislumbrar alternativas que o levaram ao reconhecimento enquanto proprietário de hotéis e restaurantes e cidadão exemplar. Acaba por se envolver na comunidade no papel de líder comunitário, onde busca influenciar pais e filhos para trajetórias de vida diferenciadas, foi a sua própria vida, a dos filhos e como vêm fazendo na vida dos netos. Afinal ele passa da condição de despejado a anfitrião de pessoas que, muitas vezes, chegaram sem a menor condição, como ele um dia também chegou. Passa a receber, acolher e alimentar pessoas e ainda recebe para tal.

Como já praticamente líder da comunidade eu tenho colocado sempre na mente faça como eu faço, eduque seus filhos, coloque numa boa escola. Aqui em Barra do Riacho graças a Deus, todo mundo vai falar bem de mim, porque são trinta e cinco anos que eu moro aqui procurando fazer o melhor para a comunidade. Vejo isto e falo na comunidade; sempre discuti na reunião sou líder da emancipação fizemos um levantamento de emancipação com a dona Luíza do Seu José Coelho a mãe do prefeito, entendeu? Ela é a cabeça da emancipação, nós fizemos um movimento muito lindo conseguimos levar em votação. Por que emancipação? Porque tudo que nós arrecadamos aqui... vai para Aracruz. Hoje nós estamos aqui rodeados de empresa, mas o lucro todo vai pra Aracruz. Não tem retorno pra nós aqui. Barra do Riacho ainda não é emancipada. Ari Cabral colocou um projeto na câmara lá para ser votado pra que Barra do Riacho seja distrito de Aracruz. Só que nós temos um livro da constituição que lá na constituição ela diz o seguinte: município não pode ser tirado do outro, entendeu? Então Barra do Riacho pertence a Vila do Riacho pois é Vila do Riacho que é o distrito. Barra do Riacho não pode ser distrito de Aracruz. (O viajante Toni – Barra do Riacho)

A professora Lina no mesmo ano que se graduou chegou a Barra do Riacho e eis que dá seguimento à sua profissão de professora nas escolas de primeiro grau, no momento inicial, passando depois para as escolas de segundo grau. Passado um longo período se vê, voltando à sua origem, distante das suas raízes, vivendo a cultura local. Trabalha atualmente em um projeto onde ensina a plantar, colher e aproveitar o máximo todo o alimento colhido. Na obra *Memória Social: Lembranças de Velhos em Bosi* (2003, p. 471) como aqui, os recordadores se detêm longamente e com muito gosto na descrição do seu ofício, das suas conquistas.

Dos entrevistados, todos precisaram ganhar a vida desde a infância e todos lembram o que faziam, quanto ganhavam e quem os comandava. Em nenhuma das memórias se destaca aversão ou sentimento de terem sido prejudicados. Pelo contrário, guardam orgulho por terem iniciado cedo, pois sentem que o sacrifício foi produtivo, uma vez que cada um percorreu sua jornada e alcançou a condição de herói da sua própria vida, na visão dos próprios.

Trabalharam, produziram, iniciaram e cresceram seu patrimônio material, casaram, tiveram filhos, mostrando que o ciclo pode a partir das circunstâncias e posicionamentos, se repetir, acrescentando-se os estudos diferenciados, as viagens para intercâmbios, os mestrados e uma vida menos sofrida. Não houve, portanto, perpetuação das condições vividas pelos recordadores.

Trabalho na escola do município de Aracruz. Estou na educação há quase quarenta e cinco anos. Hoje estou em um projeto por conta de ter sido criada na roça. Sempre gostei de planta então fiz uma horta grande quando estava na direção da creche. Plantei de tudo naquelas garrafas pet, fiz canteiro com garrafa pet e enchia de areia. Daí a secretaria de educação veio ver, se interessou, ficou um projeto bem grande. E começamos a fazer farofa, fazer suco de couve, fazer aquelas tortas com todos os legumes. Depois outro prefeito ganhou a política e você sabe que política é política, saí da direção. A secretaria de educação me chamou. “Lina você vem aqui em Aracruz que eu quero que você faça aquele projeto da horta aqui em Aracruz. Ensino receita para as cozinheiras lá na escola. O que fazer com a casca da melancia, com a casca da banana, com a casca da cenoura, beterraba e da mandioca. E tudo, com o talo, com as sementes, entendeu? Então elas fazem lá e através da horta elas complementam. Quase uma escola de alimentação alternativa né. Fazem mais de doze que eu estou nesse projeto. (A professora Lina – Barra do Riacho)

Podemos constatar, no percurso de cada um dos recordadores, a busca ainda que involuntária, do pertencimento a partir da aproximação e participação efetiva nas associações de bairros, instituições e projetos junto às comunidades, ações diferenciadas que alcançam junto às autoridades e poder público resultados que os tornam não só parte como concede status e visibilidade o que torna pessoas que protagonizam e desfrutam do “poder”.

Segundo Castro e Jacó-Vilela (2004, p. 97) na visão bakhtiniana, a consciência só pode ser adequadamente compreendida na perspectiva sociológica, pois assim adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais.

Pode-se inferir que o trabalho-a ocupação funcional, agregada a uma função social oferece, além da estabilidade, credibilidade perante a sociedade que acolhe o migrante por ser produtivo. O reconhecimento por parte dessa sociedade faz com que sejam preservados os fatores psicológico, social, econômico e cultural do recordador. (FRANKEN; COUTINHO; RAMOS, 2009, p. 424)

4.5.4 Transformações urbanas e Industrialização

Esta categoria trata das mudanças na infraestrutura dos bairros pesquisados conforme percebidos pelos seus respectivos representantes nessa pesquisa. Influência positiva e nociva para a vida dos residentes, trabalhadores e bairros.

Coqueiral de Aracruz era uma fazenda de bovinocultura cujo dono era representante da Brahma aqui no Espírito Santo. Foi uma propriedade comprada, pensando no bairro, que foi muito bem planejado, pensado para trazer pessoas e tinha que ter um atrativo. Então associou o mar, conforto, e um condomínio muito bem atendido. A população mais atingida foram os recém-casados por terem a possibilidade de ter sua casa sem custo. O bairro ficou bem atrativo. (O executivo Ítalo – Coqueiral de Aracruz).

O bairro Coqueiral era o melhor condomínio residencial industrial da América Latina, porque tinha tudo, toda uma infraestrutura, ruas maravilhosas, centro comercial, clube comunitário, sauna, supermercado, campo de futebol, transporte dado pela empresa, até empresa de manutenção do bairro tinha, a SANTUR, bem diferente de Barra do Riacho com estigma de ser um bairro violento, marginalizado. Em Coqueiral, apesar de não ter delegacia, nem posto policial a segurança era garantida. Até hoje mantém essa característica de parecer um condomínio fechado. (O trabalhador Silva – Coqueiral de Aracruz)

Já em Barra do Riacho, constatamos um discurso onde se destacam as limitações da infraestrutura e oferta de equipamento público.

De Timbuí para Barra minha mudança veio em uma Kombi. Não tinha ônibus. Antigamente Job fazia frete. Hoje Barra do Riacho tem umas 70 igrejas só da Assembleia aqui no bairro. Tinha a Rua principal de Barra do Riacho, a única calçada com esgoto, porque foi a população que fez e o ajuda do prefeito Eraldo. Está do mesmo jeito até hoje. O posto de saúde era pequeno, porque a população era pequena. Quando veio a expansão da Aracruz, foi aumentando e hoje temos praticamente um hospital construído, que não funciona vinte e quatro horas pois tem poucos médicos. Agora que estão colocando médico assim mesmo o hospital não foi inaugurado ainda. A maior dificuldade é ter que ir pra Aracruz sempre que precisamos de algo. Trouxe um caixa eletrônico do banco Bradesco que funciona dentro do hotel e atende a comunidade para depósitos, saques, pagamentos a aposentados. Começa cinco horas da manhã e fecha as 16h quando não tem movimento. Para depósito funciona até as sete da noite. (O viajante Toni - Barra do Riacho).

Tinha o posto telefônico onde ligava para minha mãe, eu ia e esperava muito. O posto era um a casinha ali, os médicos vinham de Aracruz uma vez por semana. Tinha apenas um ônibus da empresa Caboclo Bernardo que ia de manhã e voltava de noite. Hoje é Expresso Aracruz. Posto de gasolina foi feito um pouco antes de 2000. A cidade não tinha calçada, era só lama. Tinha luz, daí para ter água fizemos o poço colocamos a bomba, era jogado na caixa, daí então ia para as torneiras. A primeira casinha era tudo de madeira, mas perto da praia. (A professora Lina – Barra do Riacho).

Verifica-se que nessa categoria falamos de duas perspectivas: a primeira, a situação ideal, que é um bairro concebido, planejado e gestado para ofertar segurança, conforto e beleza aos que vem de fora da cidade, fazendo uma inusitada analogia com nossos antepassados quando tiravam sua melhor toalha de mesa, louça, pratarias e faziam o melhor pudim para os visitantes, deixando os já residentes em falta; e a segunda, a situação real, possível, quando o território existe, o bairro é considerado um recanto bucólico, mas não recebe de volta o proporcional dos impostos que produz com a ocupação do seu território. Recebem, somente, segundo os moradores, a promessa da qualidade de vida, que não se concretiza, podendo se confirmar em trechos de falas dos recordadores que destacam, sim, a falta de atenção do poder público, ausência de políticas públicas focalizadas nos migrantes ou no estabelecimento de indústrias, bem como investimentos para melhorias na infraestrutura, equipamentos públicos.

Moura (2014, p. 50) diz que “as memórias do tempo, do espaço, política, do trabalho, e a memória cultural são sensíveis às transformações urbanas” [...] e que [...] “os urbanistas deveriam escutar essas memórias e saber o que essa cidade significa e o que as transformações da cidade significaram na vida dos seus cidadãos”.

Desta forma pode-se inferir que o bairro sendo comum a todos, influencia pouco a pouco o sentido de identidade do morador.

Barra do Riacho é o bairro mais populoso da orla com 4.149 eleitores em 2014, seguido por Coqueiral de Aracruz com 4.033 eleitores e de onde políticos retiraram um total de 8.182 votos, sendo que o município totaliza 64.085 eleitores.

Os bairros da orla reunidos são mais oito, além dos pesquisados, os quais totalizam 15.536 eleitores o que representa 24,24% do total, o que merece, na nossa visão, mais atenção por parte do poder público. Mesmo sendo parte representativa nas urnas, a dificuldade de serem atendidos nas demandas é real. Da população de 64.085 eleitores em Aracruz, 32.230 são mulheres; 40.792 são solteiros; 29.951 – 46,73% na faixa dos 25 a 34 anos e 36.820 – 58,29% possuem o ensino fundamental e ensino médio incompleto, o que confirma algumas indagações da teoria das migrações sobre fluxos, qualificação e idade de escolhas, bem como as desta pesquisa, ou seja, as pessoas da localidade pertencem na maioria a uma faixa etária produtiva e que toma decisões, embora a qualificação seja insuficiente para ocupar cargos diferentes dos operacionais. (INFOGOSPEL, n.20 de 09/2014).

Diante da relevante presença de mulheres, podemos inferir que a figura feminina é responsável pelo cuidado e manutenção financeira do núcleo familiar, condição semelhante em pesquisa realizada por NAIFF (2014, p.149).

A informação recorrente, na fala do recordador, é que Coqueiral iniciou sua trajetória, seu mito fundador como um bairro ideal, um paraíso. No entanto, independentemente desse “ideal”, o que vimos nas visitas realizadas ao percorrer seus recantos é que esta condição pode nos dias atuais sofrer ameaça, encontrando-se fragilizada pelo fato de pessoas que, a priori, não fazem parte do condomínio ou trabalham nas empresas do entorno, avançam na edificação de diminutas moradias de tábuas nas laterais da rodovia que leva à Aracruz. Outro fator que é visível para quem passa, o descuido para com sua infraestrutura e por último o fato de os moradores não mais desfrutarem das facilidades que experimentaram entre as décadas de 1970-1980. Entretanto e apesar dessas considerações, continua sendo considerado, pelos recordadores, um bom lugar de moradia bem como para criar filhos e netos.

Muito embora, o bairro, Barra do Riacho tenha recebido a ilustre visita do Imperador D. Pedro II em 1860, teve um curso divergente, tendo seu mito fundador marcado pelo estigma de ser terra de ninguém, e conjecturamos: ou de tantos que não sabíamos de quem. Barra do Riacho sobrevive, lutando para parecer e ser um lugar melhor aos olhos de quem está de fora. Essa não é a preocupação dos recordadores que veem Barra do Riacho pequeno sim, mas rico, acolhedor, desprezando atribuições ao bairro que eles, além de não confirmar, ignoram. O que eles têm em comum é que Barra do Riacho é o lugar deles.

5 PONTOS, PESPONTOS E CONCLUSÕES DA HISTÓRIA - PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao iniciarmos esse estudo, pretendíamos identificar e discutir as transformações psicossociais e urbanas a partir dos fenômenos de industrialização e o movimento migratório, como de fato realizamos. Cabe destacar que durante o curso da pesquisa, ocorreu uma série de eventos mostrando a gravidade implicada no tema da mobilidade humana em alguns continentes destacados de forma incansável, por reportagens na mídia televisada e escrita. Essas nos mostraram em vários cenários fluxos migratórios motivados por guerras civis, insuficiência de postos de trabalho, condições precárias para proteger e cuidar monetariamente da família entre outros, sendo alguns desses motivos, concordantes com o que ouvimos repetidas vezes na fala dos recordadores.

Foram inúmeros documentários, enquetes e propostas no sentido de ampliar a discussão sobre a urgência de não apenas registrar, mas de produzir reflexões, intervenções e ações a fim de desconstruir a forma caótica como vem se concretizando esses fluxos migratórios, muitas vezes, levando a óbito centenas de pessoas.

Há de se refletir, como o faz acuradamente Castles (2010), sobre políticas públicas com vistas ao atendimento às necessidades da população migrante. E ainda, parafraseando o autor, discutir a necessidade de que o poder público, consorciado com as indústrias, compreenda a migração como parte intrínseca do desenvolvimento humano, mediante a qual as pessoas respondem às oportunidades procedentes de fatores ambientais, econômicos e políticos nas possíveis áreas de chegada.

Nessa pesquisa os recordadores de dois bairros de Aracruz, município do Norte do Espírito Santo, e suas memórias nos possibilitaram ampliar a compreensão dos motivos que levam as pessoas a olharem em outra direção e partirem levando tão somente lembranças do vivido.

O enfrentamento de desafios; o desejo de mudar a condição de vida precária para uma vida próspera; deixar de ser despejado para ser anfitrião, construir uma identidade social distinta da possuída ou mesmo acompanhando o projeto de vida de outra pessoa são motivos, além do citado no início desta explanação, o de não apenas viver, mas sobreviver.

A discussão nos faz perceber o quão paradoxal pode ser esse ciclo não tão virtuoso. Territórios despertam interesse dos investidores das grandes empresas, pela possibilidade de aumento do capital e ampla prospecção do negócio em si, movimentando a economia, o que finda por produzir fluxos migratórios para lugares sem infraestrutura para acolher todos, com o agravante de não poder assegurar que todos os migrantes serão absorvidos ou suficientemente atendidos nas suas expectativas e anseios.

Observa-se, assim, por meio das tabelas 3 e 4 que o processo de industrialização em Aracruz, produziu efeitos que alteraram a dinâmica sócio urbana local, resultando na expansão demográfica. Nas manchetes de jornais vê-se que essa expansão foi desordenada, o que sugere uma predisposição à intensificação da desigualdade social, culminando em alguns casos na marginalização dos migrantes e naturais.

É importante dizer que os recordadores e suas memórias na totalidade não confirmam esses índices, mas essa pesquisa não objetiva confirmar as memórias pelos registros oficiais e tão somente qualificar o dito. Em uma das falas, a do trabalhador Silva, observamos a desordenação sugerida, a marginalização dos migrantes e a desigualdade social, sobretudo pelas pessoas que chegam e não conseguem emprego.

Neste sentido, observa-se que tanto os migrantes quanto os naturais são afetados pela postura ineficiência do Estado, incompetente na disponibilização de políticas públicas capazes de atender às necessidades dos migrantes, como dito por Toni e Lina quando comentam sobre a reduzida oferta de transporte e especialidades nos postos de saúde.

A expectativa gerada, conforme Dadalto (2014), de que haverá absorção de mão de obra é risível, pois muitos se deslocam na busca de colocação no mercado de trabalho e nem todos conseguem inserção nas empresas. Isso se deve, em parte, ao fato de que cada empresa tem um perfil, é de um segmento (celulose, petróleo e gás, indústria naval), tem profissões e especializações e modos de produzir diferenciados – assim, o trabalhador que é qualificado para um segmento não se torna necessariamente qualificado para outro de imediato. Dado esse confirmado ao constatarmos que mais de 58,29% da população eleitora de Aracruz possui entre ensino fundamental e médio incompletos.

O encontro com os recordadores participantes dessa pesquisa foi facilitado pelo fato de termos longo convívio e acesso aos bairros, uma vez que atendíamos a empresas, realizando processos seletivos que visavam separar dentre tantos candidatos, leia-se migrantes, os mais próximos aos requisitos estabelecidos pelas mesmas.

Santos (2003, p. 70-71) assevera que as recordações, segundo Halbwachs, são diferentes entre os indivíduos porque cada um deles tem um trajeto de vida único e, ao longo deste, adquire diferentes combinações dos quadros sociais já constituídos.

Nesse estudo partimos da formação de alguns quadros sociais, infância, família, trabalho, em direção à análise da subjetividade inerente às transformações psicossociais observadas.

Acreditávamos inicialmente que as pessoas envolvidas em processos migratórios guardavam em si certa frustração e ausência de sentimento de pertença por terem passado, como dito anteriormente, pelo processo de distanciamento das suas raízes e construção identitária. Porém, os resultados revelaram outra possibilidade, a de as pessoas migrarem, realizarem suas expectativas, mudarem o curso das suas histórias e ainda contribuírem positivamente para sua descendência, dando uma sustentação e significado diferenciado à vida dos filhos e netos e portando-se como donos do lugar, demonstrando um forte senso de pertença.

Cabe ressaltar que a realidade aqui apresentada, afasta-se da realidade da maioria que migra, e que não encontram ambiente propício como os nossos recordadores. Essa pesquisa mostrou por meio da maioria das memórias, o que seria ideal no processo de migração, no entanto, conforme citamos sobre as reportagens, manchetes de eventos no início desse texto, a população massiva de migrantes não alcança essa condição considerada “favorável ou ideal”.

Assinalamos anteriormente o mito fundador e a história dos bairros envolvidos. Barra do Riacho guarda na sua memória o evento de ter sido visitado pelo Imperador D. Pedro II, muitas lutas de identidade sucederam-se a partir daí. Luta para existir, para sobreviver. Nesse bairro não param de chegar migrantes com roupagens temporais diferentes: hora vestem-se de indígenas, tiroleses, hora de carvoeiros, prostitutas, ferroviários, baianos ou mineiros.

Quem em Barra do Riacho nasce, aracruzense é! A sirene da ambulância ainda corta a madrugada avançando pela rodovia até chegar ao Hospital São Camilo em Aracruz, onde nascem os barrenses.

Os barrenses não apreciam essa realidade, tampouco os migrantes quando não são olhados como parte e pertencentes ao bairro Barra do Riacho, nascidos daquela terra onde se cuspiam tijolos como dito anteriormente. Embora Barra do Riacho hoje, signifique a segunda maior arrecadação de tributos, ainda tem um posto de saúde que ainda funciona sem especialidades ou atendimentos para partos e emergências.

Para Coqueiral, nascido de um projeto pensado e bem gestado com fauna, flora, frutíferas e lazer, para deleite de cabeças pensantes de além das fronteiras interestaduais, quando não nacionais, tal projeto ajudava a suavizar a aridez da indústria, contornado pela orla do mar. Passado o tempo glorioso, hoje se vê ainda resquício de um condomínio diferenciado, mas, no entanto, com sinais de precariedade, invasões e descaso. Inglório seria discutir a beleza natural, e, além disso, Barra avança na luta por equipamento público, identidade e lazer. Pensamos que será preciso a Coqueiral de Aracruz despertar do sono em berço esplêndido a fim de garantir sua não somente permanência, mas que seja atrativa como de tempos outros.

Distanciados do objetivo de recontar a historiografia oficial dos bairros, nos detemos na história vivida afetivamente pelos recordadores com esses bairros. A partir da ótica psicossocial, Halbwachs (2013) adverte que a memória social de um determinado grupo é limitada pelo espaço e pelo tempo nos quais esse grupo viveu. Neste caso, observamos que os recordadores retomam algumas vezes à condição da Vila de Pescadores – Barra do Riacho e ao bairro onde se recebia tudo nas mãos, bastava fazer um chamado no telefone de discar e vinha a SANTUR atender. Avançamos nas memórias e encontramos os quadros sociais remanescentes que apontam as feições urbanas, asfaltamento, ampliação do comércio, caixotes por edifício de dois andares e 21 cômodos, agências bancárias, transportes de empresas, levando e trazendo trabalhadores de municípios vizinhos, navios, outros idiomas e costumes.

Os dois bairros, assim como a população de migrantes e naturais, resistem teimosamente à passagem do tempo e ao modo de vida urbano que se impõe a cada período de tempo.

Os impactos provocados pela industrialização e pelo movimento migratório podem até ser vistos, por setores socioeconômicos, como fenômenos que reverberam positivamente na modificação da dinâmica urbana, no entanto, observamos como vital, quando da instalação de uma indústria que haja contrapartidas públicas e privadas, articuladas e apresentadas a partir de uma análise e senso crítico. Isto porque o cumprimento ou não dos acordos, de condicionantes produzidos pelas partes envolvidas, são fatores a provocar efeitos na melhoria da infraestrutura, bem como na concretização das expectativas que tangenciam a qualidade de vida e a sustentabilidade local.

Adiante se afigura o mais novo gigante da região, o Estaleiro Jurong que certamente atrairá o olhar e indagações de muitos de nós pesquisadores. O estaleiro desde 2010 é motivo de desconforto e discórdia para alguns; oportunidade e lucro para outros. Desta vez a comunidade anfitriã que possivelmente será afetada, se chama Barra do Sahy, também Vila de Pescadores com 3 km de extensão de praia, distante 2,5 km de Barra do Riacho.

Todo o processo vivido pelos recordadores nas décadas de 1970-1980, em Barra do Riacho, está sendo revivido em Barra do Sahy, o que demonstra a ineficiência do poder público em olhar sua história, aprender com os erros e fazer o que venha favorecer a população migrante ou natural, as empresas e o meio ambiente.

Norbert Elias (2000, p. 209) adverte que a insolubilidade de um problema tem mais a ver com a imprecisão do modo de colocá-lo do que com a impossibilidade real de achar uma solução. É no que acreditamos! Que a reflexão sobre o contexto sócio histórico coopere na visão das várias perspectivas inerentes a questões aparentemente insolúveis, mas que com esforço e vontade coletiva fazer preponderar à saúde psicossocial e projetos urbanos harmônicos.

BOSI, Ecléa. **“O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social”**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos**, 3ª Edição – São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

CANDAU, Joel. **Memoria e Identidad**. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008, 208 p. (Título Original *“Mémoire e Identité”*, Traducción Eduardo Rinesi) Versão brasileira: Memória e Identidade, Editora Contexto, São Paulo 2011.

CASSUNDÉ, Ronaldo Luiz. **A vitória de Albuíno: campanhas modernizadas no Brasil e no Espírito Santo. 2008**. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

CASTIGLIONI, Aurélia H. - **MIGRAÇÃO: Abordagens teóricas - Disponível em:** <http://www.unesco.org.uy/ciencias_naturales/fileadmin/ciencias%20naturales/mab/Migracao-Inter.pdf#page=39> Acesso 25/04/2016.

CASTLES, Stephen. **Entendendo a Migração Global - Uma perspectiva de transformação social** - Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília, Ano XVIII, Nº 35, p. 11-43, jul. /dez. 2010.

CASTRO, Alexandre de Carvalho; VARGAS, Rosimary Paula Ferreira. **“Triste e bonito”: a história dos saberes e práticas ‘psi’ na criação do Hospital Henrique Roxo**, Universidade Estácio de Sá-Revista Mnemosine – Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia Vol.1, n.2, RJ, 2005.

CASTRO, A.C.; PORTUGAL, F.T. & JACÓ-VILELA, A.M. **História da psicologia em combustão: uma crítica bakhtiniana às apropriações historiográficas no Brasil**. Memorandum, n.18, p. 95-106, 2010.

CASTRO, Mary Castro. **Migrações internacionais e direitos humanos e o aporte do reconhecimento**, REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana Ano XVI - v. 16, Número 31 p.7-36. Também disponível no site: <<http://www.csem.org.br>> (Centro Scalabrano de Estudos Migratórios, Brasília, 2008.

CERQUEIRA, W. – **Geografia Econômica** Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/geografia/industrializacao>> Acesso aos 28-12-2015.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTAR, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente Introdução**. Bauru, São Paulo: Edusc, 1999, p. 7 a 49.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil Mito fundador e Sociedade autoritária**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. 1ª Edição: abril de 2000 2ª Reimpressão: outubro de 2001.

COLLIN, Catherine; BENSON, Nigel et al. **O Livro da psicologia**. Tradução Clara M. Hermeto e Ana Luísa Martins. São Paulo. Editora Globo, 2012.

COUTINHO, José Maria. **Uma História do Povo de Aracruz**, Volume I e Volume II Editora Reitem, Aracruz/ES, 2006.

CRUZ, Maurilen Paulo. **Faça-se Aracruz!** Organizado por Maurilen de Paulo Cruz, Edições Tempo Novo – Serra/ES, 1997

DADALTO, Maria Cristina. **A imigração tece a cidade. Pólo Industrial de Colatina**. Vitória. Ed. Cultura e Edições Tertúlia, ES, 2009.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. Editora Papirus Campinas, 2001.

DOTA, Ednelson Mariano. **A Migração No Espírito Santo No Período 1991-2010 e o Trabalho: Novidades e Continuidades**. Anais do 4º Encontro Internacional de Política Social 11º Encontro Nacional de Política Social Tema: Mobilidade do capital e barreiras às migrações: desafios à Política Social Vitória (ES, Brasil), 2016.

DUPAS, Gilberto. **O Mito do Progresso** – Novos Estudos – CEBRAP (pp.73-89) SP, 2007.

_____. **Pobreza, Desigualdade e Trabalho no Capitalismo Global**. Nueva Sociedad. N. 215, maio-junho 2008.

_____. **A lógica da economia global e a exclusão social**. Estudos Avançados, 12 (34), 1998.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações**, Paco Editorial, Jundiá – SP, 2014.

ELIAS, Norbert. 1897-1990. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ERICEIRA, R.C.S. MONTEIRO, R.C et alia. **Rememorações de Idosos sobre transformações ambientais em Seropédica: Uma Análise Psicossocial**. Revista Memorandum 25,112-126 out/2013 BH: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2013.

_____, R.C.S. **O discurso das marchinhas carnavalescas e as relações de gênero no Rio de Janeiro (1930-1940)**, Cadernos de Linguagem e Sociedade, 13 (2), 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo – As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**, Parábola editorial, SP, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Novo Dicionário**, 1ª Edição, Rio de Janeiro, 1975.

FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria da Penha Lima; RAMOS, Natália. **Migração e Qualidade de Vida: um estudo psicossocial com brasileiros migrantes**, Estudos da Psicologia, Campinas 26(4) pp419-427 outubro-dezembro, SP 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **VIGOTSKY & BAKHTIN**, Editora Ática, 4ª edição, SP, 1999.

FURTADO, CELSO. **Formação Econômica do Brasil**, Companhia Editora Nacional 32 Edição, SP, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GUIMARÃES, Jansen Castro. **Abordagens Teóricas sobre Migrações**-Disponível em: <[http://www.webartigos.com/autores/jarsenluiscastroguimaraes/Abordagens Teóricas sobre Migrações](http://www.webartigos.com/autores/jarsenluiscastroguimaraes/Abordagens%20Teóricas%20sobre%20Migrações)> Acesso 25/04/2016.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. [Org.] Tomaz Tadeu da Silva. Editora Vozes, São Paulo, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**, Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo, Editora Centauro, 2003 - 224p – 7ª reimpressão, 2013.

IZOTON, João Paulo Lyrio. **Pesca artesanal, desenvolvimento e conflitos Socioambientais na Barra do Riacho, Aracruz – ES**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrado em Ciências Sociais. Vitória, ES, 2016.

LANE, S.T. M. **O que é Psicologia Social**. Coleção 39-primeiros passos, 6ª edição. Ed. Brasiliense, 1984 SP.

LANE, S.T. M. e CODO, W. **Psicologia Social, O homem em movimento**. 7ª Ed. Ed. Brasiliense, 1989 SP.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** / Tradução Bernardo Leitão [et al.] 3ª edição Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1994.

LIMA, Ana Carolina C. **Desenvolvimento Regional E Fluxos Migratórios No Brasil: uma análise para o período 1980-2010**. 2013. 213 f. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MADALENA, Juliano. Resenha a “**Identidade**”, de Zygmunt Bauman. Civilistica.com. Rio de Janeiro, a. 2, n. 4, out. - dez. /2013. Disponível em: <<http://civilistica.com/resenha-a-identidade-dezygmunt-bauman/>>. Data de acesso. Data de acesso. 17 novembro 2016.

INSTITUTO JONES SANTOS NEVES-MAPAS. Disponível em:<<http://www.isjn.es.gov.br/mapas>> Acesso 24/04/2016.

MIGUEZ-NAIFF, L & SÁ, Celso Pereira de; **De mãe para filha, o legado da exclusão social: Um estudo das memórias autobiográficas**, Memorandum, 13, 88-99, 2007.

MISSAGIA, S. M. **O Desenvolvimento como discurso repete farsas e tragédias**. Revista Avaliação de Políticas Públicas, v. 3, p. 55-74, 2011.

MOURA, Mariluce. Entrevista Ecléa Bosi concedida a FAPESP Disponível em:<<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/04/24/ecléa-bosi-narrativas-sensíveis-sobre-grupos-fragilizados/>>.> abril 2014.

NAIFF, Luciene Alves Miguez, **De Mãe para filha. O Legado da exclusão social: Um estudo das memórias autobiográficas**, EDUR UFRRJ, 194 p. RJ, 2014.

NARITA, Stella, **Notas de Pesquisa de Campo em Psicologia Social**, Psicologia & Sociedade 18 (2):25-31; mai/ago.2006.

NEVES, Fernando Henrique. **Planejamento de equipamentos urbanos comunitários de educação: algumas reflexões**. Cad. Metropolitano São Paulo, v. 17, n. 34, pp. 503-516, nov 2015.

OLIVEIRA Ueber José de Oliveira. **Desenvolvimento Brasileiro: Alternativas e Contradições**, (Org) Maria da Penha Smarzaró Siqueira. Editora Grafitusa, Vitória –ES, 2010 p. 367-392.

ORRICO, C. M. B. Dissertação **A Urbanização Recente De Aracruz** apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas**. Nº 11/2004, Universidade Técnica de Lisboa, SOCIUS working papers. – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações - Instituto Superior de Economia e Gestão Lisboa, 2004.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre Histórias, Fotografias e Objetos: Imigração Italiana e Memórias de Mulheres** - Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em História. Área de Concentração: História Social.

PLANALTO GOVERNO. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7212.htm> Acesso 03/04/2016.

POLLAK, Michael, **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, p. 200-212, RJ,1992.

_____, **Memória, Esquecimento, Silêncio**. **Estudos Históricos**, vol. 2, 3, p-3-15, RJ 1989.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**, Editora Brasiliense, 43ª Edição, SP, 2012.

PROSDOCIMI, J.; MENEZES, E.; ALMEIDA, N. C. “**Da intervenção ao singular das histórias de vida: a bailarina, o quebra-cabeça, o menino**”. Em: ALMEIDA, N. C.; DELGADO, P. G. (orgs.). **De volta à cidadania**. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia, 2000.

RIBEIRO, Guilherme. **A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geohistória e a longa duração**. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.605-639.

RODRIGUES, H. B. C. **No rastro dos cavalos do diabo. Memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo institucionalismo no Brasil**. Tese [Doutorado]. 520p. IP-USP; 2002.

ROCHA, Gilda. **O Espírito Santo no contexto da Política de Imigração Brasileira**. In: _____. **Imigração Estrangeira no Espírito Santo: 1847-1896**. Vitória: [s.n.], p. 23-50, 2000.

SÁ, Celso Pereira de. **Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: Uma Perspectiva Psicossocial** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil - Disponível em www.scielo.br/prc, 2007

SAAE BARRA DO RIACHO. Disponível em: <<http://www.saaeara.com.br/informacao/barrado-riacho/>> Acesso em 07/09/2016.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento2010): crescer sem destruir**, SP, Editora Vértice, 1986.

SANTOS, Myrian Sepúlveda, **Memória Coletiva & Teoria Social**, 208 páginas, SP Editora Annablume, 2003.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose Ambulante** – Música Composta e Interpretada por Raul Seixas. Álbum – Krig – Ha, Bandolo. Philips Records - Ano de divulgação – 1973.

SIQUEIRA, Maria da Penha S. **Industrialização e Empobrecimento Urbano - o Caso da Grande Vitória**. 2ª Edição, Ed. EDUFES CCHN/ES – 2010.

_____ **Sociedade e Pobreza.** Coleção Rumos da História - 5. ed. Vitória: PPGHIS, v. 2000. 144 p. ES, 2006.

_____ **Desenvolvimento Brasileiro: Alternativas e Contradições.** 1ª ed. Vitória, 393p. Grafitusa Editora ES, 2010.

SORESINI, Luiz. **Relatório Secretaria Indústria e Comércio FL00110** p.1-13. 1996 - Dados IJSN 12 de novembro de 2015.

SOUZA, Maria Luiza. **Desenvolvimento de comunidade e participação.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

TOLOSA, Hamilton C. **Política Urbana no Brasil: Cinco Temas para Discussão.** Trabalho apresentado no Seminário de “Desenvolvimento Urbano: Aspectos Institucionais” promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais (NEPES), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, setembro de 1978.

VALE NOSSA HISTÓRIA, 2012. Disponível em:<<http://www.vale.com/PT/aboutvale/book-our-history/Paginas/default.aspx>> Acesso 03/04/2016.

VILLASCHI, A. FELIPE, E. S. **Interações e Conexões no Desenvolvimento do Estado do Espírito Santo — Anotações para o Debate.** In Revista Sinais CCHN (UFES) Vitória, n.9, v.1, p.188-223, 2011.

ZORZAL E SILVA, M. A. **Vale do Rio Doce na estratégia do desenvolvimentismo brasileiro.** Vitória: EDUFES, 2004.

_____ **A Agenda De Reforma Do Estado E Seus Reflexos No Espírito Santo.** In Revista Sinais. Ufes, 2007.

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, de uma **pesquisa acadêmica** intitulada: **Memórias de Migrantes em Aracruz/ES: Análise das transformações psicossociais e urbanas 1970-2010**, a ser realizada no município de Aracruz nos bairros Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho, no Espírito Santo. Essa pesquisa pretende relatar sobre as transformações psicossociais e urbanas e o processo de industrialização e movimento migratório no município de Aracruz-ES, destacando sobre transformações psicossociais e urbanas ocorridas nos bairros Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho.

Informamos que os conteúdos cedidos (questionário e fotografias) serão de uso exclusivo desta pesquisa. **Todas as informações levantadas serão trabalhadas de forma agrupada, não sendo divulgada nenhuma informação de forma isolada. Garantimos a preservação da identidade de todos os participantes.**

Sua participação é voluntária e importante, **sendo resguardado seu direito a não responder qualquer uma das questões ou interromper a entrevista** a qualquer momento, por livre vontade, caso a abordagem e/ou métodos aplicados eventualmente provoquem algum tipo desconforto ou risco. O pesquisador buscará a forma mais adequada de mitigar – eliminar desconfortos e riscos. **Sua recusa, não trará nenhum prejuízo ao pesquisador ou a instituição.**

Após ser esclarecido (a) sobre essas informações, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA – Psicologia - Linha Processos Psicossociais e Coletivos - Pesquisa Qualitativa - ORIENTADOR: Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira. Pesquisador (a): Maria Rita de C. Sales Régis

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, declaro que li, ou foi lido, as informações contidas neste documento e que concordo em participar do estudo acima citado, como sujeito.

Fui devidamente informada/o e esclarecida/o pela pesquisadora Maria Rita de Cássia Sales Régis sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso interromper a pesquisa a qualquer momento, ou mesmo retirar meu consentimento, sem que isto acarrete qualquer prejuízo a mim, ao pesquisador ou a instituição.

Local e data _____/_____/_____

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

ANEXO 2 ENTREVISTAS DOS RECORDADORES

L. S. ÍTALO, Coqueiral de Aracruz, 78 anos, Economista, casado, 03 filhos, atualmente aposentado, atuando com Consultoria.

Como sua trajetória junto a Aracruz começou?

Estudava e trabalhava desde muito jovem, meus pais faziam questão que me aplicasse nos estudos e foi o que fiz. Comecei no banco como menor e fui evoluindo. Fui bancário durante dez anos e foi no banco, quando ainda fazia o último ano do curso de economia, conheci o Leopoldo Brandão, um bigodudo que veio de Minas Gerais, uma figura excepcional, mas que tinha pouco conhecimento na praça. Foi meu primeiro contato com a Aracruz. Foi o executivo que implantou a parte florestal. Nos conhecemos e dele recebi o convite para vir em 1966. Durante 1966 fizemos alguns contatos com a ECOTEC Economia e Engenharia AS, empresa do Rio de Janeiro que pensou todo o projeto Aracruz, mas de fato vim em julho de 1967 para montar toda a estrutura de materiais. Era uma turma de alto nível, o Dias Leite, professor Cafuzo, com os quais aprendi muito.

Entendi. Mas materiais? O senhor era bancário.

Meu primeiro trabalho no escopo inicial, onde me apliquei foi na divisão de materiais almoxarifado, criando toda a estrutura de compras e reconhecimento da empresa. Eu tinha mais de dez anos de banco e muito conhecimento em Vitória/ES, e essa foi a razão de me terem dado este desafio.

Leopoldo era especialista em montar a equipe. Ele falou “nós vamos procurar onde tem capixaba, fora daqui e que a gente pode trazer pra cá”. A partir desta estratégia veio, Roberto Mesquita, Edgar Campi, diversos engenheiros florestais. Um estava na Bahia outro em Portugal e trouxemos todos de volta. O primeiro médico conseguimos trazer somente em 1968. Chamava-se Leonildo Poltronieri de Souza, militar que estava no Rio Grande do Sul. Montamos uma estrutura (uma casinha com flores) que funcionava como escritório e dormitório (residência). Depois compramos um galpão na praça, reformamos, fizemos o escritório e começamos a contratar. Quando chegamos no município e começamos a contratar com carteira assinada, foi uma revolução.

Revolução? Porque?

Coqueiral de Aracruz era uma fazenda, bovinocultura, que era do representante da Brahma aqui no Espírito Santo. Se chamava Carlos Heikberg. Foi uma propriedade comprada, pensando no bairro pois sabia que precisaria trazer gente de fora. Não tínhamos tecnologia pra isso, aonde tinha isso, Finlândia, Noruega, Suécia. Alguma coisa no Chile e alguma coisa na Argentina, muito pouco. Falei, como é que nós vamos atrair esse pessoal pra cá. Trazer eles para o mato?

Difícil mesmo! Quais foram as alternativas?

Foi um muito bem planejado, foi pensado para trazer pessoas e tinha que ter um atrativo. Não podia trazer as pessoas pro meio da floresta. Então associou o mar e mais conforto, e um condomínio muito bem atendido pela Santur. Gente nova recém-casadas por terem a possibilidade de ter sua casa sem custo se deslocavam para cá. As pessoas todas que chegaram aqui em 1976-1978 que moravam nesse condomínio tudo era entregue nas mãos delas.

Sua família veio logo?

Trouxe minha família para cá só depois de 1978-1979. Porque primeiro os gringos vieram. Foi feito até sauna lá na beira da praia denominada “praia da sauna”. Ainda se consegue ver as instalações da sauna e etc. os gringos só tomavam banho lá nus. Os suecos entravam na sauna e corriam para dentro d’água. Eu morava pra lá, na entrada do bairro, perto do Carlos Aguiar (presidente da Aracruz Celulose até 1º de Julho de 2011). Numa rua depois a dele. Me aposentei, pensei será que dar conta de ficar aqui no meio desse pessoal, saindo de manhã e voltando a tarde. Colocaram a casa do presidente a venda. E aí tinha briga, todo mundo queria a casa do presidente. Aí o diretor (eu) falei assim, eu quero a casa do presidente. Acabou a briga. Modifiquei muito a casa. Minha mulher sempre reclamou desta mudança. “Poxa, sair a pé para ir ao supermercado”. Mas aqui não pode ir a pé. Em compensação ninguém tem essa vista (fala da vista de toda extensão do mar que fica em frente a área de lazer da casa).

Entendi. Tem um fato curioso que não entendi. Qual a origem dos nomes das ruas?

O nome das ruas daqui são nomes de espécies de eucalipto: Citriodora um cheiroso. Tem um parecido com ele que se chama Maginata. Alba, Saligna, Pilulares são outros. Quando acabaram as espécies a gente saiu fazendo flora nacional também. Brasileira. Eu moro na Pequiá que é uma essência nativa brasileira.

E o bairro hoje?

Hoje estão cobrando o terreno da escola, mas passaram quarenta anos e eles não pagavam nada, nenhum imposto. Agora o direito é assumir né. Ficar mamando na teta da vaca todo mundo quer. Tem o Clube que todos querem ir, mas não querem pagar a mensalidade. Acabou, esse tempo acabou. Só se faz isso hoje é na CVRD (Companhia Vale do Rio Doce) em Carajás onde tudo é difícil.

Como vocês vinham para cá, como era?

Comparo Carajás a Aracruz em 1967-68. Eu e mais alguns amigos vínhamos de Vitória em Jipão, depois seguíamos pela balsa, quando o cara tinha óleo, quando não tinha óleo tinha que dar a volta pela BR 101 que era chão.

Não faz senso, só eu que fiz isso. Leopoldo me atraiu para o mato. Quando cheguei aqui ainda tinha febre amarela. Então planejamos muito bem o bairro por um cidadão, engenheiro agrônomo de Santa Tereza. Vou lembrar o nome dele agorinha mesmo (**não lembrou**). Ele fez isso com uma lucidez enorme. Anteontem eu fui num armazém aqui comprar uma peça. Ai o dono do armazém falou, “esse cara aqui que fez esse bairro”. “Poxa que tempo foi esse? - 1973 mais ou menos e tal”. Ai ele falou assim, “poxa, mas essas áreas sobrantes vão vender, não sei o que? ”. Eu falei, “olha meu filho as áreas sobrantes são áreas para lazer, para contemplação do que foi feito”. Se for vender é outra política, mas naquele tempo fizemos um bairro planejado com floríferas, frutíferas, porque os animais precisavam. Quer dizer tudo foi feito direitinho.

“Pois é, mas está mudando um pouco”. Eu falei, “na hora que nós passamos bairro para a administração municipal mudou”. Tivemos que passar ruas e logradouro né. As casas foram vendidas, eu sou o comprador de uma. Tá muito mais baixo do que era o padrão antigo.

E seus filhos?

Meus filhos viviam soltos, brincavam muito, fizeram amizades que perduram até hoje e a minha esposa dedicou-se ao lar e a criação dos filhos integralmente até porque ele viajava muito. Hoje ele aproveita o lugar, a família e as netas no total de quatro.

Na adolescência aprontavam tudo, tinha muitas festas e até banda os rapazes criaram. Eles viveram de verdade.

Na época dos estudos, quando da faculdade todos saíram para Vitória e depois dois deles fizeram intercâmbio em outros países.

Foi complexo implantar todo o projeto?

De fato, depois quando cheguei em São Mateus, precisava plantar mais 23.000 hectares no Espírito Santo, no Oeste do estado e noroeste do estado. Um dito governador não permitiu e precisou irmos à Bahia. Não tinha compromisso com ninguém lá, e claro que abri a minha frente, o que nos resultou bem. O governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães falou, “o senhor não precisa marcar agenda. O senhor avisa a secretaria que o senhor vai chegar que estarei esperando na porta”. O secretário de planejamento era o articulador Élio Régis. Figuraça.

Bom então, lá na Bahia ao invés de plantar os 23.000 mil hectares, plantei 80.000. Por isso que tem outra indústria lá. Três, A, B, C. e vem uma D agora. As coisas foram muito bem trabalhadas. Acho que não vou ver na minha vida um projeto tão bom quanto esse. Pela forma como foi feito. Pelo cuidado social.

Quais as maiores dificuldades?

Foi um trabalho persistente diante das muitas dificuldades, quer dizer, a única coisa que sempre me fez inferir muito foi minha amiga Elizeth que já faleceu coitada. Me criticava muito. Ela falava assim, “essa monocultura do eucalipto é um inferno”. Eu falava “Elizeth, olha a Monocultura do Café, o que você fala da monocultura do café?”. Então são coisas que na cabeça daquele tempo pegava. Se você olha hoje toda a floresta de eucalipto não é uma monocultura. Porque cada uma árvore é uma espécie diferente. É plantado em mosaico, então você não tem do mesmo lado a mesma espécie. Você tem sempre diferente. Então, deu praga aí, deu algum problema...

Alguns grupos falam sobre a outra ameaça que é a de perecer sem água por causa da plantação do Eucalipto. Como ficou essa questão?

Até hoje lembro uma vez que eu convidei o Ruschi para vir aqui. Ele era ardido quanto a nós, tem uma razão, mas eu não vou falar, e atravessando a balsa, botando ele no outro lado falou, “o meu filho, você vai transformar isso num deserto hein, vai secar tudo”. Respondi: professor não é isso, tenho acompanhado, lido, me aplicado professor. “Você vai ver”. Estou esperando. Já se vão quarenta anos e ainda não secou nada aliás todos os córregos estão com mais volume.

Você teve muito aqui, primeiro pessoal de café que você sabe que na década de 1960 aquela desgraça, tinha só café. Então tinha muita gente voando, sem rumo e pouso. Faziam um serviço aqui, ali e acolá. Quando concentrou, tivemos realmente a vinda de pessoas, até com experiência de mato vamos chamar assim. Capitães de mato, tinha também o pessoal do sul da Bahia e era uma miséria desgraçada.

Então a maioria eram baianos e mineiros. O sul da Bahia era de Ilhéus pra baixo, perto de Mucuri (Teixeira de Freitas, Posto da Mata, Itabatã). Até hoje todo atendimento social desse pessoal é em Vitória.

E quanto a política, como foi marcante?

Tirando a época do contestado que tinha essas guerrilhas bestas, mineiros e capixabas sempre se deram bem. A bandidagem vinha dos dois lados.

Por volta de 1983, trouxe Max Mauro para inaugurar 1773 casas construídas em Aracruz. São três pontos: na sede em Aracruz, aqui em Coqueiral na Cohab e em Barra do Sahy. Foi a única inauguração de habitações no governo dele. Acho que por exemplo, a Jurong que está se instalando aqui, ela não conversa. Parece que o pessoal não tem essa sensibilidade, mas acho que as pessoas daqui tem que trabalhar esta questão. A única coisa que eu não consegui resolver foi a casas de baixíssima renda. Por mais que você faça química, não dá para fazer uma casa, vamos por aqui cinquenta metros quadrados. Não tem como. E aí tem que entrar o governo mesmo para fazer isso. O poder público ele atrai, dá incentivo de dez anos sem pagar algum tipo de imposto e tal, negocia, articula algumas coisas, vamos fazer isso e você faz isso. Na verdade, eles não dão base de sustentação para a comunidade, ele espera sempre de que a empresa entre com todo o repertório que seria do poder público. É um sentimento meu. Pega o exemplo da CST. O que chama de Atlântica Ville são apartamentos que a CST fez, caso contrário não tinha e na minha visão é péssimo. Outro exemplo são os que ficam na estrada do contorno. Ausência do governo, dá nisso. Jardim da Penha na capital foi um bairro de pessoas que foram trabalhar na época na CVRD (Vale).

Fizeram aquelas casas geminadas que depois as pessoas mudaram o padrão. Então realmente, se você olhar a história do Espírito Santo, Vitória na década de 1960 por exemplo, quando eu atuava eram três grandes projetos: Tubarão, CST, Aracruz. A CVRD - VALE ficava naquele pontão que era praia pura na beira de uma fazenda. Mata da Praia, Jardim da Penha também eram fazendas. O governo não se dignou a planejar a utilização daquele solo. Aí começaram a invadir, fazer tudo isso. O proprietário tinha tantos hectares vendeu para um, para outro, outro e outro. Até ficar aquele monte de porcária. Não tem jeito. O Espírito Santo é muito frágil nisso também. Não sei se é só o Espírito Santo, mas aqui vi e vivi fortemente. Sobre as empresas atrapalharem/destruírem ou desenvolverem os municípios onde se instalam digo que quando cheguei aqui em 1966, tinha uma estrada que ligava a capital do Espírito Santo ao sul da Bahia. Era avenida Venâncio Flores. Passava por Jacupemba e ia subindo.

E a infraestrutura, como foi lidar com essa questão?

Tudo sem asfalto. Tudo chão batido. Gente cuspiu tijolo quando chegava aqui. Não tinha hospital, tinha um padre, com três ou quatro freiras em um galpão que cuidava dos doentes. Não era um médico, não tinha especialidade, não tinha nada. Depois é que foi construído o São Camilo. E a Aracruz teve peso forte. Construiu hospital, construiu batalhão de polícia, construir tudo aqui foi assim. Não foi esse negócio de que todos nós precisamos saber que a grande empresa que traz a pequena empresa que traz o bem-estar de todos nós. Você olha o projeto Aracruz, o projeto Vale, o projeto CST, o que ela criou de micro e pequeno empresário, não está no gibi. Samarco um outro exemplo de... igual a esse aqui. Absolutamente igual. E ela explora e desenvolve mesmo. Você tem hospital, tem estrada, você tem telefonia. Olha eu ficava, a minha residência onde a gente ficava, quando a gente fazia toda a comunicação por telegrama. Tinha que ir o telegrafista era nosso amigo e dava prioridade. Era só aquilo, até que se instalou na frente da nossa residência uma cabine da Companhia de Telefone do Espírito Santo com um telefone. Tinha que ficar esperando em fila, discava central e tudo mais. Luz elétrica fechava as dez horas da noite minha filha era a motor.

Depois disso acabou, veio o telefone, luz elétrica permanente, hospital mesmo sem todas as especialidades atende-se bem, infraestrutura, tudo nesse município. Hoje você pega um carro e em uma hora chega no município de Aracruz, antes era uma manhã inteira. Tem aeroporto, do lado da fábrica, sem uso. O país agora está falando em criar cento e tantos aeroportos regionais. Já está pronto, isso aí é do meu tempo e fica largado as moscas. Cadê o plano aeroviário no estado e nacional? Fizemos um trabalho de logística dentro do movimento empresarial. Contratamos uma empresa que cobrou os tubos. Na hora que eu fui ler o relatório. “Cadê a questão aeroviária? Você falou em rodovia, falou em portos, ferrovia mas faltou o plano aeroviário do Espírito Santo. Pagamos por isso aqui e ficou uma porcária. A turma era toda PT. Eu acho que esse país ainda vai se transformar muito. No estado do Espírito Santo, você tinha a liderança do Hartung que por seus méritos, desbancou a liderança nociva. Uma figura excepcional, inteligente, sabe montar equipe e patrocinou a vinda do Renato Casagrande que foi uma figura ética, fez o trabalho dele. Houve a desavença, um queimando o outro. Hoje estamos precisando mais de liderança e não de eliminar liderança. Chega desse bang bang. Essa turma de (impublicável), olha eu tenho vergonha de olhar nossa bancada federal. Sempre converso com meus amigos e digo. “Quem você acha que tá fazendo um bom papel na bancada federal? ” Eu vi com algum registro o Ricardo Feraço e muito pouco o Cesar Colnago, o resto é o resto. Nada e é isso mesmo é nada. Nossa bancada estadual 50% foi remodelada. Você olha, o que vai sair daí meu Deus. Ficou bandidagem.

Qual sua visão com relação ao hoje?

Outro projeto que me interessa é o da JURONG, até pela questão de definir a tal reserva ambiental aqui no Norte. Paulo Hartung teve muita dificuldade. Esse projeto entrou e saiu a Fórceps. Porque para ele sair tiveram que entregar, concordar com o governo federal segundo Hartung para formar a tal APA de Santa Cruz que é como a gente chama. E esse pessoal veio no começo, eles iam implantar o projeto, como sem dúvida estão implantando. Projeto enorme, gigante. Ocorre que iam começar a produzir os cacos aqui, não é o que estão fazendo. Estão trazendo o casco de lá. Vão fazer o complemento aqui, mas não era o previsto. De qualquer forma se a Petrobras que é a única que usa isso aqui e tem algumas outras empresas que são internacionais e trazem tudo de fora. Se a Petrobras se reerguer, né. Acredito que pode dar um resultado local positivo. Vão trazer um pessoal mais especializado, como soldadores, eletricitas. Pessoal de nível melhor bem diferente do que encontrei aqui quando vim. Era o pessoal braçal que tinha que ser treinado, ir para escola, saber escrever e tudo. Eles estão pegando um nível melhor, mas eles precisam trabalhar isso.

Lembra que precisei tirar o machado e colocar motosserra na mão dos trabalhadores. E você mexer, tirar um cara com os dedos grosso desse tamanho e mexer com joystick. Meu Deus, será que eu vou conseguir? Consegui. Os forwarder que são os carregadores, que pegam a madeira lá na floresta e tal. Aquilo ali tudo é joystick minha filha, você operar aquelas gruas, tem nego que para operar aqui faz assim, como se fosse jogar pauzinho em cima da mesa, ficaram craques.

É bonito, então você ver, falar e realizar. Tínhamos setecentos quase oitocentos motosserristas. Transformar esses setecentos, claro que não foram todos, em tratoristas de esteira, operador de forwarder, operador de...grua, caminhoneiro. Tudo isso, é evolução, quando eu penso isso eu penso, meu Deus estou gratificado.

Como era lidar com as pessoas?

Tem uma coisa muito interessante, nas reclamações que eu analisava com o pessoal na sociedade, tinha um cara lá e falava. “Eu tô na Barra do Riacho há anos desempregado e sou topógrafo e etc..”. Eu falei: “mas topógrafo eu preciso muito”. “Mas eu nunca fui chamado e não sei o que”. Vamos ver como é que é isso. Ele saía de manhã as cinco horas da manhã para pescar e voltava a seis da tarde, e nunca era encontrado. Então como você...quer ser encontrado se você está no mar?

Falando em topógrafo, lembro quando acabou o trabalho de topografia, o que faríamos com o pessoal? Eram umas doze, quatorze equipes de topografia. Meu Deus, o que eu faço, são topógrafos belíssimos todos muito bons. Pedi autorização para o Conselho e falei, “vou doar todos os equipamentos. Foram orientados para serem micro microempresários. Todos. Não tenho arrependimento, não teve crise. Todo mundo saiu com suas maletinhas, sua valise e foram embora. Hoje eu recebo eles aqui em casa e eles choram (risos). Uma coisa fantástica viu? Fantástica, eu preciso escrever um livro para guardar isso. **(As memórias)**

J. B. SILVA Administrador, casado, vive em Coqueiral de Aracruz há 36 anos

Como chegou aqui e como foi seu encontro com a Aracruz?

Nasci em Cariacica no Espírito Santo, criado no Rio de Janeiro, 61 anos, casado, 03 filhos. Considero a minha, uma história bonita. De uma família grande de oito irmãos, sendo o mais velho da turma. Enfrentei ditadura com minha mãe quando ainda pequenininho e com tantas bocas. Uma pessoa só podia receber uma quantidade de ração, ia junto para conseguir mais em quantidade. Passamos por momentos difíceis na época de ditadura no Rio de Janeiro. Tudo isso ficou gravado na minha memória. Vindo para o Espírito Santo – Cariacica um local na época muito tranquilo para se morar, apesar da falta de água e energia. Fomos criados ali desde 1965. Tudo isto me deu outra visão da vida, vi que tinha de desgarrar da minha família. Meu pai era treicheiro, não tinha condições de sustentar oito filhos, então desde meus 12, 13 anos, comecei a procurar alguma coisa pra ganhar dinheiro. Nessa época enchia latões de água pra mamãe lavar roupa. Era colégio, fazer comida, almoçar, encher tonéis para depois brincar. Era um corre, corre danado.

Tenho uma irmã nascida em Minas Gerais, dois irmãos em Campos, outros dois no RJ e os dois últimos capixabas como eu. Só não tenho irmão baiano porque minha mãe não quis ir pra Bahia, se não teria. Mas meu pai tem filho baiano, que não é filho da minha mãe. Não conhecemos este irmão, papai não falou sobre ele, mas sabemos que ele existe.

Em 1976 fui trabalhar na planta da fábrica Aracruz na parte de montagem da empresa ARA terceirizada daqui de Vitória, hoje chamada TENENGE. Fui indicado porque eles não conseguiam nenhum profissional que entendia de folha de pagamento, diária de pessoal. Deram-me algumas vantagens e fui. Mas era uma coisa horrorosa, doze mil homens em uma área, galpões no meio de uma floresta. Na hora do almoço, quando tocava a sirene da empresa, parecia um formigueiro. Para entrar na fila e almoçar, era um corre, corre, coisa horrorosa. Tinha 03 tipos de restaurantes A (gerentes, chefes engenheiros, pessoal graduados); B (intermediários, administrativos, técnicos coisas assim) e C (da geral, o mais horroroso de todos).

Como era trabalhar em uma empresa que prestava serviço para Aracruz?

Trabalhei lá por quatro meses e o acesso era difícil. Para chegar quatro horas da tarde saia quatro horas da manhã. Em 1976 a estrada para chegar no município de Aracruz era de chão, se chovia os carros atolavam, o acesso a fábrica era impraticável, porque formavam lagoas no meio dos eucaliptos e os carros não passavam. Tinha que entrar na floresta de eucaliptos. Quem não conhecia se perdia lá dentro. Quantas e quantas vezes os bombeiros tinham que localizar pessoas que estavam sumidas. Uma vez me perdi. Estava vindo de Vitória, tudo interditado por conta da chuva, o motorista da Kombi resolveu entrar pelos eucaliptos. Nossa chegada seria por volta de meio dia. Chegamos ao anoitecer. O negócio era complicado.

Tinha o chefe de vigilância capitão Airton que na verdade era, um sargento reformado. Os comandados, os chefes os supervisores dele, faziam horrores com os meninos, batiam, prendiam. Tinha que ter pulso firme, por conta dos maus elementos. Vinha gente do Brasil inteiro (Alagoas, Sergipe, Ceará, Bahia, Minas, São Paulo).

O senhor vivia em Coqueiral mas trabalhava para as pessoas que viviam em Barra do Riacho. Como era essa rotina e o bairro Barra do Riacho?

A folha de pagamento era semanal. Pagar era uma coisa horrorosa. Tínhamos o pessoal admitido em São Paulo, Vitória e transferidos para Barra do Riacho e os contratados em Barra do Riacho mesmo. Cada um tinha sua folha de pagamento, encargos e recolhimento. Ia ao banco, sacava o valor em dinheiro e envelopava. O pagamento era no escritório. Aquele monte de homem. Era muita confusão, aparecia muita gente morta em Barra do Riacho, matava-se gente pra caramba. Os caras iam pra lá, bebiam, arrumavam confusão, sumiam. O índice de prostituição lá sempre foi muito e continua sendo alto. Não tenho base de dados, mas me falaram que o índice de AIDS lá é bem mais alto que a média nacional.

Desde quando cheguei em novembro de 1976 Barra do Riacho já tinha a rua chamada Zona do Caixote, onde hoje é a Tecvix (empresa de manutenção). Ali era tudo casa de prostituição. Eram barracos, caindo aos pedaços. Barra inicia desta forma. O curioso é que não tinha porto e a fábrica estava em construção na época. Não sei quanto tempo antes, mas essa fama antecede a fábrica

Sobre suas rotinas na empresa?

A empresa que montou o primeiro digestor da fábrica já atuava. Para sair, chegar ou voltar era problemático. O chefe administrativo, baiano, arrogante barra pesada, não muito confiável, criva situações que colocava em risco a minha vida. Eu cuidava da folha de pagamento, secretariava, apontava ponto, ajudava na administração, na contratação. Porque o tal administrativo não entendia de nada, bulhufas de nada. Tinha muita coisa e eu não era reconhecido, mas não me preocupava, porque gostava de trabalhar. Mas o comportamento dele era meio complicado. Nos dias de pagamento, aos sábados, trabalhávamos oito, quinze ou até dezesseis horas. Uma hora antes a gente encerrava o expediente para fazer o pagamento do pessoal e dali o pessoal pegava o ônibus e ia embora no sábado. Faltava muita gente no sábado, não trabalhavam, adoeciam suas mães e filhos, muita mentira mesmo para não trabalharem. Mas não era maioria. Um belo dia chegou um cara tranquilo, com a mala pronta no sábado de manhã, falou tinha recebido um telegrama e a filha dele estava internada, precisando da presença dele em São Paulo. O envelope do pagamento estava pronto desde sexta. Explicou a situação ao chefe e o chefe dele explicou ao administrador que ríspido respondeu: “ele precisa esperar até a tarde e se for vai perder o dia e o repouso remunerado, pois não é melhor que ninguém”. O trabalhador explicou a situação de novo com toda a paciência. O administrador não deu ouvido à situação do senhor que tinha seus quarenta anos ou mais. Não era um rapazinho não!

Fiquei horrorizado, porque o senhor simplesmente sem alterar a voz, apontou pro administrador e falou assim: “olha vou sentar ali, eu vou esperar até quatro horas da tarde para receber meu pagamento e vou para São Paulo. Você ore bastante se crê em Deus, para não acontecer nada com minha filha. Porque se acontecer eu vou te buscar no fundo dos infernos, você vai ser um homem morto”. Virou as costas, saiu e ficou sentadinho lá. Eu... fiquei na minha. Meu Deus do céu e agora, o que eu faço, eu já não estava bem com o Administrador. Você está me entendendo? Ele me mandava fazer um monte de coisas que era uma mentira danada, mas eu estava ali para trabalhar, não queria me envolver com isso não. Passada meia hora, ele pegou e me chamou, falou que era para eu liberar o pagamento do cara. Liberei o pagamento.

Como era lidar com essas situações?

Depois do ocorrido, pensei eu que não vou ficar aqui. Mas ele estava sozinho e também eu não podia deixar a empresa sozinha. No final de janeiro apareceu mais gente pra trabalhar. Pessoas da própria empresa que era de outra obra foram pra lá. Como já tinha domínio de tudo, o serviço ficou dividido e fiquei mais tranquilo. Tanto é que no carnaval não fui trabalhar. Era noivo na época, queria ficar pelo menos uns dois dias em casa. O administrador respondeu que teria que trabalhar segunda e terça de carnaval sem receber hora extra sem nada. Respondi que não ia. Pedi ao David um colega que tinha chegado, para fechar a minha parte da folha de pagamento, que na quarta feira voltaria e faria o restante. Ele concordou. Mas o administrador me demitiu, pediu que falsificassem minha assinatura, botei um advogado e saí de lá em fevereiro de 1977. Foi uma grande confusão.

Já tinha dois anos de noivado e precisava fazer alguma coisa. A casa do meu pai era uma casa de tábuas velhas e grandona. Propus a ele de juntarmos todos e fazer a casa dele, mas com o direito de fazer minha casa em cima. O terreno era 1.600 metros quadrados. “Papai já tinha em mente que cada filho ocupasse seu terreninho e construísse”. Ao concluir a casa dele, o dinheiro acabou e fiquei muito endividado e desempregado. Dava para ele morar apesar de não ter reboco, acabamento nem pintura.

O que fez nesse momento?

Tinha um colega do curso de datilografia, que eu havia indicado para trabalhar na ARA. De lá em 1977, ingressou na área de lubrificação da Aracruz Celulose. Ele morava em uma república com o pessoal do DP e ouviu sobre uma vaga. Vamos lá Zezé (como era chamado pelos amigos) fazer sua inscrição. Falei que não queria voltar para empreiteira. Ele falou que não era empreiteira era para Aracruz. Depois de três semanas, fui lá, fiz entrevista, cadastro, entrevista com o cara do DP que gostou do meu currículo, me mandou pra o psicotécnico. Disse que avisava porque tinha mais duas pessoas. Na semana seguinte era feriado e pensei em viajar. Mas ligaram para que eu fizesse mais entrevistas. Fiz todas as entrevistas de pessoas que eu nem conhecia lá, mandaram aguardar novamente. Na terceira semana me chamaram para dizer que fui escolhido dos três. A entrevista final foi com o supervisor e gerente de pessoal. Eu fiz, mas sem intenção ainda de ir pra lá, de morar naquele canto lá. O gerente era um português, uma pessoa nossa, maravilhosa. Europeu né, nossa, que nível ele tratava as pessoas. Quando retornei para o supervisor de novo pra ele me falar que ele informou que estava contratado, informou função, salário que era três vezes mais o que eu ganhava.

Mudei totalmente de ideia. Ganhava mil e setecentos cruzeiros. Entrei para ganhar quatro mil e oitocentos. Isso na faixa inicial, se eu passasse do período probatório de 90 dias ia pra cinco mil e trezentos. Além dos benefícios que era muita coisa. Quando eu fui contratado fiquei lá no Bairro em uma república, apesar das muitas casas vazias na Rua Jacarandás. Depois fomos para a Rua Cedros.

Ficamos lá na Cedros um tempão. Meu colega engravidou a menina e casou. Saímos de lá. Eu tava na bica para casar também e tudo naquele mesmo ano.

Entendi. Então aproveitou para casar?

Corri atrás de uma casa pra mim. Ele me alertou que eu podia aproveitar e casar também. Eu não tinha dinheiro para casar, mas tinha uma ajuda de custo. A empresa ela pagava até dez salários mínimos pra você morar no bairro Coqueiral. Além de pagar a mudança. Fiz as contas e dava para eu casar entre junho e outubro. Falei para a esposa que topou. O aluguel era simbólico, R\$ 1, 87 centavos de aluguel. Então pedi uma casa e me deram uma casa nas Rua Cerejeiras, 201. Por exemplo se quebrasse um abajur lá você ligava e falava quebrou o abajur de casa, eles vinham cá e trocava, quebrou a maçaneta. Quebrou a maçaneta lá de casa. Eles trocavam. Eles trocavam tudo era tudo por conta deles. Né era desse jeito.

Com exceção do jogo de quarto e do fogão que ganhamos de presente de natal foi tudo de segunda mão de gente de Rio, São Paulo que ia lá para o bairro Coqueiral e não aguentavam. Ficavam 2, 3 meses lá sem nada para fazer apesar de ter banco, escola, clube da orla, mas no clube na época não era qualquer um que podia entrar, era só chefe. O povo não tinha nada para curtir. Apenas um barzinho. O pessoal do Rio de Janeiro viu uma diferença enorme. Apesar de muitas atividades que a empresa promovia não era a mesma coisa.

A empresa então era o centro de tudo?

Aracruz Celulose tinha uma composição societária bem forte: O BNDES, um grupo finlandês se eu não me engano e mais um outro particular que era o Lorentes um escocês se não me engano, que hoje vive em Domingos Martins, uma pessoa simples. No grupo era a única pessoa física.

Para minha mulher era um sonho. A história dela é triste. Pai alcoólatra, quando trabalhava, largava o dinheiro nos botecos. A mãe batalhadora, uma pessoa maravilhosa. Uma lady apesar da pobreza. Criou onze filhos dela lá, tudo com dignidade. Não tem engenheiro, médico, mas todo tem amor próprio, honestidade.

Quando casamos, tínhamos 21 e eu 25 anos. Ela fazia a sétima série. Mas nem concluiu (risos) para casar. Depois de casados, ela fez intensivo para concluir o primeiro grau. Ela trabalhou como babá desde novinha, mesmo raquítica para ajudar a família. Minha sogra era batalhadora. Conseguiu conviver com o marido alcoólatra e criar bem os filhos.

Minha esposa da noite para o dia que não tinha nada, de repente tinha uma casa maravilhosa. Foi um diferencial para nós dois. Inicialmente ela não quis trabalhar. Um ano depois veio o primeiro filho e mais cinco anos e meio veio o V. Mesmo não querendo, ela teve muitas oportunidades na época. Quem tinha criança com problema de saúde corria lá em casa. Atender, medicar, era com ela mesmo. Lá em casa tinha uma farmácia e ela dominava tudo. Tinha livros, estudava e identificava todo tipo de doença. Quando os meninos estavam grandes e a sobrinha, filha do coração já estava com seis anos, minha esposa resolveu trabalhar. Já estavam os três maiores, tinha uma menina que trabalhava lá em casa, uma pessoa de confiança. Então ela resolveu trabalhar.

Em 1983 tentei fazer vestibular depois de ficar um tempão sem estudar. Tentei UFES e nada. A empresa começou a falar, que quem tem estudo tem mais oportunidades. Estudei por fim Administração em Colatina. Minha esposa me viu estudando, se empolgou e fez Técnico em Contabilidade, fez o vestibular, cursou bacharel em ciências contábeis e depois fez uma pós-graduação em educação infantil. Hoje fez concurso público e atua na Serra como professora, DT. A empresa pagava o deslocamento ida e volta, A gente pagava o curso. Meu prêmio ao concluir o curso foi me mandarem embora da empresa por conta da fusão de todas as áreas espalhadas pelo Brasil. Na unificação ficaram 52 pessoas no DP.

O efetivo reduziu nessa época de 7.300 empregados para 4.000 mil entre 1991 a 1994. O Luiz Coffman, diretor terceirizou as áreas que não eram a atividade fim da empresa, terceirizou. Por isso chegaram na região mais de três mil empreiteiras.

Entre Imetame, Estel, tinha na área também da construção civil que era de ex empregados da Aracruz Celulose que chegou forte, mas de repente por má administração morreu também. Neste ano de 1994 comprei a minha casa por R\$ 9.998,00 reais.

Uma coisa marcou muito a minha vida quando sai recém-formado com muitos cursos feitos pela empresa da Aracruz Celulose em 1994, achando que dominava todos os assuntos, por ter alcançado uma Supervisão. Sentia-me o dono da cocada preta, por ter uma bagagem grande. Sofri muito quando fui para o mercado de trabalho e vi que não sabia absolutamente nada. Era um robô em cima de um trilho. Tudo que a empresa fazia vinha pronto, eu apenas executava.

“Surgiu uma lei, vamos implantar o cartão de ponto”. Recebia as leis e toda orientação do que fazer passo a passo. Não pensava. O software tal implantava e botava pra rodar. Levei um ano pra mim me adaptar à realidade da vida aqui fora.

A saída da Aracruz significou o que na sua vida?

A Aracruz me ensinou muito, foi uma mãezona, mas me limitou porque aceitei. Tinha que ter acompanhado o que acontecia aqui fora. Não fiz isso.

Foi o que deduzi após meus 16 anos de Aracruz Celulose. Meu poder aquisitivo era tão grande que me tornei 100% materialista. Achava que estava bem e o resto era o resto, então quando você chega lá fora que você vê o salário.

O meu primeiro emprego depois que saí, foi de assistente administrativo, técnico administrativo, ganhando quatrocentos e oitenta reais. Quando sai da Aracruz recebia mil e quatrocentos reais.

Hoje atuo na Tecvix. Fui fazer uma auditoria e um dos sócios me chamou para atuar. Assumi o DP e fazia pagamentos de mil reais de cartão, quinhentos reais de cartão naquela época era normal. Então via um cara que trabalhava lá uma semana, ganhava noventa reais, cento e dez reais, agradecendo a Deus por ter ganhado aquele dinheirinho. Perguntava-me “gente o que eu estou fazendo aqui nessa vida? Onde está minha gratidão”. Hoje sou grato por ter começado a enxergar.

O bairro Coqueiral segundo Ivan de Carvalho, coordenador de RH, advogado, estudioso, era o melhor bairro, condomínio residencial industrial da América Latina, porque tinha tudo, toda uma infraestrutura, ruas maravilhosas, centro comercial, clube comunitário, sauna, supermercado, campo de futebol, transporte dado pela empresa, até empresa de manutenção do bairro tinha, a SANTUR, bem diferente de Barra do Riacho com estigma de ser um bairro violento, marginalizado. Antes mesmo da Aracruz ser concluída, lá chegou o pico de doze mil homens na área né. Então imagine você controlar doze mil homens. O alojamento era em frente a fábrica. Eram uns quartinhos. Mal, mal dava um beliche de um lado, um beliche do outro, uma portinha e uma janelinha. Eram quatro pessoas.

A SANTUR era administradora, da construção e depois da manutenção do bairro. Que depois mudou pra Aracruz Celulose Coqueiral, industrial, administrativo, comercial, por fim Aracruz Celulose Florestal. Administrava a clínica que também era excelente. Pra entrar no bairro tinha que se identificar. Nada podia ser vendido nem livro, sem autorização da empresa.

Praticamente um condomínio fechado?

Sim. Tinha três entradas e a guarita no meio do bairro mais duas guaritas que os guardas revezavam. De hora em hora uma bicicletinha passava. Era eles revezando, monitorando. Quando entrava algum carro estranho o cara já passava um rádio pra central de vigilância. Falava assim, “entrou carro tal, placa tal, assim, assim, assim”.

Apesar de não ter delegacia, nem posto policial a segurança era garantida. Até hoje mantém essa característica de parecer um condomínio fechado. Hoje mora muita gente que não é da empresa. Os que compraram casa quando o pessoal foi embora. Qualquer coisa errada imediatamente era solucionada. Uma colega minha construiu logo ali do lado, entraram na casa dela e roubaram a televisão dele. Em dois dias conseguiram achar a televisão dela lá em Linhares. Não ficava nada impune, não era divulgado, mas a gente sabia que as coisas eram resolvidas. Hoje não é diferente não. Está um pouquinho fora de controle por conta do órgão público. Já não temos o monitoramento da empresa. Mas mesmo assim em relação a outros bairros e a sede a Aracruz, ainda é controlado, parece ser mais elitizado.

Muitas vezes a população do Coqueiral cobra do órgão público aquilo que se tinha na administração da Aracruz Celulose. O nível de atendimento é bem diferente agora que a Prefeitura assumiu. Exigimos que fique aqui em cima. Ora até as lâmpadas de casa a SANTUR trocava. Eles relaxaram muito porque o bairro era urbanizado, tudo gramado, não se via um mato nem nada, com os dois primeiros anos que ficou por conta do órgão público aquilo virou colonhão (tipo de mato) da altura desse teto aqui ó (apontando).

Quer queira, quer não no bairro tinha uma divisão. A própria Aracruz evidenciou. Porque tinha a parte da frente do bairro eram de casas tipo A e B. Par as pessoas de alto nível com armário embutido e com tudo. Depois vieram as casas tipo C, C1 e C2 com dois e três quartos que já não tinha muita coisa. Além de ser menor, não tinha acabamento, não tinha armário embutido, não tinha nada. E o piso era um vermelhão. Éramos chamados de pés vermelho. Depois tinham as casas C e as casas tipo D, que eram na rua Jatobás, ultima rua e tinha uma península só de casa D e tinha outras duas penínsulas de casas C. C1 e C2.

Então o preconceito acontecia?

Sim, dividiram o bairro em três setores. Os chifres de ouro, os chifres de prata e os chifres de bronze (risos).

Até hoje algumas pessoas eles te olham meio de lado quando você diz que mora em Coqueiral, né. Eles sentem assim, que somos diferentes deles.

A vinda para Coqueiral foi maravilhosa, foi um divisor de agua pra mim, esposa e filhos. Igor O mais velho e bastante comunicativo, casou, comprou casa na mesma rua que nós e não pensa em sair de Coqueiral, tem uma filha de 8 anos e muitas amizades com pessoas mais velhas, novas de qualquer idade até hoje. Eles agradecem a Deus pela Aracruz Celulose e por ele ter nascido e criado em Coqueiral. Se fosse em Cariacica talvez ele não estaria vivo. Porque meus amigos lá em Cariacica, quem não morreu de cachaça, morreu de briga, facada, tiro, são poucos. Só quem conseguiu sobreviver foi quem saiu de lá.

Como funcionava a Educação?

Meu filho mais velho estudou em 1977 na Escola Ativa. Era um barracão de tábua grandão imenso onde hoje é o parque. Em 1988 passou a ser Pitágoras, hoje é Darwin cujo terreno está ameaçado de ser tomado pela Fibria. A faculdade de Aracruz já existia.

Todas as crianças de Coqueiral que vieram de fora estudaram ali. Meu filho nasceu foi criado ali, com três aninhos, eu não queria botar ele na escola cedo, mas todos os coleguinhas dele começaram a estudar, então ele foi junto. Ali ele engrenou. Proativo, a escola abria as sete horas, ele as seis horas já queria ir pra escola. Meus dois filhos estudaram na Escola Ativa. A filha coloquei na escola pública por conta do desemprego, mas na alfabetização e Escola Ativa, virou Pitágoras. Ela fez a prova por duas vezes e passou. Alguns ex professores da Escola Ativa, montaram uma escola em Aracruz, chamada Casa do Estudante que virou faculdade. A juventude deles foi muito boa. Participavam de grupo de jovens, time de futebol (veteranos e jovens). Campeonatos, bicicleta, motocross.

Chegou a se envolver politicamente ou nas Associações?

Faço parte de uma sociedade que se envolve muito com o órgão público, é a maçonaria. Então faz, ajuda, se envolve, faz filantropia. A maçonaria era um dos representantes do conselho de curadores de uma certa Instituição que por identificarmos conduta inadequada sofremos ameaça na direção das nossas famílias. Não desistimos de atuar, criamos o CISA, um órgão pelo qual monitoramos a polícia, cobramos policiamento e manutenção. Quando existe algum risco, somos chamados a participar também.

Qual sua visão da implicação da JURONG para os moradores?

No caso da Jurong não foi diferente, quando se provou a implantação investigamos: O quê que tem, o que precisa? ” Houve um estudo amplo com relação ao impacto da Jurong na comunidade de Coqueiral de Aracruz e no município de Aracruz. Quantas pessoas estarão envolvidas? Cinco mil, Dez mil pessoas? Então baseado no quantitativo de pessoas foi negociado com o órgão público, ficou bem claro, que quando a Jurong começasse as atividades, teria que ter montado tantas escolas, tantos postos de saúde, o efetivo policial tinha que aumentar em tanto. Tudo foi negociado nas reuniões e assembleia pública.

Não participei dessa reunião por ser em uma esfera mais acima. Mas temos amplo conhecimento disso daí. Em algumas palestras foi muito evidenciado que o órgão público tinha que atender. A demanda que ia chegar pra lá, tinha que ser atendida a altura. A Jurong está concluindo a obra e você não vê um hospital ampliado, nenhum posto de saúde feito a mais, nenhuma escola feita a mais, nem reformada não é feito. Porque muitas vezes eles pedem ajuda para os órgãos particulares, mas como não é mostrado ninguém faz.

As empresas buscam onde implantarem suas plantas. Se aqui no ES, se na Bahia, se em MG. Isso é briga política. Aqueles políticos mais fortes conseguem negociar e levar pro canto deles. É igual Espírito Santo que embora esteja no Sudeste, é fraquinho, não tem força política, igual nosso município. Tem muito dinheiro, mas não tem força política. A gente não sabe oficialmente não, mas na época que veio a Aracruz Celulose ela dificultou muito a entrada de outras empresas aqui na região.

Quais resultados e consequências o senhor vê com a chegada das Empresas aqui?

A Aracruz beneficiou muita gente de alguma forma e em contrapartida contribuiu pra que Barra do Riacho favelasse. Aquela rua onde tinha o caixote ali, para traz era mata, até a pista de ferrovia. As invasões começaram ali dos sujeitos que vinham do interior da Bahia, de Minas Gerais, migraram muitas pessoas em função da Aracruz celulose que dava emprego pro todo mundo. Então hoje o povo. Você precisava ver antigamente esses. Hoje em dia os sem-terra já tem o padrão de fazer as casinhas dele com lona preta, mas antigamente, com tábuas, restos de coisas que pegavam. Barra do Riacho era assim. Hoje tem casa tudo direitinho por conta das muitas empreiteiras (terceirizadas) que vieram e deram oportunidade. Quando era primarizado, não tinha a terceirização, não tinha oportunidade, a Aracruz não admitia ninguém. O pessoal era antigo lá, muito antigo. Então esse pessoal vinha com vontade de trabalhar e não tinha emprego e ficava ali na miséria.

E acaba que o poder público não realizando o que se compromete insinua que é a empresa não está ajudando. Acaba que fica essa fama.

Trabalhei oito anos lá na Tecvix, fora esses oito anos, trabalhei mais seis anos na Canexus. Então são quatorze anos de convivência com o bairro, Barro do Riacho.

Porque a Canexus ela tem um projeto lá na Barra do riacho chamado Projeto Anzol. Projeto Anzol, o que ela fez. Como ela é uma multinacional, em cada local tem que ter uma, um... Atividade social né. Esse negócio assim, responsabilidade social. Eles, isso tem até no formulário deles esses negócios todinho. Então eles montaram, viram a coisa. O Projeto Anzol ensina a pescar. Este projeto é financiado pela empresa e administrado pela entidade daqui de Vitória cuidar que é a ACES, uma ONG. No budget deles todo ano tem uma verba destinada da ACES, apresentam o relatório pra Canexus, que cobra resultados.

Nas outras empresas, na Aracruz Celulose na época da Aracruz Celulose, na época agora da Fibria, Tecvix, Evonic, outras empresas que se aproveitam dos projetos das grandes também entram, como é o caso da Tecvix, abriu muitas ONGs ali. Tinha o Dedo Verde, Projeto Anzol, Projeto negócio de surf lá que deu muito resultado também. E outras ONGs lá isoladamente. A Aracruz tentou de alguma forma fazer um comando central, mas a própria comunidade dificulta. Tem o líder comunitário do CSBR. Que é o centro de Barra do Riacho. Tem o líder comunitário do Xique Xique, tem o líder comunitário da Don Pedro lá não sei de onde e cada um pensa de forma diferente. E não dá certo. Esse projeto que a Aracruz estava fazendo era maravilhoso. Sempre cedíamos o espaço da Tecvix para as reuniões. Tinha um grupo grande e chamamos o órgão público. Mas quando o negócio dava certo um puxava a corda. Nós estávamos nos preparando para fazer o registro na OCIP com o estatuto pronto, deu tudo para traz. O povo quer ficar como tadinho para ter ajuda e recebe cesta básica. No final do ano tem caminhões de carrinho para dar aos filhos. Eles vivem disso aí, acham que isso é bonito. É meu parecer.

Meu sentimento é que eles não querem evoluir. Vou mais além. A Tecvix como é uma empresa da região dava e dá muita oportunidade até hoje. Pedia para o pessoal estudar e o pessoal não estudava, mas mesmo assim davam algumas oportunidades. Contratava pessoas chave para fazer o serviço e menos experiente para completar o quadro. Sempre da Barra do Riacho ali. Mas veio a lei do menor aprendiz em 2004 e optou-se por contratar apenas de Barra do Riacho. Muitos ingressaram como menores e desenvolveram bem, tanto que empresas maiores os contrataram. Hoje temos esta dificuldade para gerenciar esta turma de meninos por conta dessas divisões e briga política Barra do Riacho. Em Coqueiral o pessoal tem um conhecimento, estudo melhor favorecendo o direcionamento dos filhos.

Concluindo, a migração para mim foi ótima. Tinha um projeto de ter uma família quando conhecia só o mundinho de Cariacica. A migração, minha saída de Cariacica foi maravilhosa não tenho que reclamar tudo que tenho hoje agradeço a Aracruz Celulose por ter me chamado me contratado e o município também que tinha uma estrutura bem melhor na década de 1990. Neste período tinha uma briga política com duas famílias: O Eraldo Mussi e o Primo, dois políticos que brigavam se confrontavam politicamente. Ao mesmo tempo eram duas pessoas conceituadas na sociedade e entre eles a briga era só política. Fora da cena política se cumprimentavam e mantinham uma política saudável.

A. TONI, Barra do Riacho - Migrante Pousadeiro, 59 anos, casado pela segunda vez, 06 filhos

Conte um pouco sua vida e família. Como foi sua vinda para Barra do Riacho?

Saí de Resplendor para Mantena, seguindo sozinho para o Espírito Santo, aos 09 anos de idade cheguei ao município de Timbuí para conseguir alguma coisa na vida. Desde pequeno éramos três irmãos. Minha mãe vivia de casa em casa, porque sem ter dinheiro para pagar aluguel, era expulsa. Éramos despejados todo mês e eu tinha que trabalhar e ajudar, pois os outros dois irmãos eram menores. Mesmo trabalhando isto foi ficando na minha mente e eu prometia a mim: “um dia eu quero ter alguma coisa para poder ajudar minha mãe a sair do aluguel.” Saí pelo mundo, procurando trabalho. Fui parar numa fazenda onde o dono fazendeiro, me adotou como filho. Com o trabalho, comecei a ajudar minha mãe que continuava em Mantena. Passei a pagar o aluguel e cuidar dela. Acabou a rotina de mudar de casa toda hora, de ser despejada. Meu pai largou minha mãe com três filhos pequenos. Nesse trabalho na fazenda fiquei até os vinte e dois anos. Sai para casar e viver minha vida. A primeira esposa era de Timbuí.

Tivemos três filhos e viemos para Barra do Riacho. Depois de 18 anos de casado, as coisas foram desandando, até que separamos.

De Timbuí para Barra minha mudança veio em uma Kombi. Não tinha ônibus. Antigamente Job fazia frete. Eu não tinha nada. Vendi tudo vim pra cá sem dívidas. Na época aqui tinha era peixe, muito peixe...

Tinha muita zoeira, muita bagunça, muito forró, muita bebedeira e isso foi acabando Barra do Riacho tinha fama de ser um lugar violento ou de ter tráfico. Para mim que moro aqui desconheço isso. Então o que, que acontece? "Ah, mas você fala, porque é o seu lugar". Não, porque em todos os lugares existem o tráfico de drogas e a violência desde o momento que você procura ele...

E como foi se manter em Barra do Riacho?

Estou em Barra do Riacho há uns trinta e cinco anos. Cheguei na época da implantação da segunda expansão da Aracruz Celulose. Esperei esta obra por treze anos.

Tem dois anos que casei com essa esposa de agora que está em Gramado. Com ela tenho mais duas meninas lindas. Uma foi com ela e a outra ficou, quis ficar comigo tomando conta de mim. Vim para Barra do Riacho porque lá em Timbuí a empresa que eu fornecia alimento para os trabalhadores abriu falência. Fiquei muito endividado, tive que vender tudo que tinha para pagar as dívidas. Fiquei sem nada.

Aí um pessoal me falou “olha você vai lá para tal lugar assim, assim, (Barra do Riacho) porque lá vai ter expansão da fábrica... vai chegar muita gente e você vai se dar bem”.

Vim com Luiz Pato Rouco, um caçador, que me arrumou um lugar aqui para eu ficar tomando conta para ele. Depois as coisas melhoraram, aluguei um ponto que na época era uma casinha de cachorro, onde botava os cachorros de caça e depois virou galinheiro.

Transformei o lugar, passei cal, peguei a mulher e os três filhos e vim para cá onde ficamos por três anos. Até que comprei o ponto. No início só fornecia o almoço dos estivadores. Pagaram adiantado para fazer seis refeições. Fui à mercearia do Cristovinho que depois passou para Seu Zé Coelho e comprei o necessário. Vendia o almoço e comprava a jantar. Tem muito estivador aqui por causa do porto. Um dia eles falaram assim: “Ailton nós gostamos da sua comida, será que você podia fazer o jantar”. Ficaram de vir dezoito pessoas.

Comprava mais do que os outros, porque eu fazia o almoço, vamos supor, pra vinte pessoas e eles gostavam. Antes tinha dois restaurantes do finado Waldemar e do finado Bacachá, depois que cheguei. Tudo ia bem. Seguia fazendo o almoço, quando chegava o pessoal do navio para carregar eles já contratavam as refeições. Já fiz almoço para cento e vinte pessoas.

Eu e minha esposa cozinhando, depois fomos contratando... A nossa primeira funcionária foi Carminha que hoje é dona da mercearia aqui ao lado. Ela casou com o rapaz que ganhou a mercearia do pai.

Os jornais falam que nesse período veio muita gente?

Foi, quando veio a expansão da Aracruz, começou época de parada de fábrica e passamos a atender toda gente que vinha para parada de fábrica. Mas não tinha alojamento. Comecei a alugar uns quartinhos que eu tinha aqui. Como a demanda foi grande e tinha muita casa vazia aqui, na época, os donos das casas me procuravam para que eu alugasse as casas. Então alugava as casas deles...com isso ganhava também. Fornecia alimentação e falava: "ó tenho casa para alugar". Perguntavam: "mas tem beliche"? Não tem não. "Então você coloca beliche que a casa já tá alugada". Colocava os beliches e alugava as casas. Teve vezes de hospedar seiscentas pessoas nas paradas de fábrica. Fui ganhando dinheiro e investindo aqui mesmo. Só que agora as o fluxo de gente das paradas de fábrica foi diminuindo

Tenho dois hotéis com trezentas vagas e estou esperando as empresas retornar para ocupar estas vagas. Comecei aqui sem nada, fui trabalhando, construindo, investindo fazendo dívida de acordo com a demanda e hoje estou com a obra toda praticamente concluída. Depois Zé Coelho abriu a mercearia e eu comprava aipim deles, tudo que precisava aqui no restaurante, porque eles tinham plantações.

Meu hotel chama Seis irmãos, por que são seis filhos...três do primeiro casamento e dois agora e uma que eu tive por fora. Veio fez o exame, era mesmo minha filha, inteirando seis filhos.

E sua rotina com seu trabalho, com o que o bairro oferece?

A gente vive trabalhando igual o trabalhador veio para trabalhar vem se hospeda trabalha, chega já tarde, janta. Uns vão para a igreja outros vão dar uma volta na rua dá e outros vão dormir. Todos têm televisão no quarto...

Temos hoje uma faixa de umas 70 igrejas só da Assembleia aqui no bairro. No município não tinha nenhuma. Só tinha aqui na Barra do Riacho e tinha um em Aracruz hoje dentro do município o evangélico prevalece. Chegam fazendo o trabalho comunitário. Onde era bagunça, aonde era boteco de cachaça hoje é tudo igreja. E também aonde era boteco de cachaça é uma loja de roupa.

Vê-se mais loja de roupa comércio disso, comércio daquilo, mas comércio de cachaça a senhora não vê o que a senhora achar hoje aqui é uns três ou quatro botecos de cachaça. Assim mesmo não tem quem bebe.

Tínhamos, ainda temos os melhores funcionários. O que você pensar aqui tinha e tem: engenheiro, montador, soldador, tem de tudo...

Nós tivemos até o time de futebol e não tinha ninguém que ganhava dele. Quando tinha jogo eu ia pra lá vender picolé, lanche.

Barra do Riacho ganhava dinheiro como além da indústria?

A economia daqui era a pesca. Tinha a Rua principal de Barra do Riacho, a única calçada com esgoto, porque foi a população que fez e o ajuda do prefeito Eraldo. Está do mesmo jeito até hoje. Vinha muita gente pra comprar peixe, os barcos de pesca chegavam com até três mil toneladas de peixe. Quando cheguei peixe Peroá era cinquenta centavos o quilo, peixe espada que vinha junto com os peixes eles doavam para o pessoal. Vinha muita gente pra pegar peixe de graça. Até hoje eles falam que quem acabou com os peixes foram as empresas que chegaram, mas não é verdade. Quem faz isto são arrastões que lideram, lá de fora. Que acontece? O peixe ele sai na época de desova, muda de setor para desovar, depois volta com os filhotinhos, igual ao camarão e a pescadinha. Aí vem o arrastão que localiza o fluxo de peixe, jogam o alçapão e pegam toda a manada.

Hoje a senhora vai ao lugar que eles tratam peixe igual cheguei e fiquei horrorizado como eles tão acabando com todos os peixes que tinha aqui nas redondezas. O peixe aqui agora que tá chegando de caminhão. Vem tudo de fora, aquelas pescadinhas tudo miudinha que faz dó, mas é o que eles tão usando agora.

E a infraestrutura?

Tinha o postinho de saúde pequeno, porque a população era pequena. Quando veio a expansão da Aracruz foi aumentando e hoje temos praticamente um hospital construído, mas não funciona vinte e quatro horas, tem poucos médicos. Agora que estão colocando médico assim mesmo o hospital não foi inaugurado ainda. Onde era o posto de saúde mudaram pra lá, mas não inauguraram até hoje.

Sempre tivemos essa dificuldade. O maior problema é ter que ir pra Aracruz sempre que precisamos de algo. Trouxe um caixa eletrônico do banco Bradesco que atende a comunidade para depósitos, saques, pagamentos a aposentados. Funciona aqui no hotel mesmo, começando bem cedo e fechando as 16h.

Abrimos o hotel às cinco horas da manhã para café dos que vem de fora, cinco e meia, seis horas atendemos tanto para o café quanto para o Banco. A gente tem um limite. Se tiver saque e depósitos equilibra o trabalho, mas se tiver só depósito, pagamento de boletos o limite ele encerra. Às vezes encerra três horas. Para depósito funciona até as sete da noite. Se tiver gente até dez horas deixo funcionando.

Barra do Riacho, hoje não tem mais violência como tinha. Não aumentou e o peão que vem para trabalhar é selecionado não é mais aquele grupo de peão que vinha antigamente que pintava e bordava. Hoje o peão que vem é totalmente diferente, antigamente chegava tudo era bagunça, mas hoje a empresa, ela frisa se ele fez bagunça ele retorna para o lugar dele.

Tem muitos que vem trabalhar chegam aqui, gostam das meninas e ficam. Vem de todo lugar Espírito Santo, Bahia, Minas, do Sul. Quem mais vem mais é mineiro. Carioca tem muito pouco. O estado do Espírito Santo é praticamente baiano e mineiro.

Seus filhos estudaram, trabalham por aqui ou saíram?

Para educar as crianças praticamente tive que tirar meus filhos daqui. Minha filha estudou aqui... até o ensino médio, fez a faculdade de contabilidade em Aracruz. Hoje estamos sem escola de ensino médio. A luta da gente é trabalhar para dar educação aos filhos igual hoje tenho três filhos trabalhando na Aracruz. Um atua no porto, uma toma conta da área financeira (antes fazia minha contabilidade) e o terceiro ingressou no projeto menor aprendiz. Graças a Deus meus filhos... Estão encaminhados. O que não pude fazer por mim, faço por eles. Agora tenho seis filhos e seis netos. Os netos também estou encaminhando. Todos estudam em Aracruz. Minha filha mora em Aracruz tenho dois filhos que moram em Aracruz. Ontem eu tive lá numa escola de inglês pra saber, porque eu coloquei meus netos...coloquei meus filhos tudo pra fazer inglês, por quê? A empresa hoje... hoje um peão chegou pra mim e reclamou que ele foi lá pegar a carta e a carta atendia todos os requisitos dele, mas quando ele chegou pediram inglês, porque hoje nosso maquinário hoje que tão chegando no nosso país hoje é tudo em inglês quando você pega o manual ele chega, você pega o manual ele chega lá ele transforma em inglês hoje uma máquina hoje meus filhos hoje trabalham lá no porto. Tenho uma honra muito grande de dizer que meu filho foi um dos primeiros escolhidos para trabalhar numa barçaça, e em um Operador de guindaste. Era o que ele mais queria... hoje ele é operador de guindaste, porque a empresa comprou o guindaste e escolheu da turma dele ele foi o segundo escolhido.

Entendi. Se sente realizado por tudo isso, não é?

Entendeu? Por quê? Então quando falo isso me emociono (**enche os olhos de lágrimas, baixa a cabeça e dá um forte suspiro**), porque graças a Deus... as vezes na reunião eu falo: gente o interesse da empresa não é trazer gente de lá de é colocar gente daqui para trabalhar aqui, mas só o que acontece? As empresas querem que vocês profissionalizem e dão vários cursos de graça. Hoje tem quatro mil cursos em Aracruz, uns duzentos cursos de graça pelo SENAI por todo estado.

As empresas estão capacitando, mas aí os nossos jovens não querem ir, porque o pai não incentiva. Então... às vezes o filho tem que crescer com o pai incentivando, mostrando o que é melhor para eles? Hoje estamos cercados de um polo industrial. Filho de pescador não quer ser pescador, hoje o nosso pescador já perdeu o amor pela pesca, porque ele vai lá e traz aquele peixinho que mal dá para comer...

Não dá para manter a esperança, eles já estão velhos, não aguentam mais pescar, entendeu? Não treinaram os filhos para serem pescadores, porque os pais querem o melhor para os filhos, então se eu quero o melhor para o meu filho ponho ele para estudar para ele fazer aquilo que eu não fiz. Para amanhã ou depois ele pode dar um sustento melhor que nem eu fiz com minha mãe. Ela hoje não pode mais anda. Pagamos duas pessoas para tomar conta dela na casinha dela que construí do jeito que ela queria. Dois anos que está acamada. Sem contar com minhas noras, irmãos, minha esposa que ajuda tomar conta dela? Então a gente faz porque cresci com amor e dou o sustento. Como fui líder da comunidade repetia sempre, faça como eu faço, eduque seus filhos, coloque numa boa escola. Aqui em Barra do Riacho graças a Deus, todo mundo vai falar bem de mim, porque são trinta e cinco anos que eu moro aqui procurando fazer o melhor para a comunidade. Hoje eu já não posso mais, junta a idade, as emoções que me impedem de ir à reunião da Associação do bairro, já não sou mais Líder da Comunidade. Minha filha me proibiu de ir às reuniões. Porque eu chego lá, vejo aquele monte de gente reclamando que a empresas não dão serviço. Só dá serviço ao pessoal de fora, mas os profissionais de verdade daqui estão trabalhando.

Agora aqueles que não quiseram estudar que nem eu disse que hoje eu vi aqui um reclamando que ele atende pedreiro, carpinteiro, soldador, mecânico, mas não tem o curso de nenhum desses. A empresa exige o curso, dá o curso de graça, eu falei: tá vendo aí, quando a empresa quis dá o curso de pedreiro, soldador e eletricitista de graça aqui pra vocês, não era para vocês somente trabalhar na empresa, era pra que vocês sejam profissionais. Porque o profissional hoje é aquele que tem no papel. Antigamente profissional era aquele que sabia fazer. Se não tiver canudo (certificado) não é profissional. Você pode não ser profissional, mas você fez o curso você é profissional.

Então só tenho o segundo grau. Não estudei entendeu? Sei muito mal assinar meu nome. Só o nome entendeu? Porque eu não sei escrever, mas Deus me deu a inteligência.

Vejo isto e falo na comunidade; sempre discuti na reunião sou líder da emancipação fizemos um levantamento de emancipação com a dona Luíza do Seu José Coelho a mãe do prefeito, entendeu? Ela é a cabeça da emancipação, nós fizemos um movimento muito lindo conseguimos levar em votação. Por que emancipação? Porque tudo que nós arrecadamos aqui... vai para Aracruz. Hoje nós estamos aqui rodeados de empresa, mas o lucro todo vai pra Aracruz. Não tem retorno pra nós aqui.

Barra do Riacho tem boas chances de se destacar?

Barra do Riacho ainda não é emancipada. Ari Cabral colocou um projeto na câmara lá para ser votado pra que Barra do Riacho seja distrito de Aracruz...

Só que nós temos um livro da constituição que lá na constituição ela diz o seguinte: município não pode ser tirado do outro, entendeu? Então Barra do Riacho pertence a Vila do Riacho pois é Vila do Riacho que é o município. Barra do Riacho não pode ser distrito de Aracruz.

Então, eles colocaram isso para poder não emancipar mas ficou a fábrica e o Estaleiro colocaram em Barra do Sahy. Diz que Estaleiro é em Barra do Sahy, mas o Estaleiro é em Barra do Riacho, por quê? Barra do Riacho ela é traçada aonde? Lá no rio Barra do Sahy. Aquela ponte indo pra Vila do Riacho em Barra do Sahy, pertence a Barra do Riacho.

A fábrica Aracruz Celulose pertence Barra do Riacho, entendeu? Então eles colocaram esse nome de Barra do Riacho chegando até Aracruz, nós fizemos um projeto dizendo o seguinte: já que Barra do Riacho é distrito de Aracruz, queremos que o circular (ônibus) venha até aqui. Mas eles engavetaram nosso projeto. Porque se eles continuarem debatendo que Barra do Riacho é bairro de Aracruz, nós queremos um ônibus circular, um terminal aonde viria até o terminal de Barra do Riacho, voltando para Aracruz com uma passagem única.

Porque o processo que eles fizeram não tem validade e coloca Barra do Riacho como bairro de Aracruz.

E o benefício não é só para mim, mas adquirir para os que vêm não só para os meus filhos, como também para a população. Essa situação assim de emancipação está acontecendo ou engavetada, mas de vez em quando dá uma mexida.

As empresas contribuem ou complicam a vida dos barrenses?

As empresas que chegam e as expansões contribuem, porque Barra do Riacho hoje vive das empresas. A sobrevivência da pesca deixa muitas vezes o pescador nervoso, dizendo que as empresas acabaram com o peixe deles. A Petrobrás estoura lá e espanta os peixes, dizem. Mas não é! São os arrastões que antigamente vinham para cá e foram acabando com os peixes, porque os pescadores e seus barcos são pequenos. Eles só pescam o que dá pra eles comerem, é artesanal, para família. Os barcos grandes que vem de fora eles já pega peixe para exportar. O grande vem todo organizado, equipado.

Fazendo um balanço da vida, achei o que queria porque aqui eu criei raiz né?

(Risos). Sinto que sou daqui, praticamente já sou filho do lugar, então quando a gente luta, investe pelo lugar, trata melhor pra o peão, melhorando cada vez mais o atendimento, investindo. Hoje ele chega aqui na Barra do Riacho encontra apartamento com ar condicionado, frigobar, televisão. Então criei raiz e investi em cima disso em prol de quem? Em prol das empresas. Particularmente vejo que as empresas não atrapalharam. Muito pelo contrário, só contribuiu para o meu negócio, além de gerar um monte de emprego. Já tive até quarenta funcionários todos daqui de Barra do Riacho

E todos esses investimentos que dizem fazer?

Quando se fala de Barra do Riacho eu me emociono, porque eu sei o que Barra do Riacho **ERA** e o que Barra do Riacho **É HOJE**. A única coisa que a gente sente é as empresas não investirem para a nossa melhoria. Vai para lá e eles não retornam para cá. As vezes o investimento não vem, às vezes até o investidor não quer trazer. Isso aqui vai acabar sendo mais um polo industrial. Daqui um tempo a gente vai ter que sair daqui.

Como as empresas, vai ter que tirar o povo? Penso que o povo já está incomodando eles, porque a empresa quer crescer e a população não está deixando crescer, entendeu? A população de Barra do Riacho não deixa porque ficamos presos dentro de um polo industrial. Hoje aqueles que tem mais condições já estão saindo para fora. Meus filhos nenhum querem morar aqui...porque tudo que precisa tem que ir pra Aracruz que arrecada, mas não traz retorno. Se a senhora fizer uma análise da nossa orla é uma das melhores do estado e do país. O manguezal de Piraque-açu é um dos melhores do país, entendeu? Nossa orla todinha atrai turista, mas não tem investimento nenhum. O melhor carnaval do Espírito Santo é em Barra do Sahy. Todo ano, natal, ano novo e férias de Barra do Sahy até Jacaraípe é lotado de gente e não tem onde colocar ninguém.

Então, onde está o investimento dessa orla, desde Barra do Riacho até Jacaraípe? O imposto que a empresa paga vai tudo pra Aracruz, mas não retorna.

Então as empresas que chegam hoje, estão se instalando na região das praias... fui numa praia aqui na Vila, uma das melhores do estado entendeu? Hoje vai ser o posto de uma empresa. Aqui nós estamos cercados de empresa, estamos dentro de uma bomba. Assim não há interesse nenhum de investimento para nós. O único investimento nosso aqui é nos jogar fora.

Está esperançoso com os projetos atuais?

Hoje tem a Nutrigás que vai construir um porto aqui para cinco navios. O que vamos ficar aqui fazendo aqui no meio? O melhor porto está aqui na frente de Barra do Riacho e é aonde vai ser construído o porto da Nutrigás. O porto da Portocel aqui vai pegar o porto da Nutrigás daqui até lá mostrando), então na nossa frente aqui tudo vai ser porto. Aqui terá uma área para armazenar contêiner e fechará a saída da barra e vai fazer outra saída a saída de cá a Aracruz Celulose já fechou. Abriu um beco para passarmos.

A Portocel e a Nutrigás vão fechar a saída de cá também. Vamos ter dois becos para entrar e sair. Se explodir uma bomba aqui, não temos para onde correr a não ser para a água. A Petrobrás já passou também com os tubos dela de gasoduto. Tem o gasoduto todo fechado, então estamos bem aqui no meio. Os filhos estão crescendo, só tem velhos. Se a senhora pegar essa beirada nossa aqui é o único lugar que a senhora vai encontrar jovem é para cima no bairro de São Pedro, Rua das Orquídeas que é um dos mais carentes daqui. Estamos fechados dentro de uma bomba e eles estão analisando como vão fazer para nos tirar daqui, porque é um grupo que foi nascido e criado aqui então vai dar trabalho para tirar. Ai, desabafei muito. Se for desabafar mais vou falar o dia inteiro. Vamos tirar a foto.

Obs.: Além do protocolo e assinatura do TCLC, perguntei se poderia tirar uma foto na frente do estabelecimento junto com sua filha antes de ir embora. Sr. A., concordou com a foto. Informe-me que colocaria na pesquisa. Ele respondeu que fica bom né mostrar de quem se trata.

N. S. Oliveira, Lina de Barra do Riacho.

Nascida em Santa Catarina, 60 anos, viúva, 02 filhas, hoje vive sozinha

O que lhe trouxe de tão longe como a Sra., chegou até esse bairro?

Em 1981, cheguei em Vitória de ônibus depois de dois dias de viagem e o que me trouxe para cá foi o casamento, eu nem conhecia esse lugar aqui. Namorava meu marido lá no Sul, sou natural de Santa Catarina e ele do Paraná. Então nos conhecemos lá. Ele veio para pintar a primeira caldeira da fábrica. Me formei em História lá em oitenta e um e em oitenta e dois tinha o diploma, eu já dava aula só para o primário. E já vim com o diploma e consegui. Já sou professora há quarenta e cinco anos. Ele era pintor, já trabalhava em uma firma de pintura e revestimento da Liticot. A empresa veio fazer serviço aqui, deixando ele como encarregado da primeira caldeira. Até 1999 quando ele faleceu em um acidente. Em 1982, conheci a diretora Anabele Passini Souza que consegui me colocar para dar aula em Santa Cruz. Íamos de ônibus até a balsa para atravessar e dar aula.

Qual foi sua primeira impressão?

Quase morri quando cheguei aqui. Vim até a rodoviária de Vitória, depois quando cheguei em Aracruz tinha uma rodoviária pequena e um hotel só. Passei o último dia do ano de 1981 num hotel, só. Daí eu vim, passei a noite ali e ele já tinha alugado uma casa aqui na Barra do Riacho. Viemos no carro de um amigo, pois não tinha transporte. Vim com uma mala com os pertences só dentro e pronto. Chegando na Barra do Riacho fiquei assustadíssima. Tinha luz, daí água fizemos o poço colocamos a bomba, era jogado na caixa, daí então ia para as torneiras. A primeira casinha era tudo de madeira, mas perto da praia, onde paguei aluguel. A cidade não tinha calçada, era só lama assim. Por que, deixa eu ver, em 1987, tinha dado enchente aqui. Então muita gente estava com tudo destruído, a lama invadiu casa, destruiu mesmo por conta da enchente. Eu tinha vinte e seis anos de idade nunca tinha visto enchente na minha vida, eu. Então me encontrava com as pessoas, e elas me falavam, porque sou muito comunicativa, fiz amizade com todo mundo. Elas me contavam como foi a enchente. Daí então a prefeitura deu casa para gente morar lá em cima, por lado de São Pedro lá para cima, fica ali na rua do posto de gasolina direto subindo, era o bairro mais carente, mas hoje não é mais não. A prefeitura foi fazendo casa, eles foram construindo.

Dizem que tem cada casa linda que tem lá para cima. E, trabalhando por que aqui é uma vila de pescadores. Eu fui muito bem acolhida aqui, nossa. Me senti em casa. Até hoje, sou apaixonada por aqui, esse lugar, apesar de pequeno. Tinha posto de saúde, mas era muito pequenininho, em 1981, vinha um médico por semana de

Como era a infraestrutura?

Aracruz uma vez na semana. Tinha o posto telefônico onde ligava para minha mãe, eu ia e esperava muito, pois tinha que esperar muita gente e fazia ligação. Era um a casinha ali, os médicos vinham de Aracruz uma vez por semana.

Tinha apenas um ônibus da empresa Caboclo Bernardo que ia de manhã e voltava de noite. Hoje é Expresso Aracruz. Posto de gasolina foi feito um pouco antes de 2000.

Hoje Graças a Deus tem de hora em hora. Hoje mudou muito. Sai daqui mesmo, pra Aracruz, tanto que o pessoal estuda lá parece. Muita gente estuda lá. Tem um só de estudante, tem um ônibus só de estudante.

Em 1984 fundou o segundo grau, a professora Magda Barcelos foi diretora, estive com ela e a escola era muito boa. Os alunos faziam várias atividades. Uma das melhores escolas, só tinha professor formado. Tinha professores brilhantes como o professor Jose Maria Coutinho, muito inteligente, que inclusive me ajudou a fazer a monografia.

Ele movimentou muita coisa aqui em Barra do Riacho. Foi ele que montou a primeira associação de moradores. E fez assim, tudo que era projeto que apresentava para Aracruz ele dava suporte.

Lembra da ampliação da fábrica?

Acompanhei na década de oitenta a ampliação da fábrica de Aracruz, vieram muitas pessoas para cá. Na época eu tinha um bar aqui em baixo, mercearia e açougue aqui em baixo. Vinha muita gente de fora, muita, muita gente, mas era final de semana. Muita morte. Muita violência. As vezes nos íamos na praia e via pessoas mortas, mas não sabíamos quem matava. Era muito assim, as vezes era escondido, até hoje a gente não sabe quem matava.

Era ruim, mas tudo era novidade para nós. Gente matando gente era novidade, e tudo que acontecia era novidade, a gente ficava meio triste, mas era novidade também. Tinha bastante policiais que tomava conta, ninguém falava mais nada pronto. Muita gente de fora, muita gente. A maioria da Bahia, eu lembro que eu fazia sarapatel. Eles vinham aqui, comiam muito peixe frito sarapatel, nossa eles vinham aqui e sentavam na mesa e ficavam até esvaziar o freezer. Era muita cerveja todo final de semana. Então era mais próximo ali na Aracruz tinha alojamento, eles ficavam ali e o bar mais perto era o meu aqui. Então chegavam tudo aqui.

Quando meu marido faleceu, não tive vontade de ir embora, gostei daqui e fiquei aqui para educar minhas duas filhas. Não tenho parente nenhum aqui não, daí eu já comecei a dar aula aqui. A minha vida eu comecei aqui e voltar para o Sul fazer o que? Achei bom criar minhas filhas aqui. Foi fácil. Não tinha perigo, era tudo aberto sem muro, elas ficavam muito tempo brincando, saíam de manhã e voltavam no almoço e depois à tardinha, iam na praia.

Na beira da praia, tudo aberto. Hoje tem muro, porque eu não sei quem é meus vizinhos nem aqui nem mais nada.

Daí minhas irmãs falaram para eu vender tudo e ir lá, voltar, eu disse então vamos fazer o seguinte, vocês vendem tudo lá e vem vocês pra cá. Ai também não quiseram. Na minha vida eu comecei aqui e aqui que eu vou ficar. Ai uma filha minha casou. A outra ta estudando em São Mateus e eu estou aqui sozinha.

Terminou esse ano Ciências Biológicas, ela terminou. Agora ela começou a fazer mestrado, fez a prova e passou lá mesmo em São Mateus.

Trabalho dentro da escola do município de Aracruz e misericórdia, misericórdia. Estou na educação há quarenta e cinco anos. Olha, eu iria daqui a Santa Catarina a pé hoje para ter aqueles alunos de quarenta e cinco anos atrás, a escola tradicional. Eu ia a pé todos os dias daqui até Santa Catarina. Hoje eu não quero a sala de aula nem me buscando.

Muito difícil, a professora não fala, não temos comunicação com os alunos. Hoje quem fala é o aluno com o tal celular, não te respeitam, não te diz bom dia, não te diz tchau, não te diz com licença, nem muito obrigado, nem por favor. Entendeu? Eu chego a chorar gente, eu sou daquela pessoa do tempo da educação que gosta de ensinar por vocação.

Sou daquela que você ia para uma igreja, você tinha que dar lugar para o mais velho. No ônibus tinha que dar lugar... hoje você não vê um aluno dar lugar para um idoso. Eles te empurram, não te pedem licença. Não diz muito obrigado, por favor, eu fico só olhando.

Gente eu fico assim, só peço misericórdia de Deus por dessas crianças. Uma professora não tem valor nenhum, é o fim do mundo. Quando comecei a dar aula, meu Deus. Tenho muita saudade. Vou para o sul, nem conheço os alunos lá. Hoje entro na internet, eles mandam foto. Professora eles falam assim, olha você me ensinou a ler escrever, mas eu nunca mais te vi. Olha eu sou fulano, eu nem mais sei quem é, aqui minha esposa, filhos, netos, até tataranetos. Através de você hoje eu sou um médico, dentista, fico assim emocionada. Hoje eles nem conseguem dizer bom dia nem tchau.

Sinto saudade, sempre gostei, eu já estou na educação. Hoje estou em um projeto por conta de ter sido criada na roça, mas a gente saiu da, mas a roça não sai da gente.

Sempre gostei de planta então fiz uma horta grande quando estava na direção na creche.

Como desenvolveu seu trabalho?

Plantei de tudo naquelas garrafas pet, fiz canteiro com garrafa pet e enchia de areia. Daí a secretaria de educação veio ver se interessou, ficou um projeto bem grande. E começaram a fazer farofa, fazer suco de couve, fazer aquelas tortas com todos os legumes dentro.

Depois outro prefeito ganhou a política e você sabe que política é política, saí da direção. A secretaria de educação me chamou. “Natalina você vem aqui em Aracruz que eu quero conversar com você”. Daí eu disse assim, “não acredito que eu você quer me colocar no seu lugar de secretaria de educação, aí disse assim. “Aquele projeto lá na horta, você vem para cá eu quero que você faça esse projeto aqui”. Aí comecei lá em Aracruz, então lá tem muita verdura na cozinha né. Ensino receita para as cozinheiras lá na escola. O que tu fazes com a casca da melancia, com a casca da banana, com a casca da cenoura, beterraba e da mandioca. E tudo, com o talo, com as sementes, entendeu? Então elas fazem lá e através da horta lá, a horta elas complementam. Quase uma escola de alimentação alternativa né. Fazem mais de doze, doze anos que eu estou nesse projeto.

Sua percepção é de que as empresas cooperam ou dificultam a vida no bairro?

As empresas ajudam as pessoas a melhorarem a vida. Eu fui diretora da creche a empresa Evonik adotou a creche por oito anos, ela me ajudou muito ali. Não posso reclamar nada não. Muitos acham que elas não ajudam. Elas favorecem emprego pro pessoal daqui, mas só que o pessoal daqui as vezes eles ao se capacitam e não conseguem concorrer às vagas e as vagas ficam para o pessoal que vem de fora.

Acredito que o fato de não ter SENAI na época, gerar custo e ser uma vila de pescadores impedia de se capacitarem. Agora que tem o Senai em Aracruz, muita gente faz cursos o para trabalhar. A Aracruz Celulose, na Bragussa, que hoje é Evonik, e no Portocel estão empregando muita gente. O destino era pescar, vender o peixe e manter a família. Como que iam fazer uma faculdade e tal e não tinha curso. Entende? Talvez pra Vitória ficava caro, por isso que eles não tinham curso de capacitação. Empresa na época não oferecia desse jeito.

Hoje oferecem gratuitamente. Sempre que eu vejo ali ela passa oferecendo. E tem muita gente entrando para capacitar para depois. Capacitar fica mais barato. Por isso que a Jurong está capacitando hoje.

Tem muita oferta de trabalho para os barrenses?

As empresas dão prioridade para quem é daqui. Tem que apresentar documento, conta de luz ou água para comprovar residência. Se for daqui eles ficham, se é de fora eles não ficham porque tem que trazer a família, pagar aluguel, luz, água e então fica muito caro. Quando a Aracruz Celulose veio, eles davam alojamento. E pagavam as casas. Como em Coqueiral? Muitos jovens ficam, por causa dos pais que são daqui. Tem muitos que como a empresa não oferece o que eles querem, por exemplo, ser dentista, então eles procuram o rumo deles. A minha por exemplo ela quer ser bióloga, então já se foi.

Em outra entrevista soube que existe preconceito com os barrenses. Como a Sra. vê?

Quando a Aracruz veio para cá, a Barra do Riacho inteiro trabalhava na Aracruz. Deus me livre, só que hoje virou muita droga, por causa dos navios, mas tem muita gente trabalhando lá ainda. Hoje entra na droga quem quer. Eu vejo, eu que fui professora aqui, o aluno que foi bom é advogado, é piloto, é marinho é bom pai, mas aquele que não quer nada com estudo. É triste. Muitos alunos mortos por causa da droga, entende? Então não adianta querer culpar ou justificar ser marginal por não arranjar emprego. Ele que escolheu esse caminho e os pais não tem culpa disso, os pais não ensinaram isso.

Não adianta querer culpar a fábrica que não arruma emprego não. Não tem nada que culpar a fábrica. Elas oferecem, mas depois, o que vão fazer lá dentro, eles não vão trabalhar por que bebem, se drogam, não buscam ter profissão, não querem nada.

É como a questão da prostituição, não estourou quando a Aracruz implantou aqui. Foi bem antes e chamava Caixote, pegaram as caixas de verdura e começaram a construir. Ali na beirada da Avenida. Hoje não tem mais nada. Tem só uma casinha aqui, tem, mais nada, não, mas eles ainda falam que aqui na Barra do Riacho é lugar de prostituição. Não tem mais nenhuma, mas você sabe como é que é. Ficou essa fama.

Tinha a dona que chamavam de Mama, ficava no prédio com dois andares, com vinte e um apartamentos e um salão de strip-tease onde dançavam pole dance que o pessoal disse que é uma coisa bem atual, mas. Ela tratava como trabalho, cuidava das meninas que vinham de fora, de Linhares, dava documentos, vestia, ensinava a se comportar.

Muitas vezes as meninas iam para a vida por vaidade. Com o passar dos anos, os pais não podem dar aos filhos tudo que eles querem, como roupa, pintura, coisas bonitas que elas acham que vão ficar... de repente engravida, não se cuida provavelmente, porque teve uma época que eu vi no jornal, aqui teve um, uma situação de quase emergência, porque tinha muita gente com sífilis, muita gente mesmo. Até as crianças já nasciam contaminadas.

Na Educação, Saúde houve melhorias?

Quanto às melhorias na Educação, bem quem sou eu para falar de Educação?

Na saúde, ai Jesus, as empresas remuneram os médicos para colocar o plantão aqui no posto de saúde. Porque a prefeitura não está pagando muito bem os médicos, então eles fazem esta parte, de forma que esse povo todo que trabalha seja atendido. A comunidade sai ganhando com isso. Já ambulância não temos e o serviço fica sendo ruim.

Hoje o perigo daqui é quando tem chamada para as empresas, não sabemos quem está vindo para cá. Se são marginais, se fugiram da cadeia. Nunca se sabe. Aqui cada empresa olha para o seu lado. Portocel, Evonik, Degussa, Tecvix, Aracruz, agora vem a Jurong e mais um monte de empresas. Até mudaram a saída de Barra do Riacho.

O que sei é que isso aqui vai virar polo industrial. A Nutripetro, empresa de contêiner vai se instalar aqui na beira do rio. Aqui não vai ter mais sossego. Porque vai ter estacionamento. Os que ficam aqui que não quer vender suas propriedades, não vão dormir, não vão ter sossego. Vai ser barulho vinte e quatro horas por dia. Porque o porto é deles para levar carga para os navios levar para o estrangeiro. Parece que vai sair todas essas casas aqui na beirada, mas parece que eles vão indenizar. Aqui vai ser polo industrial, não vai ter mais sossego aqui, eles vão tomar conta, ou por bem, ou por mau. Ou sai, ou sai.

(Fala, mostrando a direção) Ali é o mangue. Tinha e ainda tem muito caranguejo. Meu marido adorava e eu gostava de cozinhar caranguejo para ele. Era uma festa. Nós brigava porque ele queria comer, e eu queria fazer e ele também queria fazer, mas eu não deixava. Eu sinto saudade do tempo bom. Vinte anos não são dois dias. É uma vida!